**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA**

Emerson Marques de Santana

**PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO E AS CONTRADIÇÕES NA
PRODUÇÃO DO ESPAÇO – O CASO DA BRF EM LUCAS DO
RIO VERDE - MT**

Versão Corrigida

SÃO PAULO

2019

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA**

**PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO E AS CONTRADIÇÕES NA
PRODUÇÃO DO ESPAÇO – O CASO DA BRF EM LUCAS DO
RIO VERDE - MT**

Emerson Marques de Santana

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Geografia Humana, sob orientação da Profa. Dra. Marta Inez Medeiros Marques

Versão Corrigida

SÃO PAULO

2019

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

S231p Santana, Emerson Marques
 PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO E AS CONTRADIÇÕES NA
PRODUÇÃO DO ESPAÇO - O CASO DA BRF EM LUCAS DO RIO
VERDE - MT / Emerson Marques Santana ; orientador
Marta Inez Medeiros Marques. - São Paulo, 2019.
 147 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de Geografia. Área de
concentração: Geografia Humana.

1. Precarização do Trabalho. 2. Cotidiano. 3.
Produção do Espaço. 4. BRF. I. Marques, Marta Inez
Medeiros, orient. II. Título.

fflch

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): EMERSON MARQUES DE SANTANA

Data da defesa: 16 / 12 / 2019

Nome do Prof. (a) orientador (a): MARTA INEZ MEDEIROS MARQUES

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 14 / 02 / 2020

(Assinatura do (a) orientador (a))

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a todos que direta ou indiretamente me ajudaram a chegar neste momento de conclusão do mestrado.

Agradeço a minha família, sobretudo minha mãe Cleide, e meu pai Edvaldo pelo apoio em todos os momentos, principalmente durante estes anos de estudos em Geografia.

Agradeço ao amigo Rodrigo pela ajuda durante o curso, pelo socorro nos mapas da dissertação.

Agradeço ao Gustavo, pelo carinho e ajuda no desespero da redação desta dissertação, assim como por todas as conversas e discussões, muito obrigado.

Agradeço à Prof.^a Dra. Marta Inez Medeiros Marques, pelos ensinamentos, por me proporcionar uma consciência muito mais crítica sobre o mundo, por ter aceitado ser minha orientadora, muito obrigado professora!

Agradeço aos trabalhadores da BRF em Lucas do Rio Verde, pelas entrevistas, por me receberem de forma tão simples e educada, por compartilharem um pouco de suas vidas.

Agradeço as noites mal dormidas, aos trabalhos da universidade, a todos os litros de café que tomei até hoje e que me deixaram acordado madrugada afora, aos fichamentos, resenhas e relatórios de campo que me deram a capacidade para escrever essa dissertação.

Agradeço a Geografia, por me ajudar a compreender o mundo, por ser hoje a minha paixão, por me levar aos lugares onde nunca sonhei em estar, por ter me proporcionado anos inesquecíveis na minha vida.

Agradeço a todos os professores que fizeram parte de minha formação, especialmente meu orientador de graduação o Prof^o Danilo Volochko.

Agradeço a Capes pelo apoio financeiro, sem esse apoio, não só minha pesquisa não seria possível, como o próprio desenvolvimento da ciência no Brasil também não.

Sobretudo agradeço a luta da classe trabalhadora desse país, que reivindica sua existência cotidianamente!

(...) desejos nem sempre vem de lugares que conhecemos.

Então transformamos ilusões em respostas, enquanto somos devorados por tais desejos.

Refúgios tornam-se prisões (...), mas é possível encontrar frestas.

A única saída é fazer-se líquido e deixar escorrer.

INAFUKU, G.J, 2018.

Lista de imagens

Imagem 01: Casas no bairro Tessele Junior	11
Imagem 02: PROHAB, setor responsável pelas moradias no Tessele Junior.	36
Imagem 03: Parte dos Fundos das Casas dos Trabalhadores no Tessele Junior	41
Imagem 04: Silos do lado esquerdo e comércio do lado direito cortados pela BR-163 em Lucas do Rio Verde-MT	53
Imagem 05: Avenida lateral a BR-163 em Lucas do Rio Verde, estátua símbolo lucardense e supermercado Del Moro ao fundo.....	53
Imagem 06: Fusão da Sadia e Perdigão em 2009	63
Imagem 07: Origem da Perdigão.	80
Imagem 08: Origem da Sadia.	80
Imagem 09: BRF Unidade Lucas do Rio Verde – MT.....	106
Imagem 10: Vista do complexo industrial da BRF em Lucas do Rio Verde – MT.	107
Imagem 11: Vista da Área da Nova Sede da Prefeitura de Lucas do Rio Verde – MT.	123
Imagem 12: Prédio da Prefeitura de Lucas do Rio Verde – MT.	123
Imagem 13: Vista do bairro Parque dos Buritis em frente a Prefeitura de Lucas do Rio Verde – MT.....	125
Imagem 14: Placa do loteamento do Parque dos Buritis com casa ao fundo.	125

Lista de Mapas

Mapa 01: Em destaque lotes correspondentes às moradias dos trabalhadores da BRF no Bairro Tessele Júnior.	13
Mapa 02: Localização do bairro Tessele Junior na cidade de Lucas do Rio Verde.	14
Mapa 03: Localização de Lucas do Rio Verde em Mato Grosso	45
Mapa 04: Municípios cortados pelo eixo da BR-163 em Mato Grosso.	49

Lista de gráficos e tabelas

Tabela 01: Origem e Número de entrevistados correspondente a cada Estado.....	18
Tabela 02: Evolução e Taxa de Crescimento Populacional de Lucas do Rio Verde....	55
Tabela 03: Estimativas de População no Período de 2001 a 2019	55
Gráfico 01: Crescimento Populacional em Lucas do Rio Verde entre 2001 e 2019.....	56
Tabela 04: População residente em Lucas do Rio Verde, Por Sexo e Lugar de Nascimento.....	58
Gráfico 02: Gráfico de Barras Empilhadas Sobre População Residente	59
Tabela 05: Lucros e Receitas BRF S.A.....	66
Tabela 06: Número de Funcionários por Tipo e Gênero da BRF	67
Tabela 07: Dados Sobre Emprego por Região.....	69
Tabela 08: Números de Desligamento e Rotatividade na BRF	70
Tabela 09: Número de Contratações e Taxas Correspondentes por Região	71
Tabela 10: Proporção de Gastos com Fornecedores por Estado.....	73
Tabela 11: Indicadores Financeiros da BRF.	91
Tabela 12: Informações sobre Patrimônio, Lucro/ Prejuízo e Número de Funcionários da BRF.	92

SUMÁRIO

Apresentação.....	1
Resumo	4
Introdução.....	5
CAPÍTULO 1 Trabalhadores da Brasil Foods S.A: Componentes diretos da vida e Questões de Ordem Direta.....	9
1.1. Luiz Carlos Tessele Junior: O bairro dos Trabalhadores.....	10
1.2. Trabalhadores, Histórico de Vida e Relação com a Empresa.	15
A Questão da Moradia dos Trabalhadores: A PROHAB e outras nuances da relação da empresa com o trabalhador.....	34
CAPÍTULO 2 : BRF e Lucas do Rio Verde: lógicas que se condicionam. 43	
2.1 - Lucas do Rio Verde: Histórico e Crescimento do Município.....	44
2.2 - A Brasil Foods SA – BRF:	61
Passado e Presente da BRF: A Lógica Financeira e Seus Desdobramentos: .	74
2.3 - Relação entre Empresa e Município	92
CAPÍTULO 3: Conflitos e Tensões: a realidade da produção do espaço em Lucas do Rio Verde e suas contradições.....	104
3.2 Componentes da Contradição na Produção do Espaço de Lucas do Rio Verde.....	118
Conclusão	128
REFERÊNCIAS.....	131
ANEXOS	138

Apresentação

A produção científica é fruto de um momento em que a confluência entre o entendimento da realidade e a abstração feita à partir dela se materializam no pensamento, sendo esta uma consciência subjetiva e objetiva de relações que se constroem no saber, portanto antes de mais nada parto aqui de um posicionamento a respeito do que se deu enquanto processo de construção do que trato nessa dissertação de mestrado, e de como esta é fruto de um momento de apreensão não somente e especificamente do interlocutor que vos fala, mas no limite, da possibilidade de desvendamento da realidade como está imposta.

É importante falarmos que tal construção de entendimento sobre o caso que aqui iremos apresentar faz parte de um novo momento, dentro de um processo de construção e aprofundamento da crítica que se faz acerca das questões que envolvem a vida dos sujeitos aos quais tentamos compreender. Tal relação começou a partir de um projeto de iniciação científica desenvolvido na época da graduação durante o ano de 2014 na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), orientado pelo prof. Dr. Danilo Volochko, desde então tivemos contato mais direto com leituras e discussões acerca do caso estudado, assim como com o método de análise que se propunha, dentro de uma discussão crítica da realidade. A partir disso foi realizada uma pesquisa em campo, onde tivemos nosso primeiro contato com os trabalhadores da BRF mais diretamente, no início do ano de 2015, sendo base para produção de um trabalho final de graduação que defendemos no mesmo ano.

Entendemos como sendo ponto de crucial importância nesse processo o ingresso na pós-graduação, os contatos com diferentes discussões que tivemos durante essa nova fase de aprofundamento teórico, sendo as disciplinas ministradas pela professora Dra. Marta Inez Medeiros Marques assim como da professora Dra. Amélia Luisa Damiani de mais alta relevância para um contato aprofundado com as obras de Henri Lefebvre e de outros situacionistas como Guy Debord. Juntamente com a orientação da professora Marta e os grupos de estudos com foco na questão financeira, assim como os apontamentos e críticas feitas à pesquisa na ocasião de nossa qualificação,

nos ajudaram na reformulação e aprofundamento das discussões presentes na pesquisa, cujo conteúdo completo poderá ser analisado mais adiante.

A presente dissertação trás em si um movimento que não é ligado apenas ao que acredito ser a melhor forma de se expor as questões e análises que serão feitas, diz respeito à forma como a idéia crítica tem tomado corpo dentro das indagações que surgiram até este momento, onde a intenção é de que se parta do que há de mais substancial e rico nesta pesquisa que é a questão dos trabalhadores da Brasil Foods S.A - BRF em Lucas do Rio Verde - MT, suas histórias de vida e trajetórias assim como todos os conflitos nelas existentes, sendo esta a questão que abre caminho para todas as outras dentro da dissertação, aí está o ponto nevrálgico do encontro entre as lógicas municipal e empresarial, as vidas que foram mobilizadas para a chegada da “riqueza” e “modernidade” prometidas, aí também está presente à negação permanente destas. É do bairro Tessele Junior, mas mais precisamente de sua gente, os trabalhadores, de onde irão surgir as demais questões contidas no texto da dissertação.

É importante que se diga que temos como base as oportunidades que tivemos de ir à Lucas do Rio Verde, e entrevistar os trabalhadores da BRF no bairro onde estes vivem. Nossa primeira visita à Lucas ocorreu na época da graduação, e serviu para redação do trabalho final de curso, no ano de 2015. A segunda oportunidade que tivemos ocorreu já durante o mestrado, no ano de 2017, sendo esta visita a campo base para o relatório de qualificação e de parte das informações contidas na dissertação. A terceira e última viagem à Lucas foi realizada no ano de 2018. Nas ocasiões descritas também foram entrevistados representantes do poder público, sindicato e empresa.

Nas ocasiões citadas foi utilizado um questionário semiestruturado que nos ajudou a estabelecer contato com os entrevistados, e aproveitar ao máximo a conversa com eles. A partir das entrevistas foi possível acessar a trajetória desses sujeitos, as questões relativas ao trabalho na BRF e a vida em Lucas do Rio Verde, assim como as tensões e contradições desses momentos. Nosso marco de análise é a chegada da BRF em Lucas do Rio Verde – MT no ano de 2009. As entrevistas com os trabalhadores foram gravadas com a

autorização dos mesmos, onde lhes foi informado que suas identidades seriam preservadas no conteúdo da dissertação, com relação ao nome dos representantes da empresa, prefeitura e sindicato, foi decidido trazê-los como forma de ressaltar a veracidade das informações descritas e pelo fato destes serem figuras públicas ou facilmente identificáveis pelo cargo que ocupam. Cabe ressaltar que devido aos apontamentos realizados pela banca na defesa deste documento, foi decidido adotar como forma de melhor identificar os entrevistados, nomes fictícios, isso em respeito à identidade destes e para que o leitor melhor se situe quando as falas são apresentadas no corpo da dissertação.

Para tanto a dissertação foi organizada em três capítulos. No primeiro é feita uma contextualização do caso estudado de forma mais cuidadosa, onde estão presentes as falas dos trabalhadores entrevistados, as várias ocupações exercidas durante a prestação de serviço destes para a empresa, a dura rotina de trabalho, e os problemas que envolvem a realidade dos trabalhadores e o bairro onde vivem.

O capítulo dois dá continuidade as informações e elementos que são importantes para que o leitor compreenda o universo estudado, com relação ao município de Lucas, seu crescimento e as motivações ligadas a uma suposta aptidão deste lugar em receber um complexo agroindustrial do porte da BRF. Essa empresa também será apresentada, assim como as contradições que surgiram a seu respeito, juntamente com a discussão crítica sobre o que está por detrás da imagem de sucesso e riqueza apregoados por esta.

Sobre o capítulo três, é o ponto no trabalho onde questões específicas do incomodo e insatisfação na relação do trabalhador com os agentes público e privado se materializam, assim como as diferentes realidades produzidas em Lucas do Rio Verde que ajudam a relativizar a suposta modernidade e riqueza presentes na cidade.

Resumo

A produção do espaço está assegurada através da correlação de processos e dinâmicas que possuem intrínseca ligação entre si, sendo assim as categorias Trabalho e Cotidiano são extremamente importantes para que se realize uma análise da produção desse espaço, repleto de contradições e conflitos, baseados em uma sociedade desigual e heterogênea. O caso dos trabalhadores da BRF em Lucas do Rio Verde demonstra justamente esta relação, entre a precariedade do trabalho ofertada a um grupo social, o qual se vê inserido numa lógica de exploração extrema de sua força de trabalho e que por consequência se expressa no cotidiano destes, por sua vez repleto de relações conflituosas, de segregação, e por uma precarização da própria vida cotidiana em si. A ideologia apregoada pelo município de Lucas do Rio Verde do desenvolvimento, da riqueza, prosperidade, e modernidade esconde estas relações contraditórias, em que esta riqueza se sustenta a partir da superexploração de trabalhadores como os da BRF. Esta Dissertação tem por objetivo dialetizar este discurso e trazer à tona reflexões importantes como a precarização do trabalho e cotidiano, a segregação socioespacial e a produção do espaço.

Palavras-chave: Precarização do Trabalho; Cotidiano; Produção do Espaço; BRF.

Abstract

The production of space is ensured through the correlation of processes and dynamics that are intrinsically linked to each other, so the categories Labor and Daily Life are extremely important for an analysis of the production of this space, full of contradictions and conflicts, based on a unequal and heterogeneous society. The case of BRF workers in Lucas do Rio Verde demonstrates precisely this relationship, between the precariousness of the work offered to a social group, which is inserted in a logic of extreme exploitation of its workforce and which is consequently expressed in daily life. of these, in turn full of conflicting relations, segregation, and a precariousness of daily life itself. The ideology touted by the municipality of Lucas do Rio Verde of development, wealth, prosperity, and modernity hides these contradictory relationships, in which this wealth is sustained from the overexploitation of workers like those of the BRF. This dissertation aims to dialectize this discourse and bring to light important reflections such as the precariousness of work and daily life, socio-spatial segregation and the production of space.

Keywords: Precarious Work; Daily; Space Production; BRF.

Introdução

A análise da realidade no nível da vida cotidiana compreende um esforço que se coloca enquanto desafio àquele que tenta alcançar os conteúdos de uma série de processos e movimentos que se constituem como verdadeiras indagações em si mesmas, em um momento de profunda perda de sentidos, de simplificações e reduções que não nos levam para outro caminho senão de engodos, meias verdades que pouco explicam os porquês que compõem a realidade. O que seria esta realidade ou a própria noção da mesma se não um limitado conjunto de processos que aparentemente são entendidos como desconexos e compreendidos cada qual por si mesmo (econômico, social, político). O que se esconde por detrás de tais minimalismos é a existência de uma verdadeira gama de relações, que de tão íntimas em suas composições, tão simbioticamente pertencentes à mesma lógica geral, chegam a ser prenúncios de contradições e antagonismos. Sobre esta questão, mas voltados a uma compreensão do fenômeno urbano, FERNANDES e ADAS (2004) escrevem sobre as diversas ligações e relações existentes dentro da análise dentre os fenômenos e objetos dentro da análise dialética da seguinte forma:

A própria dialética nos ensina que nenhum fenômeno pode ser compreendido isoladamente. O universo não é uma associação fortuita de objetos ou de fenômenos; objetos e fenômenos estão organicamente ligados, dependem uns dos outros e se condicionam reciprocamente.

Para a compreensão de todo e qualquer aspecto da realidade social, historicidade e contextualização são imperativos para o desvendamento das interrelações entre diferentes processos que concorrem para a gênese e desenvolvimento de um fato social. (p. 47)

É como parte dessa realidade de contrastes e conflitos que está entendido o espaço como totalidade objetiva e subjetiva, momento histórico que expressa uma complexa trama de relações, das mais gerais às mais singulares da produção humana. Numa outra via que não a das simplificações,

a crítica aparece como caminho de entendimento que não só traz à tona os problemas e desafios presentes no plano real, mas, sobretudo tenta decifrar os códigos e mensagens constitutivos da realidade. Ler esta mensagem através de um crivo crítico é ler o que não obedece à explicação simplista e enganosa de uma parcela mínima que é favorecida pelo discurso imperativo de uma homogeneidade que não o é, mas almeja ser. Sobre esta leitura possível LEFEBVRE (1973, p.9) disserta da seguinte maneira:

É nesse momento que o modo de produção domina os resultados da história, deles se apodera, integra em si próprio os <<sub-sistemas>> estabelecidos antes do capitalismo (nomeadamente: as redes de intercâmbio – comércio, ideias – a agricultura, a cidade e o campo, o conhecimento, a ciência e as instituições científicas, o direito, a fiscalidade, a justiça, etc.) sem por isso conseguir constituir-se em sistema coerente, purificado de contradições. Os que acreditam no sistema incorrem em erro, pois não há totalidade completa, consumada. E, contudo, há sem dúvida um <<todo>> que absorveu as condições históricas, assimilou seus elementos, dominou algumas contradições, sem ascender por isso à coesão e homogeneidade que buscava.

E é isso que dá ao modo de produção, tal como ele se reproduz, o seu bem curioso aspecto: partes distintas e, contudo, formação de conjuntos, sub-sistemas acompanhados de choques no todo, níveis conjuntos e disjuntos, conexões, conflitos, coerências e contradições, táticas e estratégias, fracassos e vitórias, etc.

Se aqui pontuamos este esforço de entendimento é porque tomamos a leitura crítica da realidade enquanto postura de análise, deixando evidente o anseio de que as problemáticas aqui expostas não fazem parte de um fragmento do espaço tomado em si, se assim quisermos deixar explícito o ponto chave para a análise geográfica, mas, sobretudo são parte de uma totalidade.

Compreender uma Geografia que estuda a produção do espaço é sem dúvida um esforço de se pensar o homem e a efetivação material e subjetiva do trabalho, processos por meio dos quais se objetivam não só a concretude do espaço e das relações que o permeiam, mas, sobretudo a produção do próprio homem por si mesmo enquanto ser social. Entender o trabalho enquanto produtor e produto de relações que se materializam no espaço, é por sua vez uma análise possível de ser realizada através do entendimento dos conflitos e contradições que permeiam esta instância essencial da vida (que garante a reprodução da vida) que produz por sua vez espacialidades diversas, as quais contêm em si uma gama de conflituosidade e contraditoriedade.

Nessa discussão, emerge uma série de processos e problemáticas que trazem consigo a questão da reprodução do sistema capitalista, não só enquanto modo de produção de coisas, mas sobretudo como modo de vida, que normatiza e condiciona relações. Essas relações podem estar envoltas pelas normas do sistema, mas também carregam consigo o contraditório. Sobre a questão da reprodução do modo de produção vigente, LEFEBVRE (1973, p.8) analisa que:

A questão das relações de produção e da sua reprodução não coincidem com a reprodução, segundo Marx, dos meios de produção (força de trabalho, maquinaria), nem com a da reprodução alargada (crescimento da produção). Está fora de dúvida que, para Marx, a reprodução dos meios de produção e a continuidade da produção material vão a par com a reprodução das relações sociais, tal e qual como a própria vida vai a par com a repetição dos gestos e dos actos quotidianos. São aspectos inseparáveis dum processo que comporta simultaneamente movimentos cíclicos e lineares, a saber, nexos de causas e efeitos (linearidades), mas também resultados que geram de novo as suas condições e razões (ciclos).

Na presente pesquisa procuramos entender a produção do espaço no município de Lucas do Rio Verde – MT por meio da análise das relações de

trabalho precárias existentes, e aqui destacamos o plano da vida como essencial para o entendimento de uma precariedade que está presente desde a trajetória pretérita dos sujeitos estudados, sendo estes os trabalhadores da BRF (Brasil Foods SA), passando por suas experiências dentro e fora da empresa, assim como no plano objetivo da reprodução social, entendido como nível da vida cotidiana. O marco desta produção do espaço aqui assinalada é a chegada e instalação do complexo agroindustrial da BRF, como a pouco mencionamos, no município de Lucas do Rio Verde no ano de 2009.

Procurar analisar este caso nos dá possibilidades de compreender todo um movimento de estratégias e lógicas de produção do espaço, que não apenas revelam o caráter contraditório intrinsecamente produtor deste espaço urbano, mas sobretudo nos oferece as possibilidades de entendermos uma série de indagações e porquês que estão além dos engodos e meias verdades presentes no discurso simplista de agentes do poder público e privado que se conversam e se condicionam entre si.

CAPÍTULO 1

**Trabalhadores da Brasil Foods S.A:
Questões Sobre a Vida desses Sujeitos.**

1.1. Luiz Carlos Tessele Junior: O bairro dos Trabalhadores

Como foi falado de forma introdutória, estamos trazendo à discussão uma série de questões ligadas diretamente ao conceito de trabalho e ao nível da vida cotidiana, procurando compreender a reprodução deste trabalhador e a vasta gama de relações que se estabelecem na vida destes, e como isto se espacializa efetivamente em Lucas. Cabe aqui contextualizar alguns aspectos ligados a como compreendemos este sujeito social e mesmo como o fenômeno da instalação de uma agroindústria obedece a toda uma série de estratégias e articulações que efetivaram e assim condicionaram a realização do que hoje constitui esse espaço.

O local estudado neste trabalho compreende o bairro chamado Luiz Carlos Tessele Junior, formado a partir de uma parceria entre município, Caixa Econômica Federal e Sadia, dentro do processo de instalação da empresa concluído no ano de 2009. O mesmo abriga, segundo a prefeitura de Lucas do Rio Verde, cerca de seis mil pessoas, onde 1.526 (um mil quinhentos e vinte e seis) lotes estão destinados aos trabalhadores da BRF. Tal informação difere da que obtivemos do representante do Programa Habitacional - PROHAB (setor responsável pela habitação dos trabalhadores da empresa), segundo ele são 1558 (mil quinhentos e cinquenta e oito) residências ao todo. Os terrenos foram cedidos pela prefeitura, e as casas construídas pela Sadia¹, algumas já financiadas pela Caixa por parte dos trabalhadores, conforme informações coletadas em campo - traremos este assunto de forma mais detalhada ainda neste capítulo. Vale ressaltar que nem todas as casas do local foram construídas pela empresa, uma parte foi construída e financiada diretamente pela Caixa Econômica.

No bairro estão localizadas as moradias dos trabalhadores da BRF (Brasil Foods S.A), como aqui já informamos, gigante do setor de alimentos formada a partir da fusão entre Sadia e Perdigão no ano de 2009. Tais moradores chegam para trabalhar no frigorífico da empresa dos mais diversos

¹ Na época da chegada da empresa em Lucas, a mesma passava pelo momento de fusão com a Perdigão, por isso o complexo agroindustrial corresponderia a Sadia.

estados do país, e a partir das visitas a campo e do que pôde ser visto, sobretudo das regiões Norte e Nordeste, onde se percebeu a presença massiva de pessoas vindas do Pará, assim como do Maranhão, de Pernambuco, Piauí seguidos de outros menos expressivos em quantidade. Uma das ruas pode ser visualizada na **imagem 01** a seguir.

Imagem 01: Casas no bairro Tessele Junior

Acervo: Santana. E.M. 2017.

O “Tessele”, como é conhecido, tem uma configuração muito parecida com a de outros tantos conjuntos habitacionais populares construídos pelo país (de programas como Minha Casa Minha Vida). Possui casas simples e pequenas, com lotes individuais de 10x25 (250m) com dois quartos, uma sala e uma cozinha, algumas com quatro quartos, por motivo de abrigarem mais moradores que o habitual, conhecidas como repúblicas, onde convivem até oito moradores. Em alguns casos, como relatado por entrevistados, existe a presença de pessoas vivendo irregularmente, sem ter vínculo empregatício com a BRF. A característica do local é o povo simples, com crianças nas ruas, casas sem muros, sem muitas diferenças entre elas, um padrão que chega a ser monótono. Mas também existe a presença de poucas residências muradas dentro da área que compreende a parte ocupada pelos trabalhadores da empresa, estas financiadas pelos trabalhadores que foram convocados pela BRF. Como foi comentado, existem no bairro casas que foram financiadas diretamente com a caixa, não dependendo do acordo entre município, banco e

prefeitura, como é o caso dos lotes cedidos pela mesma no acordo com a empresa. Para melhor visualizar a distribuição dos lotes, veja o **Mapa 01** a seguir:

Mapa 01: Em destaque lotes correspondentes às moradias dos trabalhadores da BRF no Bairro Tessele Júnior.

Fonte: Prefeitura de Lucas do Rio Verde, 2016.

O bairro está localizado em uma região relativamente afastada, a cerca de cinco quilômetros do centro da cidade de Lucas do Rio Verde, e é conhecido por ser um dos mais perigosos, reduto de incidentes envolvendo trabalhadores da empresa, sendo quase sempre assassinatos praticados por motivo de brigas e desentendimentos ocorridos nos dias de folga do trabalho. Apesar da fama em torno do Tessele, pudemos perceber que é um lugar de vida simples, quase que silencioso, não fosse a música alta em algumas casas, tocando brega e forró, e um carro ou outro de som andando pelas ruas. Um mapa contendo a localização do bairro e sua relação com outros pontos da cidade (centro, setor industriário e complexo da BRF) pode ser visto no **mapa 02** a seguir:

Mapa 02: Localização do bairro Tessele Junior na cidade de Lucas do Rio Verde.

Organizado pelo autor. Fonte: Google Earth. 2015.

1.2. Trabalhadores, Histórico de Vida e Relação com a Empresa.

O trabalho de pesquisa do **cotidiano**, da forma como o entendemos, trás consigo a importância dos detalhes, de como processos se constituem na vida das pessoas, apontando para os diferentes horizontes possíveis, a partir das decisões, oportunidades ou fatos tidos muitas vezes como banais no dia a dia. Diante disso, foi escolhido como recurso de análise a entrevista direta com os sujeitos pesquisados, trabalhadores com uma história recente de deslocamento provocado pela necessidade do emprego com o mínimo de garantias para manutenção da vida. Esses trabalhadores possuem histórias que não se iniciam e não se encerram neste contexto específico, trazem consigo relações anteriores que provocam desafios para o lugar onde passam a viver, assim como são desafiados pela lógica deste lugar, o que provoca uma produção e uso do espaço fruto desses processos simultâneos. Lefebvre nos ajuda a pensar sobre o estudo do cotidiano propondo um pensamento em que:

O estudo da **vida quotidiana** oferece um local de encontro entre as ciências parcelares e alguma coisa mais. Demonstra a posição dos conflitos entre o racional e o irracional na nossa sociedade, na nossa época. Determina ao mesmo tempo a posição em que se formulam os problemas concretos da produção em sentido amplo: a maneira como se produz a existência social dos seres humanos, com as transições da rareza à abundância e do precioso à depreciação. (LEFEBVRE, 1969, p. 37)

Para direcionar nossa conversa, foi pensado e utilizado um questionário semiestruturado, que procurava realçar a trajetória de vida, as motivações desses trabalhadores que decidiram encontrar em Lucas do Rio Verde e na BRF um novo rumo para vida, trazendo à tona relações que foram rompidas ou interrompidas, um modo anterior de se relacionar com o outro que difere do novo local aonde estes chegaram para trabalhar. Isso revela, sobretudo um lastro de precariedade que não se isola apenas nas novas funções dentro do complexo agroindustrial (da rotina pesada, de um trabalho repetitivo e sem muitas perspectivas de mudança nesse sentido), mas que já

está presente na vida desses sujeitos antes, gerando a necessidade de partida do lugar de origem. Organizarmo-nos assim nos ajudou a traçar um horizonte mínimo para que a conversa rendesse o máximo possível, não sendo um recurso que limitaria o nosso contato. Na verdade, por vezes as conversas se desdobraram adentro da intimidade do trabalhador e de sua vida, provocando momentos sensíveis e difíceis de serem interrompidos, tocando em pontos que cremos serem da maior importância nesta pesquisa, os quais nos esforçaremos para abordar.

Todas as informações concernentes aos trabalhadores puderam ser levantadas por meio do contato² direto de comunicação com eles, em três momentos distintos: sendo nosso primeiro contato com esses sujeitos no mês de Janeiro do ano de 2015 (na ocasião, para produção do trabalho final de graduação); outro, realizado de 13 a 16 de setembro de 2017 (que nos ajudou a produzir o relatório de qualificação, e assim dar início à escrita da presente dissertação); e a última oportunidade de visita a campo que tivemos ocorreu durante os dias 10 a 14 de novembro de 2018, importante referência para compreender essa realidade no momento atual.

Em nossa primeira oportunidade de ir até Lucas durante o mestrado, no ano de 2017, foram entrevistados 14 (catorze) trabalhadores, nas mais diferentes condições, isto porque nem todos vieram do mesmo estado de origem, mesmo assim pode-se notar uma incidência superior de pessoas vindas do estado do Pará, correspondendo a um total de 8 (oito) entrevistados (sendo este o número de entrevistados correspondentes à região norte como um todo), seguidos de 2 (dois) vindos de Pernambuco, e 1 (um) para cada um dos seguintes estados, Maranhão, Piauí, Paraíba e Mato Grosso do Sul, sendo portanto a região Nordeste a segunda mais representativa no número total de entrevistados, 5 (cinco) ao todo. Tais condições distintas entre estes também se localiza no fato de que três dos entrevistados não trabalham mais na

² Cabe ressaltar para que melhor se compreenda como ocorreu este contato, que nenhuma das entrevistas com os trabalhadores em si foram marcadas. Nas três oportunidades que tivemos de ir a Lucas do Rio Verde e no Tessele Junior conversamos com os trabalhadores que estavam fora do horário de trabalho, e no caso dos que já não possuíam vínculo com a BRF este contato foi ocasionado da mesma forma, aproveitando para conversar com estes no ponto de ônibus, nas moradias ou caminhando pelas ruas do bairro.

empresa, mesmo assim para compreender um movimento que foi percebido em outros momentos (o da grande rotatividade de trabalhadores vindos de fora), essas pessoas foram ouvidas e apresentaram importantes considerações que nos ajudaram a estabelecer a participação direta desta empresa numa série de tensões, como as políticas adotadas pela mesma e a relação que estabelece com esses trabalhadores demitidos. Ainda nesta oportunidade, aproveitamos para ter uma conversa com a responsável pela pasta de Planejamento do Município de Lucas do Rio Verde, a secretária Magna Stella Rosa da Silva Quaresma, assim como o presidente do sindicato dos trabalhadores da indústria em Lucas, Roberto Denis Padilha.

Na segunda visita a campo durante o mestrado, entrevistamos 7 (sete) trabalhadores, 3 (três) vindos do Pará, 2 (dois) do Maranhão, e 1 (um) da Bahia e de São Paulo respectivamente, na ocasião também foram entrevistados representantes da BRF em Lucas, como o responsável pela comunicação do setor de habitação dos trabalhadores da empresa conhecido como PROHAB, Jailton Torres, assim como a representante do setor de recrutamento de funcionários, Caroline. Assim como relatado da oportunidade de 2017 (apesar do número menor de entrevistados), nessa última visita nota-se novamente uma presença um pouco maior de entrevistados do Norte (estado do Pará), e dos de origem nordestina (estes vindos do Maranhão e Bahia), também como na outra ocasião conversamos com pessoas com e sem vínculo atual com a empresa, pelo menos dois em acerto de contas com esta depois de adquirirem doenças decorrentes das funções exercidas no período de trabalho (tal presença de pessoas em condições como esta também foi notada em nossa visita de 2017).

Estes trabalhadores ocupam diferentes áreas de ocupação dentro da empresa, sendo sua atuação ligada em praticamente todos os casos estudados na linha de produção da mesma. Tais atividades demonstram uma repetição e esforço intensos por parte dessas pessoas, sendo estes responsáveis de descarregar animais ainda vivos, carregar peças de corte, desossar a carne, preparo de embutidos, limpeza da fábrica, não sendo estas atividades permanentes no histórico de trabalho dos entrevistados durante seu tempo de serviços para a BRF.

Para melhor compreendermos essa rotina, e mesmo outras questões que foram levantadas durante o momento de conversa com essas pessoas, suas falas serão aqui apresentadas tal como foram ditas. É importante ressaltar que todas as conversas foram gravadas com o consentimento destes, que foram informados sobre a finalidade da pesquisa e que teriam suas identidades preservadas na redação do presente trabalho. Organizamos uma tabela, apenas para que se visualize melhor a questão da quantidade de trabalhadores entrevistados e o estado de origem dos mesmos, veja a **tabela 01**:

Tabela 01: Origem e Número de entrevistados correspondente a cada Estado.

Estado de origem do entrevistado	Número de entrevistados
Pará	11
Maranhão	3
Pernambuco	2
Piauí	1
Paraíba	1
Mato Grosso do Sul	1
Bahia	1
São Paulo	1
Total	21

Organizado por: Santana. E.M.

Voltando a questão da ocupação destes, um breve relato de um dos entrevistados é rico para as considerações que aqui formulamos, e as quais já pontuamos (sobre o esforço e repetição em suas ocupações). Quando perguntado sobre sua função na empresa assim como de sua esposa que também trabalha na mesma, um dos entrevistados ao qual chamaremos de Ivan, este vindo do estado do Maranhão respondeu da seguinte forma:

Eu trabalho com animal vivo! Descarregando o animal, e ela trabalha dentro da empresa, na parte de conferente, ela é conferente, confere os produtos quando passa, entendeu?! Pra saber certinho se tá tudo certo, quanto tá passando de cada produto, tipo quantas costelas passou, quantas...pernil, quantas (inaudível) que no final do dia tem. (Entrevista realizada em 14/09/2017)

Outra fala, desta vez de um antigo trabalhador da empresa que chamaremos de Carlos, ressalta a questão das atividades diversas as quais tinha que executar na linha produtiva enquanto lá trabalhava:

Tá bem, mas eu digo assim, eu não tinha...uma área certa, as vezes era...você tinha que ir pra área de descarregamento, carregamento de...de suínos...carregar...encher as carretas, ficar as vezes pra ajudar na...na área da limpeza, onde tivesse pra...de higienização tudo, como diz assim, eu tinha hora pra entrar, mas eu sou um cara que digo assim, eu dependo da empresa eu não tenho hora pra sair. (Entrevista realizada em 14/09/2017)

Reforçando a questão que aqui pontuamos (das várias funções exercidas, assim como da função que ocupa) uma entrevistada que chamaremos de Ana, esta vinda da Paraíba nos relatou que “Olha de tudo lá, a gente se faz um pouco! Certo!? (inaudível) A gente faz um pouco, mas agora minha função eu trabalho e sou operadora de máquina né, de higienização de caixas, material pra fornecer pros setores” (entrevista realizada em 15/09/2018).

A partir das falas e com o auxílio desses relatos vamos tentar traçar aqui uma composição desse trabalho, como está distribuído e que tempos ocupa na vida desse trabalhador, sendo assim os ritmos que compõem estas vidas estão sendo considerados, assim como o contato com a realidade desses sujeitos. Sobre o regime de trabalho e seus horários a serem cumpridos diariamente, utilizando da fala de um desses trabalhadores para compreender como esse trabalho está disposto:

É...a gente trabalha oito horas se eu não me engano, a gente chega, começa a trabalhar, aí a gente trabalha até a hora do intervalo do café...

Trabalha a noite né! Aí eu...a gente chega, janta, bate ponto, vai pro nosso setor, aí começa a trabalhar já, começa a trabalhar até a meia-noite, aí pausa, uma pausa de uma hora e pouco, duas horas, do intervalo descansa ali, depois começa de novo, vai até de manhã, cinco e...cinco e meia, cinco e meia mais ou menos. (Entrevista realizada em 14/09/2017)

Com relação às pausas ao que o trabalhador se refere, as mesmas não têm a duração de uma hora, mas sim ocorrem durante esses horários no caso desse entrevistado (a uma hora da manhã). Com relação aos dias da semana em que trabalha e as folgas, o mesmo responde que são “cinco dias, cinco dias por semana!” e que se “folga dois!”, quando perguntado sobre em que momento ocorrem as folgas na semana nos informou que “no nosso caso a gente folga sexta e sábado! Aí tem um pessoal que folga sexta e sábado e um pessoal que folga sábado e domingo”.

Outra questão importante no sentido de compreendermos sobre que tipo de trabalho é esse ofertado a essas pessoas, é o da mudança contínua de funções exercidas por estes dentro da empresa, não houveram casos em que tivemos contato, que nos relatassem o contrário (da permanência em apenas uma função em todo seu histórico de serviços prestados a mesma). Sobre tal questão a fala de Ana, trabalhadora da Paraíba nos mostra exatamente isto, onde quando perguntada se sempre trabalhou na função que atualmente ocupa, respondeu:

Não! Quando eu entrei lá, eu trabalhava de embalagem de frango inteiro, trabalhei logo no início, quando eu entrei lá, eu passei dois anos e seis meses embalando frango, aí depois eu fui pra o ‘Chile’, que é a repindura, certo! A repindura, porque vem do abate, aí passa pela repindura, pra gente pendurar o frango pra fornecer pra os setores. (Entrevista realizada em 15/09/2018)

A mesma ainda acrescenta, quando questionada sobre o porquê de ter saído das duas outras funções que ocupava, que:

Não, porque lá a gente tem...a gente não fica muitos anos numa função, então é assim, se você tem um estudo melhorzinho, você tem um 'coisa', aí aparece uma oportunidade, e eles vai dando oportunidade, de você fazer cursos de operador, de você sabe...eles, você...assim dependendo do seu desempenho, se você tiver um estudo melhorzinho, você tem como...você tem como subir lá na vida, agora tem muitas pessoas que não querem né, mas lá a gente tem muita oportunidade.

Tal fato se assemelha com o de outros entrevistados, até mesmo os desligados da empresa, uma das trabalhadoras, que chamaremos de Rita (que já não presta mais serviços para a mesma), esta vinda de Teresina no Piauí, relatou sobre a trajetória dentro da BRF, onde a mudança de função ocorreu por diversas vezes, sendo o setor de aves o último em que trabalhou. Veja o relato a seguir:

No suíno eu fiquei...na verdade eu fiquei um bocado de tempo
Eu fiquei na área do miúdo, eu fiquei na área do abate, eu fiquei em várias áreas!
Aí eu fiquei na sala de corte, que é onde eu te disse que eu fazia refile de gordura, aí eu passei pra refile de papada, aí depois foi que eu fui....2010 foi que eu fui pro aves
Aí eu trabalhei lá no aves um bocado de...todas as aves lá eu...que tinha lá eu trabalhava, botavam pra mim fazer eu fazia né! (Entrevista realizada em 14/09/2018)

Em muitos casos a troca de funções está associada a problemas que foram desenvolvidos enquanto estes cumpriam suas rotinas de trabalho dentro da empresa, sendo geralmente problemas associados a doenças causadas por esforço repetitivo ao que se nomeia LER (Lesão por Esforço Repetitivo), sobre tal fato, algumas falas são de profunda importância nesse sentido. Como este é um tema da maior sensibilidade, é importante dizer que fomos provocados a mergulhar na dor desses sujeitos, ouvir suas histórias, visualizar onde a dor se

manifestava, alguns casos foram marcantes nesse sentido, revelando a indignação dos trabalhadores com relação à empresa, o abandono sentido por eles, frente à incapacidade do corpo de continuar exercendo as mesmas funções que provocaram isto, impedindo até mesmo outras atividades triviais do dia a dia. Vejamos a fala do trabalhador Ivan (ao qual já mencionamos anteriormente) sobre o seu caso:

Não eu trabalhava com peso, (inaudível) ai toda hora me agachando, me agachando, me agachando, e quando um pouco adquiri problema na coluna, ai tive que sair de setor, mudar pra preparo de massa da calabresa, eu fazia preparo de massa, do preparo de massa que eu trabalhava eu fui pra desossa, ai no preparo de massa porque ia...como ia fechar a indústria, eu vim aqui pro suínos, ai eu comecei a trabalhar no coreamento, trabalhava com a máquina lá que tirava o coró do pernil, ai desse daí...aí eu saí porque eu criei...peguei uma reação alérgica lá, ai fui pro recebimento, onde eu tô agora.

A minha esposa, ela trabalhava no...na embalagem, ai ela criou problema na mão, ela tem problema na mão hoje em dia, e foi quando agora, ela foi pra desossa que foi pior ainda, que ela trabalhava com faca, de lá foi pro abate, foi pior ainda, ai ela foi pra secretária. (Entrevista realizada em 14/09/2017)

A esposa do trabalhador, que nomearemos Carla, ao qual o mesmo se referiu, estava na casa durante a entrevista, quando então veio conversar sobre o que diretamente ocorreu com ela, e quais foram os problemas de saúde que desenvolveu por conta do esforço e movimentos repetitivos do trabalho, relatou que:

Daí agora, eu tava falando pra ele, eu vou ter que fazer todos os meus exames de novo, de...que durante eu tá lá, eu adquiri tendinite, bursite, devido ao movimento repetitivo, seja em qualquer função, seja um atleta...ele vai adquirir porque...devido o movimento.

Ai então eu...trocou minha gestão, é...eu voltei pra indústria como secretária, e daí a...a supervisora que me puxou saiu, mudou de turno, foi pro segundo turno, daí entrou uma nova, ai

a nova que entrou não quis nem saber, eu continuei por um tempo aí eu...ela começou a me mandar pra linha de produção de novo, daí começou a doer, começou a inchar, e eu fui no médico.

São casos delicados, de problemas que se arrastam dentro da empresa, como se a mudança de setor desse descanso ao corpo, o regenerasse. É perceptível o uso das forças de trabalho desses indivíduos até o limite de suas capacidades, culminando no momento em que essa força acaba. Um processo de degradação do corpo, como pode ser percebido na fala do casal entrevistado, que dá sinais recorrentes do desgaste na rotina de trabalho.

Outra fala é sintomática dessa questão, dessa vez de uma entrevistada que chamaremos de Helena, com apenas 40 (quarenta) anos de idade. Nossa conversa com esta trabalhadora foi sem dúvidas um dos momentos mais marcantes durante a experiência de contato com a realidade vivida por estes sujeitos. Todos os casos têm seus pontos sensíveis, e foram ricos para compreender a profundidade da realidade produtiva, do que está por detrás do véu que reveste a mercadoria, mas sem dúvidas é tocante ao pesquisador estar na realidade pesquisada e sentir a degradação explícita de outro semelhante. Neste caso específico a mesma já não conseguia fazer as tarefas do dia a dia, como varrer a casa, cortar alimentos e cozinhar, devido às dores no braço, e outros problemas adquiridos na linha de produção, sofria mesmo depois de afastada com as dores e o inchaço por não ter condições de comprar os medicamentos receitados e ao mesmo tempo manter o sustento da casa. Vejamos um trecho de sua fala sobre o que houve, e o que motivou seu afastamento:

O meu afastamento foi devido o meu braço começou a inchar e doer, eu perdi a força no meu braço!

Por causa de serviço repetitivo, começou a doer, doer, e eu já não conseguia mais cortar, desossar as coxas, não tava mais conseguindo!

Aí quando eu começava a desossar...

Aí quando eu começava a desossar...

Aí se eu...por exemplo assim, o intervalo...é o intervalo! Aí parava, aí a gente ia pro intervalo, quando vinha eu já não tava sentindo mais direito o braço, já não dava mais conta!
(Entrevista realizada em 16/09/2017)

Seguindo com o relato, agora sobre as várias horas em pé na linha de produção e os problemas desenvolvidos por conta disso a entrevistada disse que:

Aí deu problema nos meus pés!
Deu tendinite! Até no meu pé deu tendinite!
Porque a gente fica em pé demais, muito tempo em pé!
Você vai pra fábrica, da hora que você entra pra linha você só senta quando tem o intervalo...quando tem o intervalo você senta!
Não tem cadeira pra gente sentar, às vezes quando tinha uma cadeira, você tinha que tá revezando entendeu?! Quinze minutos pra uma, quinze minutos pra outra.
Era assim!
Não podia ficar sentada pra ficar fazendo o serviço, não podia!
Aí foi que adquiri problema, entendeu?!
Não é só eu não! São várias pessoas que tão doente nisso!

Outro caso marcante foi o de um entrevistado vindo da Bahia, ao qual chamaremos de Pedro, de apenas 37 (trinta e sete) anos. Na ocasião foram percebidos os problemas sofridos por esse trabalhador quando o mesmo levantou-se, a necessidade de apoio nas paredes, com um caminhar lento e tremulo com certa dificuldade. Aproveitando a fala de sua amiga, que desenvolveu hérnia e bico de papagaio por conta do esforço repetitivo (trataremos por Bianca, trabalhadora vinda do Pará), o entrevistado trouxe uma fala que é simbólica sobre o que aqui estamos discutindo:

Mano deixa eu te falar a verdade, três meses ali...
Deixa eu te falar uma coisa! Três meses ali...quatro meses, na verdade a pessoa já fica com esse problema, porque não tem como!

Você fica...é...é repetitivo! Faca! Subindo e descendo! Coluna nenhuma aguenta! 10 horas de relógio direto! Sem parar! Então é aquela coisa, não tem corpo...nem máquina aguenta porque quebra! Imagine a gente que é ser humano! (Entrevista realizada em 12/11/2018)

Seu caso ressalta esse universo de exploração no seu sentido mais delicado, o do limite do corpo frente a esta exploração imposta. Esse trabalhador hoje se encontra impedido de continuar reproduzindo suas práticas cotidianas da forma com que estava acostumado. Estamos falando de ações básicas do seu corpo, como andar e fazer necessidades fisiológicas sem ajuda. Trouxemos alguns trechos de sua fala acerca de toda essa situação. Sobre seu problema nos disse que:

Isso aqui meu...comprimiu a medula, eu perdi 80% do meu corpo!

Hoje eu levanto...você viu eu levantei aqui, mas com dificuldade

Mas hoje pra quem não andava né?! Não andava...

Eu não ando normal, vamo supor, se eu for andar vou devagarzinho...

As reações do corpo com relação a este acontecimento foram descritas da seguinte forma:

Deu uma anestesia assim, tipo geral no meu corpo, eu não sentia nada

Eu não sentia o corpo nada! Até pra você defecar, não sabia se tava defecando ou...

Perdi praticamente o corpo todo, porque só mexia isso aqui, mas não sabia nem...se você puxasse um cabelo aqui eu não sentia! Tomava tanta queda e não sentia!

A mudança no número de trabalhadores responsáveis pela limpeza dos setores é apontada pelo mesmo como sendo um agravamento de suas responsabilidades dentro da fábrica e com isso o aumento do esforço ao qual seu corpo estava exposto. Tal acontecimento ocorreu depois de seu retorno

das férias, num período muito curto de tempo, veja o trecho correspondente a esta fala:

Quando eu comecei a trabalhar, em uma semana começou a doer a minha coluna

Que eu tava de férias né! Tava de boa, não tava doendo a minha coluna, eu não tava fazendo esforço nem nada, tava só tranquilo...

Aí quando eu comecei a trabalhar, aquela questão, porque antigamente era cinco que trabalhava só na limpeza, quando eu voltei só era três! Eu fiquei no lugar de dois! Trabalhando por três!

Então eu fazia muito esforço, pra lá e pra cá, aquela coisa, bater água, passar rodo...

Tais relatos demonstram algo já observado em ambientes de produção em larga escala como é o caso da BRF em Lucas do Rio Verde, dos problemas de saúde decorrentes do esforço repetitivo das atividades praticadas pelos trabalhadores. Sobre esta questão, que está intimamente e contraditoriamente ligada a um trabalho extremamente moderno (nos moldes da modernidade da agroindústria), falando mais diretamente do caso brasileiro Selma Lancman aponta que:

[...] a incorporação de novas tecnologias, a precarização das relações de trabalho, a intensificação do ritmo, a diminuição dos postos de trabalho, a sobrecarga e a exigência dos que permanecem trabalhando têm ampliado e agravado o quadro de doenças e de riscos de acidentes. Os distúrbios osteomusculares e as lesões por esforços repetitivos – Dort/LER, além dos transtornos psíquicos, são hoje as principais causas de afastamento no trabalho e de aposentadorias precoces, com forte impacto nas contas da Previdência. (LANCMAN apud PINTO, 2013, p. 12)

São variadas as problemáticas que permeiam e constituem a vida desses trabalhadores, se aqui trazemos a relação direta desses com seu trabalho, tal consideração não supõe uma cisão entre o momento em que o

mesmo se realiza na fábrica e o da vida destes fora dos limites da mesma, a relação com o bairro é de essencial entendimento para a compreensão de que se existem tensões no ambiente de trabalho, também existem no lugar onde os mesmos residem, e de como falamos em dado momento, possui um histórico de eventos de violência que em alguns casos culminaram em mortes no Tessele Junior. Sobre tal problemática, um dos entrevistados, que chamaremos de Bruno, nos respondeu quando questionado se o bairro já passou por épocas difíceis com relação à violência, que:

Não, já teve um tempo mais...teve um tempo que a galera...brigava muito, tipo...região contra região, estado contra estado, tinha 'rincha', muita 'rincha' né, porque tinha muito solteiro então os cara trabalhava o...a semana, bebia final de semana, e não podia ver um...alagoano não podia ver um...um piauiense, o piauiense não podia ver um...um...maranhense, o maranhense não podia ver um paraense, então tinha essas coisas, mas também não era nada...muito...muito louco, mas uma hora e outra tinha uma morte aqui outra ali...né, mas nada muito fora do comum, dá pra ficar tranquilo aqui, dá pra ficar até altas horas aqui, assistindo de boa. (Entrevista realizada em 14/09/2017)

Um trecho da fala de outro trabalhador, que trataremos por Eudes, também com relação aos atos de violência e morte ocorridos no bairro é emblemático de uma realidade recorrente e da normalidade com a qual lidam com esse tipo de assunto. Outro ponto importante é a comparação feita com sua situação anterior, da violência em Belém, local de origem do mesmo. Segue o trecho da fala, extraído de nossa primeira ida ao Tessele no ano de 2015:

Facada? Ah já! Morreu um bem aqui ó! Bem aqui na...ele caiu nessa arvore aí! Mais negócio de mulher, mas ele não trabalha mais lá na BRF. Tá vendo aquele carro que tá ali, o cara tava alí, aí parece que ele foi cobrar...ciúmes da mulher, aí o cara meteu-lhe a faca nele e ele caiu bem aqui. Ah! Dois! O outro caiu lá em baixo lá.....véi aqui morre é por ano! Lá em Belém

morre é por minuto! O outro ali parece que...dois 'papudim', aí eles tavam discutindo lá e um deu um tapa na cara do outro, aí o outro desceu, no dia que eu tava sentado aqui, aí o cara chegou e deu só uma facada nele aqui assim, rasgou ele assim! Ah não! Teve outro ali, rapaz! Já teve um bocado já! (Entrevista realizada em 10/01/2015)

Supor motivos que fazem com que estes sujeitos se sintam satisfeitos ou mesmo tranquilos com a condição em que vivem e trabalham (como pode ser visto na forma natural com que esse trabalhador lida com o assassinato de pessoas no bairro, por exemplo) não faz parte de nossa tentativa, mas talvez compreender a trajetória de vida destes seja um caminho importante, tanto no desvendamento de que trabalhador é este que chega de tão longe para trabalhar na BRF de Lucas, exposto a essa série de tensões, como enxergar nisto uma noção da precariedade que não está presente somente neste momento específico de suas vidas, sendo este por vezes o primeiro emprego com carteira assinada como nos informaram alguns entrevistados, ou até mesmo que a primeira moradia de que tem acesso é a que reside no Tessele Junior. Este mesmo entrevistado (Eudes) que relatou os acontecimentos de violência que ocorrem no bairro, quando perguntado sobre como havia tido conhecimento da oportunidade de trabalhar em Lucas respondeu que:

Foi, a minha esposa ficou sabendo que tavam contratando, na empresa grande tavam contratando pra sair da cidade, ir pra outro lugar, uma cidade pequena e calma e tal, e aí ela foi se informar melhor, viu lá que ela queria, a gente morava com a nossa mãe, morava com a minha mãe né, morava na casa da minha mãe, então a gente já tinha a nossa menina já, ela decidiu, achava melhor a gente buscar um lugar pra nós né, então a gente veio, com a cara e a coragem

Quando questionado acerca de suas intenções de continuar vivendo na cidade e trabalhando para BRF, respondeu que:

Ah cara, pretendo! Não me vejo mais saindo daqui não! Voltando...não voltando pro lugar de onde eu vim né, São Luís

lá, já fui de férias e tal, não...não me agradou muito o que eu vi, em capital hoje em dia tá muito né, bagunçado, aqui ainda tá tranquilo, é...fora o que acontece, porque sempre tem né, bagunça essas coisas, mais com quem bebe, quem usa coisa ilícita, essas coisas sempre tem né, mas fora isso aqui é tranquilo, o bairro é tranquilo, o pessoal todo mundo se conhece, então né, tem poucas incidência de furto, de roubo, de morte, de assassinato essas coisa, acontece mas é com o pessoal fora assim que vem pra cá, é mas...aqui é tranquilo, tá bom de viver aqui!

A trajetória de vida desses trabalhadores é questão importante e que carece de ser compreendida, afinal de contas a saída desses sujeitos do local de origem, para além de ser um fenômeno identificável e mensurável quantitativamente, é principalmente um sintoma da falta de perspectivas e oportunidades que dão a este trabalhador a plasticidade necessária para que se movimente. As entrevistas realizadas são um recurso rico para que se compreenda do que estamos falando, mas para que se entenda melhor esse movimento (o qual apresentamos até agora), esta realidade cortada por inúmeras contradições e conflitos (os quais não esgotamos e não esgotaremos nessa pesquisa), é a possibilidade concreta desses trabalhadores continuarem existindo, a oportunidade que lhes apareceu diante de uma realidade sem muitas perspectivas. Aproveitando as entrevistas, vejamos trechos que trazem a trajetória com relação ao trabalho (ou a falta dele) desses sujeitos:

Em Belém? Nunca trabalhei de carteira assinada!

Primeiro emprego foi BRF, trabalhei 2013, aí pedi conta pra eu ir mim bora, que me avisaram que ela ficou grávida né, dela aí, aí eu tive que ir mim bora.

Aí voltei agora...em 2014!

Aí voltei, voltei pra BRF foi meu primeiro e segundo emprego!

(Entrevista realizada em 16/09/2017)

Essa fala é da trabalhadora Helena, cuja história de doenças adquiridas trabalhando para a BRF relatamos anteriormente. Outro caso é da

trabalhadora Bianca que viu na oportunidade de trabalhar para a empresa uma chance de fugir de problemas com seu antigo companheiro, veja na fala seguir:

Morei com a minha mãe, ai vim pra cá, fugida assim...de uma relação né, ai vim pra cá pra mim entrar aqui. Lá eu não trabalhava não, tipo assim...eu era casada, ai separamos, ai...ah! Tamo precisando de pessoas pra trabalhar, ai eu pensei que eu ia ficar só uns três meses, e fui ficando por aqui mesmo! (Entrevista realizada em 12/11/2018)

O entrevistado Pedro ao nos contar sobre suas varias experiências anteriores (as mais diversas possíveis) nos disse o seguinte “Trabalhei pra caralho lá hein! Técnico de alarme, tanta bagaceira, ajudante de pedreiro, tanta porra lá!” (entrevista realizada em 12/11/2018). Apesar de o trecho ser curto, nessa entrevista foi perceptível que de acordo com as possibilidades o trabalhador se lança, devida a urgência, nas mais variadas ocupações e tipos de trabalho disponíveis.

Faz-se necessário a partir das questões que aqui foram expostas, e para que aprofundemos ainda mais a discussão, realçar conceitos e processos que direcionam o caminho de análise, e nos ajudam a compreender através de uma postura crítica o que estamos tratando na presente pesquisa. Parece-nos ser um bom gancho aproveitar a discussão da trajetória dos trabalhadores, as possibilidades ou a falta delas no contexto da realidade que foi deixada para trás, atravessando esta questão e chegando ao sentido do trabalho em si no modo de produção vigente.

Assim como qualquer outra mercadoria, é dada a força de trabalho a capacidade de movimentação e circulação dentro do espaço, sendo estes processos dependentes diretamente de condições espacialmente articuladas, para que o sujeito que possui esta mercadoria, ou seja o trabalhador, possa se movimentar e vender o seu trabalho em troca de algo. Harvey em sua obra “Os limites do capital”, analisa a questão da mobilidade do trabalho, e encontra na circulação a conflituosidade presente no sistema capitalista, sobre isso escreve:

A força de trabalho é uma mercadoria, mas as condições que governam sua mobilidade são muito espaciais. É a única mercadoria que pode levar a si mesma para o mercado sem a ajuda de ninguém. Por isso, o termo “mobilidade do trabalho” ocupa uma posição especial no discurso econômico. Na teoria burguesa, e frequentemente no linguajar comum, ele se refere à liberdade do trabalhador de vender a sua força de trabalho quando, onde, por qualquer propósito e a quem lhe aprouver. (HARVEY, 1982, p. 485)

O autor continua sua análise questionando a suposta liberdade dada aos trabalhadores para que se movimentem livremente no espaço, para isso parte do pensamento marxista para evidenciar a dialética presente em tal “liberdade”, aponta que:

Marx não nega a importância dessas liberdades positivas, mas insiste em que sejam vistas em relação a outro lado mais obscuro das coisas. O trabalhador é ‘livre em dois sentidos: de ser uma pessoa livre, que dispõe de sua força de trabalho como sua mercadoria, e de, por outro lado, ser alguém que não tem outra mercadoria para vender, livre e solto, carecendo absolutamente de todas as coisas necessárias à realização de sua força de trabalho’, livre pelo processo de acumulação primitiva do controle sobre os meios de produção (incluindo o acesso a terra), a maioria dos trabalhadores não tem opção a não ser vender a sua força de trabalho ao capitalista para poder sobreviver. (HARVEY, 1982, p. 485-86)

Prossegue apresentando a dualidade existente nessa suposta liberdade dada ao trabalhador, e a sua força de trabalho, e como estes processos e relações moldam o espaço e a história do mesmo, sendo assim:

A dualidade dessa liberdade, se traduz em maneiras radicalmente diferentes de encarar sua mobilidade geográfica. Como sujeitos criativos [...] os trabalhadores perambulam eternamente pelo mundo e procuram escapar das depredações do capital evitando os piores aspectos da exploração, sempre lutando, com frequência com algum sucesso, para melhorar o

seu destino. O capital precisa necessariamente se ajustar a esse processo e, na medida em que isso ocorre, os trabalhadores moldam tanto a história quanto a geografia do capitalismo. (HARVEY, 1982, p. 486)

A contradição presente no discurso de liberdade, de acordo com o autor está presente no que já era dito por Marx, e que Harvey trata de evidenciar neste mesmo texto, onde:

Dadas as condições gerais do trabalho assalariado, a liberdade do trabalhador para se mover é convertida em seu exato oposto. Em busca de emprego e de um salário para sobreviver, o trabalhador é obrigado a acompanhar o capital para onde quer que ele flua. Isso implica a 'abolição de todas as leis que impedem os trabalhadores de se transferir de uma esfera de produção para outra e de um centro local de produção para outro', e a eliminação de 'todas as barreiras legais e tradicionais que impediriam [os capitalistas] de comprar este ou aquele tipo de força de trabalho. (Op.cit., p. 486)

Consideramos imprescindível a compreensão de que trazer a tona uma discussão acerca do trabalho enquanto atividade necessária à reprodução humana, dentro de um sistema que tem na exploração a base da produção de riquezas, é entender por sua vez que este se realiza por meio de alienações que estão objetivamente impostas na vida, tirando a integridade dessa produção, tomando perspectivas outras que denotam um novo sentido dado a produção através do trabalho. Sobre o distanciamento e a perda de tais sentidos generalizada presentes na realidade, ao qual o trabalho ocupa o centro dessa perda, MARX (2004) faz uma crítica a esta problemática, onde escreve que:

A alienação aparece tanto no fato de que *meu* meio de vida é de *outro*, que *meu* desejo é a posse inacessível de outro, como no fato de que cada coisa é *outra* que ela mesma, que minha atividade é *outra* coisa, e que, finalmente (e isto é válido também para o capitalista), domina em geral o poder desumano. A destinação da riqueza esbanjadora, inativa e

entregue ao gozo, cujo beneficiário *atua*, de um lado, como um indivíduo somente *instável*, que desperdiça suas energias, que considera o trabalho escravo alheio – o *suor sangrento* dos homens – como presa de seus apetites e que, por isso, considera o próprio homem (e com isso a si próprio) como um ser sacrificado e nulo (o desprezo do homem aparece, assim, em parte como arrogância, como esbanjamento daquilo que poderia prolongar centenas de vidas humanas, e em parte como a infame ilusão de que seu desperdício desenfreado e incessante, seu consumo improdutivo condicionam o *trabalho* e, por isso, a *subsistência* dos demais), esta destinação encara a efetivação das forças *humanas essenciais* apenas como efetivação de sua não-essência (*Unwesen*), de seus humores, de seus caprichos arbitrários e bizarros. Esta riqueza que, no entanto, por outro lado, se considera a si mesma como um puro meio, uma coisa digna só de aniquilação, que é ao mesmo tempo escravo e senhor, generosa e mesquinha, caprichosa, vaidosa petulante, refinada, culta e engenhosa, esta riqueza não experimentou ainda em si mesma a *riqueza* como um *poder* totalmente *estranho*; ela vê apenas seu próprio poder e não a riqueza, mas sim o gozo, é seu objetivo final. (p. 28)

A visão de Marx põe em evidência a condição dialética do trabalho, em que existe um conflito latente nas relações que se estabelecem neste meio de reprodução e manutenção da vida. O autor também pontua o estranhamento do produto do trabalho para com o trabalhador, que não tem nenhuma (ou tem muito pouca) relação com o objeto produzido pelo seu trabalho, e pontua esta falta de apropriação como alienação, pois o produto do seu trabalho se defronta como algo alheio ao indivíduo, externo a ele, sobre isso o autor considera que:

Na determinação de que o trabalhador se relaciona com o *produto de seu trabalho* como [com] um objeto *estranho* estão todas estas consequências. Com efeito, segundo este pressuposto está claro: quanto mais o trabalhador se desgasta trabalhando (*ausarbeits*), tanto mais poderoso se torna o

mundo objetivo, alheio (*fremd*) que ele cria diante de si, tanto mais pobre se torna ele mesmo, seu mundo interior, [e] tanto menos [o trabalhador] pertence a si mesmo.

[...] A *exteriorização* (*Entäusserung*) do trabalhador em seu produto tem o significado não somente de que seu trabalho se torna um objeto, uma existência *externa* (*äussern*), mas, bem além disso, [que se torna uma existência] que existe *fora dele* (*ausserihm*), independente dele e estranha a ele, tornando-se uma potência (*Macht*) autônoma diante dele, que a vida que ele concedeu ao objeto se lhe defronta hostil e estranha. (MARX, 2004, p. 81)

A Questão da Moradia dos Trabalhadores: A PROHAB e outras nuances da relação da empresa com o trabalhador.

Como foi dito em outro momento do presente texto, ocorreu na ocasião de nossa visita a Lucas do Rio Verde em 2018 uma conversa com o representante do setor de habitação da BRF no Tessele Júnior (PROHAB), Jailton Torres, sobre isso vamos nos atentar com mais cuidado agora. Tal oportunidade aconteceu após um primeiro dia de entrevistas em que em todas a PROHAB de alguma forma foi citada (assim como nas idas a campo anteriores a esta), o que mostrou a relevância do referido setor com questões do bairro, do dia a dia do trabalhador, de uma questão em específico que é sem dúvida um verdadeiro imbróglio, a moradia dos trabalhadores no Tessele Júnior.

No início desse capítulo expomos superficialmente que no bairro estudado existem algumas especificidades com relação às moradias dos trabalhadores. Ocorre que quando estes eram trazidos para Lucas do Rio Verde para ocupar uma vaga de trabalho, a moradia era uma das promessas garantidas no acordo, entretanto com a condicionante destes serem solteiros ou casados o tipo de moradia que este ocuparia seria diferente. Casais trabalhando na empresa tem direito a casa, onde o valor do aluguel é descontado do salário de ambos, R\$125,00 (cento e vinte e cinco reais) de

cada um, R\$250 (duzentos e cinquenta reais) no total por casa³. Os trabalhadores solteiros são separados por gênero em casas conhecidas como republicas, onde são ocupadas em alguns casos por 6 (seis) indivíduos, em outros casos por até 8 (oito), questão que tomamos conhecimento no próprio bairro, os mesmos contribuem com R\$50,00 (cinquenta reais) cada para o pagamento do aluguel.

Não somente as moradias foram prometidas para os trabalhadores como forma de atraí-los para o emprego na BRF de Lucas do Rio Verde, fora prometido que estes teriam acesso ao financiamento destas moradias de acordo com o tempo de trabalho e a boa relação do trabalhador com a empresa, o que se mostrou uma questão curiosa de ser percebida na realidade do bairro. O que observamos foi, a presença de poucas casas que destoam do padrão das moradias no Tessele (as que pertencem a empresa não podem sofrer alteração no padrão da construção), e durante as entrevistas essa questão ficava ainda mais confusa, se era uma promessa porque pessoas trabalhando há anos na empresa não haviam sido chamadas para dar entrada no processo de financiamento. Junto à prefeitura fora falado que a mesma intermediou o processo de financiamento de algumas casas na gestão passada, porque não se deu continuidade a isto?

Com relação a este campo complexo e delicado, o da moradia dos trabalhadores, é que nossa conversa com o representante da PROHAB foi de grande importância, revelando outras nuances da relação empresa x trabalhador. Uma imagem do setor de habitação pode ser visualizada na **imagem 02** a seguir:

³ Existe o caso de trabalhadores que se casaram depois da chegada a Lucas, os mesmos relataram que é preciso entrar com pedido na empresa para serem encaixados nesse tipo de residência (casal), os enquadrando na condição de aluguel que explicamos acima.

Imagem 02: PROHAB, setor responsável pelas moradias no Tessele Junior.

Acervo: Santana, E.M. 2018.

Nossa conversa com o senhor Jailton ocorreu no período da manhã de nosso terceiro dia de pesquisa em Lucas do Rio Verde, na última visita que fizemos ao Tessele Junior em 2018. Na nossa chegada apenas duas pessoas aguardavam para serem atendidas por nosso entrevistado, que nos recebeu de maneira informal, já que não houve contato nosso acertando tal conversa⁴. Não obtivemos autorização para registrar a conversa (em áudio), a não ser por anotação, entretanto foi uma oportunidade que trouxe pontos sensíveis da relação da empresa com seu trabalhador, num assunto delicado que é o da moradia.

A PROHAB, de acordo com o representante da mesma, atende a todos os tipos de necessidades dos trabalhadores do Tessele. A mesma corresponde junto a BRF pela questão dos alugueis das casas, o que fora citado pelo

⁴ Num primeiro momento sabendo de nosso distanciamento com a realidade pesquisada, e motivado a conhecer o serviço prestado pela PROHAB o mais próximo possível do que é o cotidiano desse setor da empresa, e dos sujeitos ao qual tem contato diariamente, fora decidido proceder desta forma. Diferente da nossa fala com o representante do sindicato, por exemplo, o qual se contatou ainda na fase de organização do campo de pesquisa.

senhor Jailton como “parte importante no sentido da geração de valores, dos alugueis dos colaboradores⁵”. A pasta do setor de habitação lida com questões de cunho burocrático ligado as moradias e do aluguel das mesmas como, por exemplo, listagem, controle de membros que não contribuem com o aluguel, assim como o controle da regularidade dos pagantes junto à empresa.

Como já dissemos a situação das casas no Tessele obedece a uma estrutura familiar que condiciona os trabalhadores a serem direcionados com seus companheiros a uma moradia que será dividida por estes (como já dissemos o valor do aluguel é dividido pelo casal), ou encaminhados no caso dos solteiros para as repúblicas, como são conhecidas as casas com até oito trabalhadores, divididas por gênero no bairro. Foi constatado junto a PROHAB que das 1558 (mil quinhentas e cinquenta e oito) casas correspondentes aos trabalhadores da BRF, aproximadamente 120 (cento e vinte) são repúblicas, ou seja 1438 (mil quatrocentas e trinta e oito) são moradias familiares. Infelizmente não tivemos acesso ao número exato dessas casas compartilhadas que estão ocupadas por seis ou por oito indivíduos.

Essa resposta ajuda a entender algo que foi percebido em nossas entrevistas, encontramos muito mais casos de moradias ocupadas por famílias do que de repúblicas compartilhadas entre solteiros. Entretanto nos dois casos (repúblicas e moradias familiares) a diferença é imperceptível, já que o padrão de construção da casa é exatamente o mesmo (diferindo apenas na organização interna da construção, no caso das repúblicas com mais quartos do que a moradia familiar), o que reacendeu nossa curiosidade aos casos onde há diferença no padrão da construção, o das casas financiadas, sobre isso logo mais trataremos.

A questão dos trabalhadores demitidos pela empresa, resulta em uma série de problemas acarretados pela perda do vínculo destes com a BRF, encontramos casos com processos ainda em andamento ou mesmo já adiantados juridicamente, em que o trabalhador é obrigado a se retirar da casa onde mora. Mesmo os ainda empregados junto à empresa nos descreveram

⁵ Se referindo aos trabalhadores da empresa.

que existem trabalhadores em situação irregular, que continuam ocupando a casa onde moravam enquanto trabalhavam para a BRF.

Segundo o senhor Jailton existe um controle judicial da PROHAB com relação aos trabalhadores demitidos pela empresa, o setor monitora os casos irregulares (desligados da empresa que ainda estão nas casas), que é semanalmente revisado, na época de nossa conversa somavam-se 50 (cinquenta) casos de imóveis nesse tipo empasse. Neste caso o setor espera pelo período jurídico para proceder com o pedido de despejo.

Sobre isso, antes mesmo de termos esse contato com a PROHAB foi percebido o quão delicado esse assunto é na realidade do bairro. Em uma das entrevistas, da trabalhadora Helena⁶, vinda do Pará afastada por problemas de saúde, foi relatada a dificuldade de contato para acertar a situação dos alugueis junto à empresa, onde a mesma não tendo assistência alguma após adquirir doenças causadas pelo esforço repetitivo (nos informou que teve todos os auxílios cancelados, como plano de saúde, ajuda com medicamentos, alimentação), ainda teria que arcar com contas altíssimas da casa onde morava, o que nos disse ser um tipo de retaliação da empresa com relação a funcionários em situação irregular ocupando a moradia no Tessele. Sobre isso nos contou que:

Logo quando eu me afastei, eu fui lá na PROHAB, pedir pra eles me dar um papel, pra eu ficar pagando a casa, que nesse período meu marido ainda tava na empresa né, pra mim ficar pagando a casa.

Aí o que foi que eles fizeram?! Mandaram pra empresa!

Aí eu fui lá na empresa, mandaram ligar pro 0800, que é do nosso crachá. Liguei pro 0800, me mandaram pra PROHAB.

Aí ficaram me jogando pra lá e pra cá!

Aí no começo...Não paguei! Aí foi acumulando...

A minha água aqui vem 500 reais, que eles 'tão' me cobrando 500 reais. Onde você já se viu um ser humano gastar quinhentos reais de água num mês?! (Entrevista realizada em 16/09/2017)

⁶ Já relatamos sobre esta trabalhadora no item anterior a este da pesquisa.

Ainda sobre esse contexto de supostas cobranças abusivas por parte da empresa, a trabalhadora ressaltou que seu caso é recorrente entre os que estão afastados das funções na BRF. Relatou que:

Não é só eu não! Quase todos os afastados eles ficam cobrando assim alto da gente, sabe!

É porque tipo assim, eles querem “acochar” a gente a voltar pra empresa de um jeito entendeu?!

Só que assim, não tem condições! Ó, se você ver minha perna aqui...tá ó...como ela tá! Pra não dizer que é mentira! E eu tô afastada há dois anos!

E eu tô só...não tô melhorando, olha como tá!

Estamos tratando aqui de uma questão composta de muitas questões, um assunto delicado como dissemos antes. Nossa conversa com a PROHAB trouxe elementos quantitativos, relacionados à operacionalidade do setor, como lida com essas diversas questões referentes ao bairro, mas obviamente os interesses da empresa atravessam essa relação, deste para com os trabalhadores que vivem nesse lugar. A fala da entrevistada revela justamente a complexidade da situação irregular dessas pessoas, que se veem desamparadas muitas vezes, acometidos de doenças que impedem o exercício de atividades cotidianas, ou de qualquer tipo de remuneração que dê condição de saírem dessas casas. Revela também mais uma relação precária entre a BRF (proprietária das moradias) e do trabalhador desligado da mesma (sem direito algum a moradia em que vive).

Dando continuidade as informações levantadas junto ao representante Jailton, agora vamos nos debruçar na questão que não teve apenas uma resposta, mas várias durante nossas idas a Lucas do Rio Verde, a promessa de financiamento das casas.

Desde nosso primeiro contato com o Tessele Junior, e mais diretamente com os trabalhadores da BRF que ali vivem em 2015, entre os motivos da vinda destes, a questão da moradia garantida junto com o emprego formal registrado era uma das promessas da empresa para atrair estes sujeitos que vieram de outros estados e regiões. Pois bem, não só a moradia era

garantida como também fora prometido que estes depois de certo tempo trabalhando para a BRF poderiam dar entrada ao financiamento do imóvel, com ajuda da mesma. Em conversa com os representantes da prefeitura de Lucas do Rio Verde tal assunto não teve uma resposta definitiva, nos informaram apenas que a gestão passada intermediou o financiamento de algumas casas, mas que o processo parou, não houve continuidade, não souberam informar quantas casas haviam sido financiadas, nem se havia a possibilidade de retomada desse processo. A resposta de quase todos é que só a empresa detinha essa informação.

A secretária de planejamento Magna Quaresma, mostrou certo descontentamento em saber que para alguns entrevistados o empasse das moradias serem financiadas era culpa da prefeitura, por conta do processo ter se encerrado ainda na gestão passada, o que atrelou um evento ao outro (a troca da gestão do município, com a interrupção dos financiamentos). Sobre isso contestou dizendo que:

Na verdade ela tinha que repassar (BRF), no projeto de lei⁷ efetuado na câmara ela tinha que repassar as casas. Criar o critério, mas repassar as casas para os seus funcionários, mas isso não aconteceu!

A gestão passada deve ter feito todo um trabalho de mobilização, de ida até também, pra que eles pudessem fazer isso, e aqui continua!

Então não é que paralisou....eles paralisaram e agora tão falando que é a nova gestão, de jeito nenhum! O Binotti (prefeito) quer que essas pessoas tenham sua casa!
(Entrevista realizada em 15/09/2017)

Como já dissemos as casas financiadas são as únicas no bairro que diferem do padrão de construção das que estão sob propriedade da BRF, e como pudemos constatar, são poucas as que possuem muros, outro tipo de pintura, ou quaisquer identidades que as difira das demais. Essa informação

⁷ Sobre a questão do Projeto de lei citado, ver o tópico “Relação entre Empresa e Município”.

espacial, visível na paisagem deste lugar, somada com os poucos casos que conseguimos entrevistar, de trabalhadores que foram chamados para financiar a casa onde estavam vivendo, nos davam a sensação de que a empresa não tinha interesse de que tal mudança fosse promovida no bairro. Para ajudar mais uma vez na compreensão da paisagem a qual nos referimos, veja a **Imagem 03**:

Imagem 03: Parte dos Fundos das Casas dos Trabalhadores no Tessele Junior

Acervo: Santana, E.M. 2017.

O que pudemos averiguar na PROHAB é que a questão do financiamento das casas é estratégica para a empresa, ou para que se compreenda melhor, o não financiamento delas é estratégico.

Quando perguntado sobre quais eram os critérios que tornam um trabalhador da empresa apto a financiar a casa onde vive, o representante nos respondeu que apenas serem funcionários em situação regular, com tempo de serviços prestados superior a dois anos. Entrevistamos casos que se encaixavam nessa situação e que ainda não foram chamados para dar entrada no financiamento da casa, quando questionado sobre isso o senhor Jailton afirmou que muitos não se interessaram na época em que foram convocados.

Sendo assim, quantas casas estão hoje financiadas e quantas são de propriedade da BRF? A informação é de que das 1558 (mil quinhentas e cinquenta e oito) casas, apenas 100 (cem) foram financiadas, ou seja, 1458 (mil quatrocentas e cinquenta e oito) casas ainda estão sob domínio da empresa.

A paralização dos financiamentos, nas palavras do representante da PROHAB tem relação com questões financeiras da própria empresa, junto com o fato de que esta alterou o funcionamento de outras plantas produtivas, encerrando suas atividades em Campo Verde – MT, e paralisando⁸ temporariamente em Mineiros – GO. Parte dos trabalhadores desses polos foi transferida para o de Lucas do Rio Verde.

O que foi possível entender na conversa é que a questão dos aluguéis das casas tem sido estratégica para contenção de gastos com os próprios trabalhadores, ao falar da situação financeira da empresa e exemplificar o caso do fechamento e paralisação de outros polos da BRF, nosso entrevistado relatou que a mesma vem passando por um momento delicado, onde todos os possíveis gastos são regulados, assim como onde existe geração de valores, como é o caso dos aluguéis das casas.

Mais adiante este assunto, o da situação financeira da empresa, assim como a discussão da finança, que carece de ser mais bem entendida nesse contexto, será pormenorizado. Todavia um assunto tão sensível quanto à moradia, à falta de certeza que paira sobre esta, onde trabalhadores atrelam até mesmo a mudança de gestão da prefeitura com a não continuidade do financiamento das casas, mostra a falta de diálogo e de clareza com relação a esse tema e não apenas isso, a perversidade da decisão de paralisar o processo do que é de direito destes sujeitos em razão de uma crise enfrentada pela BRF. Recai no trabalhador mais esse peso, que nem mesmo ele compreende, mas que foi pensado calculadamente pela empresa em que trabalha.

⁸ Esta unidade segundo o que nos foi relatado já estava sendo reativada. Tal situação ocorreu após indícios de irregularidade na inspeção do frigorífico, descobertos depois da deflagração da Operação Carne Fraca. Nos atentaremos a este assunto mais detalhadamente no Capítulo 2.

CAPÍTULO 2:

BRF e Lucas do Rio Verde: Lógicas Que Se Condicionam.

2.1 - Lucas do Rio Verde: Histórico e Crescimento do Município

Para melhor compreendermos a lógica que compõe e possibilita a Lucas do Rio Verde a configuração que atualmente possui, tendo este espaço circunscrito um atrelamento profundo com a produção de *commodities*, e hoje com a instalação de outras atividades produtivas ligadas a isso, é necessário o exercício de olharmos para essa realidade de forma crítica, enxergando que da parte do Estado e de suas estratégias os indicadores não nos trazem a totalidade de entendimento sobre a realidade que de fato se efetiva nesse espaço. Traçando esta linha de pensamento, faremos um breve resgate dos processos históricos que condicionaram a produção deste lugar e que sem dúvida estão diretamente ligados à chegada da Brasil Foods S.A no ano de 2009. Serão também apresentados dados do crescimento do município, assim como as mudanças nos movimentos de chegada de pessoas vindas de outras regiões, sendo um possível caminho para se obter uma noção dos impactos advindos da chegada da BRF e de seu polo.

O município de Lucas do Rio Verde, localizado na região norte de Mato Grosso, é destacado como sendo um forte polo de produção de *commodities* no estado e, sobretudo no país, responsável por 1% de toda produção brasileira de grãos. Apresenta uma população total estimada em 65.534 (sessenta e cinco mil, quinhentos e trinta e quatro) habitantes (IBGE, 2019). Emancipado no ano de 1988, possui hoje índices expressivos, que são fortemente utilizados na promoção de uma imagem de prosperidade e desenvolvimento avançado. Um mapa com a localização do município pode ser visto na **mapa 03** a seguir:

Mapa 03: Localização de Lucas do Rio Verde em Mato Grosso

Org.: SANTOS, R. L. 2019. Fonte: IBGE. 2015.

Entender o caso deste município requer sem dúvidas um esforço de análise de processos que o constituíram e proporcionaram a este um papel expressivo dentro da lógica capitalista no campo, tais processos trazem consigo as condicionantes históricas, que não somente efetivaram a existência do mesmo, mas, sobretudo transformaram a região na qual o município de Lucas está compreendido. Sendo assim cabe aqui destacar tais eventos que possibilitaram toda esta gama de relações que hoje existem. Sobre este processo Ariovaldo Umbelino de Oliveira considera que:

A Amazônia era vista, nos planos dos governos militares da década de 70, dentro do princípio "integrar para desenvolver", e isto, como se sabe, tinha endereço certo, estava sendo concretizado o "sonho" internacional de tornar a economia brasileira, e a própria região amazônica, por conseguinte, mundializada. As pedras foram sendo colocadas uma a uma, agora eram os planos de desenvolvimento a apontarem o rumo da nau brasileira: aumento da participação da empresa estrangeira no esforço nacional de conquista de mercados e a

associação a empresas de países desenvolvidos que já dispunham de mecanismos de comercialização de âmbito internacional. (OLIVEIRA. 2016, p.115)

A inserção de Mato Grosso, e, sobretudo da região Centro-Oeste e Norte do país dentro de uma nova lógica produtiva no campo, de mecanização e modernização das cadeias produtivas entendidas pela implantação do Agronegócio no mesmo, deu-se a partir da efetivação de uma série de políticas públicas e governamentais num período de estado de exceção (durante a ditadura militar como já foi dito), que possibilitou a adoção de novos paradigmas neste contexto. Martins em sua obra intitulada “Fronteira” nos traz um melhor entendimento desta série de acontecimentos que imbricaram na efetivação do contexto ao qual aqui tratamos:

O quadro de referência da possibilidade desta reflexão se constitui a partir de 1966, quando a ditadura militar (instaurada em 1964 e encerrada em 1985) põe em prática um amplo programa de ocupação econômica da Amazônia brasileira, em bases supostamente modernas. Embora, até por tradição, viesse ocorrendo um lento processo espontâneo de ocupação “do Oeste” e, a partir de meados dos anos 1950, do Centro-Oeste e do Norte do país, o regime militar decidiu acelerar, definir as características dessa ocupação e controlá-la. Os objetivos eram econômicos, mas eram sobretudo geopolíticos. O lema da ditadura era “integrar” (a Amazônia ao Brasil) “para não entregar” (a supostas e gananciosas potências estrangeiras). Os militares falavam em “ocupação dos espaços vazios”, embora a região estivesse ocupada por dezenas de tribos indígenas, muitas delas jamais contatadas pelo homem branco, e ocupada também, ainda que dispersamente, por uma população camponesa já presente na área desde o século XVIII, pelo menos. (MARTINS, 2012, p. 76)

Tal inserção desta dita lógica produtiva nesta região corresponde sem sombra de dúvidas às condições propícias para tal acontecimento, condições estas correspondentes tanto aos condicionantes naturais e de apropriação da

natureza em prol do estabelecimento do agronegócio e da apropriação monopolista da terra, como da baixa organização de movimentos sociais e de população articulada no sentido contrário a esta nova configuração que se impunha. Arruda (2007, p. 53-4) considera a partir do caso de Mato Grosso que:

Presente no imaginário social como “natureza intocada”, como “território vazio” onde se localizavam os limites da “barbárie e civilização”, o território Mato-grossense passa a ser concebido, a partir do século XX, como um reservatório de recursos econômicos e vazios populacionais, a ser imperativo das conquistas, dos povoamentos, da exploração e da colonização. A abundância dos recursos naturais, à distância dos grandes centros metropolitanos, a dimensão territorial, a baixa densidade demográfica e a natureza primitiva são elementos fundamentais na composição da imagem de Mato Grosso como um território rico a ser conquistado para a expansão do capital.

As vastas áreas de relevo plano, propício para a mecanização do plantio e colheita, assim como os solos presentes no cerrado de fácil correção da acidez a partir das técnicas já existentes na época, assim como a difusão das ideias de “natureza intocada” e “terra de ninguém”, passível de ser modificada em prol do crescimento econômico nacional, fizeram parte da conjuntura que possibilitou a instalação do modelo de grande propriedade no campo e a incorporação deste dito modelo nesta região do país, inserindo, portanto Mato Grosso no circuito mundial de produção e exportação de grãos, como também pode ser visto através das considerações da autora.

Outra consideração a este respeito e que é de rica importância para decifrar esse momento nos é trazida pelo professor Vicente Eudes Lemos Alves da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), em sua compreensão, além das questões que aqui já pontuamos, de que, num momento de acentuada intervenção e apropriação da natureza, houve a

inserção da modernização, por meio da reorganização territorial das áreas de cerrado:

A expansão da fronteira agrícola para os cerrados brasileiros, sobretudo nas últimas quatro décadas, caracterizou-se por um novo ordenamento territorial⁹ tanto do espaço agrícola quanto do urbano. No espaço de produção agrícola destaca-se o papel das novas técnicas incorporadas a esse setor, que possibilitaram não somente o aumento substancial no volume de produção agropecuária do país, mas foram responsáveis também pela inserção de novas áreas para a agricultura capitalista, como as de cobertura de vegetação de cerrado da hinterlândia brasileira. Esse bioma, no qual até a década de 1960 predominavam a agricultura familiar e a pecuária extensiva, ganha centralidade no contexto de produção agrícola modernizada, sobretudo com a produção de grãos para exportação. (ALVES. 2015, p.227)

Uma série de planos e políticas adotadas pelo governo na época viabilizaram a inserção deste espaço dentro da nova lógica que então se impunha. A relação dessa inserção de novos moldes produtivos com o momento social em que se vivia - pois sim haviam populações que viviam e se reproduziam nesta região, como posseiros e indígenas por exemplo, diferentemente do que se fazia entender a partir dos discursos apregoados na época – é direta. O marco deste novo momento que se instaurava em Mato Grosso é sem dúvidas ligado com a construção da BR-163 (Cuiabá-Santarém) na década de 1970, obra realizada pelo 9º Batalhão de Engenharia e Construção (9º BEC) do exército. Sobre isto Arruda (2007) nos traz uma melhor compreensão, onde:

A ausência de organizações regionais possibilitou que o Estado fosse o principal agente viabilizador da inserção do espaço

⁹ Importante ressaltar que tal postura difere da do método que utilizamos para compreender a produção do espaço e as condicionantes históricas desse processo, apesar disso nos valem da análise do autor para compor um caminho de entendimento sobre o tema que tratamos no presente momento, de elucidação dos condicionantes históricos de tal processo.

mato-grossense à nova lógica de (re)produção capitalista, ou seja, para a expansão da fronteira agrícola, por meio da adoção de mecanismos institucionais pautados em leis, decretos, planos de incentivos governamentais e políticas de colonização; pela criação de estruturas geográficas como, por exemplo, a construção da rodovia BR-163 (Cuiabá-Santarém), da dotação de equipamentos urbanos, bem como, através das representações sociais. Constituem papel importante para o processo de produção espacial, propiciando e viabilizando a urbanização dessa área e, conseqüentemente, a sua condição de capital fixo incorporado à terra. (ARRUDA, p. 54-5)

Aproveitando a discussão, foi elaborado um mapa sobre o contexto dos municípios que compreendem o eixo da BR-163 em Mato Grosso, com destaque para a capital do estado, Cuiabá, e Lucas do Rio Verde no médio-norte do estado. Veja o mesmo no **mapa 04**:

Mapa 04: Municípios cortados pelo eixo da BR-163 em Mato Grosso.

Org.: SANTOS, R.L. 2019. Fonte: IBGE, 2015.

Corroborando com a questão da BR-163, e os processos decorrentes desse projeto, as considerações de Marques (2006), quando esta entende a

questão dos grandes empreendimentos realizados pelo Estado brasileiro durante a ditadura militar, e os desdobramentos da lógica produtiva imposta neste contexto pela via da modernização. Sobre isto escreve:

O projeto desenvolvimentista implementado pelos governos militares foi responsável pela realização de grandes obras de infra-estrutura como a construção de estradas e de usinas hidrelétricas, desencadeando fortes impactos sociais e ambientais. Também executou um conjunto de políticas visando à modernização da base técnica na agricultura e a consolidação de complexos agroindustriais. (p.177)

Tais políticas e ações transformaram e atrelaram profundamente a forma como tanto o agrário e o urbano eram até então produzidos, fornecendo a possibilidade do surgimento de uma série de cidades com dependência íntima com a lógica pela qual o agrário passou a ser produzido, dando novas formas e condicionando uma estruturação das lógicas urbanas a partir do agrário. Tais cidades hoje despontam como novos centros de riqueza e oportunidades advindas da produção capitalista no campo. Alves (2015) conflui com esta forma de se analisar tais processos, e a partir da expressiva obra de Denise Elias sobre o tema o mesmo escreve:

O urbano dessas áreas, da mesma maneira, segue uma trajetória de mudanças importantes. Se antes apresentava uma área tênue com poucas alterações da sua dinâmica econômica e espacial, a partir da década de 1970 algumas cidades dessa região transformaram-se substancialmente aportando crescimento expressivo de sua economia e a expansão da sua área de abrangência do urbano. Particularmente essa dinâmica possui relação muito próxima com o avanço da agricultura modernizada e, por conta disso, foram denominadas de 'cidades do agronegócio' (ELIAS, 2011; FREDERICO, 2011). (p. 227-28)

Debruçamo-nos também no trabalho de Denise Elias sobre a temática aqui estudada, onde a mesma nos traz pontos chave de entendimento de como

este processo hoje efetivamente produtor e condicionante de uma nova realidade de cidades atreladas ao agronegócio transformou e prossegue seu movimento de transformação de realidades urbanas no seio destas cercanias que são alvo da produção moderna do agronegócio e ao que ele está ligado.

Não são poucas as evidências de que a dinâmica da produção agropecuária globalizada é um dos vetores de reorganização produtiva do território¹⁰ brasileiro. Em todas as áreas nas quais se verifica a difusão do agronegócio, processa-se uma reestruturação da economia e do espaço, resultando no incremento da urbanização, especialmente associado ao crescimento do consumo produtivo, da migração e do mercado de trabalho. (ELIAS, 2007, p.114)

É no encontro e a partir das condicionantes aqui expostas que está Lucas do Rio Verde. Endossamos que a produção do espaço em cidades como Lucas (com base no agronegócio) implica uma produção também simbólica deste, de ordenação, traçado e composição, pautada no moderno. A cidade é vista como local de grandes oportunidades, riqueza, desenvolvimento e modernidade, impulsionados pelo agronegócio, compreendido pela produção de commodities, base da economia do município. Ligadas a esta condição, possui grandes empresas, multinacionais e nacionais do setor como Cargil, John Deere e Amaggi, que estruturam o chamado desenvolvimento do mesmo no município. Tal configuração não é exclusiva do caso aqui estudado, compreende sem dúvidas uma realidade vivida simultaneamente por outras cidades médias¹¹ na chamada fronteira agrícola brasileira, Alves (2015, p. 228) assinala que:

¹⁰ Outra consideração que difere da postura em que nos apoiamos para construção de uma compreensão crítica da realidade, tal conceito está, a nosso ver, ligado a uma noção de espaço instrumentalizado arraigado as abstrações presentes no modo de produção vigente por meio das instituições que assim o concebem. Ressaltamos este fato sem eliminar a importância do texto da autora para compreendermos o universo do qual trata, este intimamente ligado ao caso de Lucas do Rio Verde propriamente.

¹¹ Tal conceito está ligado às funções e influências exercidas por estas cidades na rede urbana, denotam uma condição de hierarquia destas dentro do sistema urbano. Para BATELLA (2013, p. 20) "Trata-se de uma interpretação dos papéis de uma cidade na divisão territorial do trabalho em um dado contexto espaço-temporal como resultado da diversidade de agentes atuando em múltiplas escalas". Disponível em:

Essas cidades de fronteira agrícola, se especializam em serviços para atender às atividades produtivas do campo: lojas de maquinários, de sementes e de defensivos; escritórios de prestação de serviços agropecuários etc. Mas também expande o consumo de outras mercadorias destinadas a população, tanto de bens de consumo não duráveis quanto duráveis. A paisagem no entorno delas, do mesmo modo, denuncia a interferência da agricultura na dinâmica urbana local. Enfim, visitar algumas cidades do agronegócio na fronteira agrícola é acompanhar as profundas transformações em curso do Brasil contemporâneo.

Algumas imagens das áreas próximas à BR-163, que corta o perímetro urbano de Lucas, podem nos ajudar a visualizar tal questão, é possível perceber a presença tanto de silos de armazenamento e estocagem de grãos ao longo da mesma, como uma série de outros comércios presentes no local. Tais fotografias foram registradas em pesquisa de campo à cidade no mês de Setembro de 2017, e podem ser vistas a seguir, nas **Imagens 04 e 05**:

Imagem 04: Silos do lado esquerdo e comércio do lado direito cortados pela BR-163 em Lucas do Rio Verde-MT

Acervo: Santana, E.M. 2017.

Imagem 05: Avenida lateral a BR-163 em Lucas do Rio Verde, estátua símbolo luverdense e supermercado Del Moro ao fundo

Acervo: Santana, E.M. 2017.

Atualmente Lucas do Rio Verde desponta tanto no estado de Mato Grosso quanto no Centro-Oeste, como um modelo de crescimento econômico e índices sociais que atribuem a este município uma imagem de alto desenvolvimento social e humano. Traremos a partir daqui, os números que contribuem para a construção dessa imagem e nos possibilitam enxergar este município norte mato-grossense, não distante de compreendê-lo dentro da realidade de cidades atreladas ao agronegócio, assim como as possíveis mudanças advindas da chegada da Brasil Foods S.A no ano de 2009, acontecimento entendido aqui como foco da análise e sobre o qual iremos nos debruçar mais profundamente adiante.

A partir da emancipação do município no ano de 1988, o mesmo assistiu um aumento considerável em seus índices oficiais, sendo expressivos os dados ligados ao aumento de população, crescimento econômico, assim como nos indicadores sociais, sendo o período da primeira década de 2000, decisivo na configuração de novos paradigmas a este respeito, tem na mudança de estratégias políticas no sentido da verticalização¹² dos produtos de ordem primária produzidos em Lucas, a condicionante de um novo momento que resultou na alteração de seus indicadores.

O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), por exemplo, saltou de 0,658 em 2000 para 0,768 em 2010, índice superior ao do estado de Mato Grosso que é de 0,725 e até mesmo ao nacional que é de 0,727. É importante e relevante ressaltar que estes dados uniformizam, reduzem e escondem as contradições existentes neste espaço.

Os dados concernentes à evolução no número de população residente podem ser visualizados nas **tabelas 02 e 03** a seguir:

¹² Tal estratégia está presente na linguagem Econômica/Empresarial onde “[...] é considerada por muitos autores como uma tática da empresa que ‘faz tudo sozinha’. Toda a produção estará sob a inteira responsabilidade da própria empresa”. Disponível em: <<https://www.ibccoaching.com.br/portal/as-principais-diferencas-entre-verticalizacao-e-horizontalizacao/>> Acesso em 30 de dezembro de 2017.

Tabela 02: Evolução e Taxa de Crescimento Populacional¹³ de Lucas do Rio Verde

Ano	População	Taxa de Crescimento (%)
1991	6.693	
2000	19.316	188%
2010	45.556	135%
2019*	65.534	43%

Fonte: IBGE. Censo Demográfico, 1991, 2000, 2010. Estimativa de População, 2019.

*Utilizamos essa informação para termos um parâmetro da evolução da população, uma vez que o próximo censo ocorrerá em 2020.

Tabela 03: Estimativas de População no Período de 2001 a 2019

Ano																
2001	2002	2003	2004	2005	2006	2008	2009	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
20.873	21.972	23.205	25.792	27.224	28.646	32.255	33.556	47.571	49.519	52.843	55.094	57.285	59.436	61.515	63.411	65.534

Fonte: IBGE – Estimativas de População, 2001 a 2019.

Como é possível observar os anos de 2007 e 2010 foram desconsiderados na **tabela 03**, em decorrência de terem sido anos em que houve contagem oficial de população por parte do IBGE, sendo assim a população residente nos anos citados foi de 30.741 (trinta mil, setecentos e quarenta e um) em 2007 e 45.545 (quarenta e cinco mil, quinhentos e quarenta e cinco) habitantes em 2010. Enquanto o ano de 2007 apresenta um ritmo de crescimento contínuo em comparação às estimativas anteriores (de crescimento médio de pouco mais de mil habitantes por ano), o ano de 2010

¹³ O cálculo utilizado para obter a taxa de crescimento populacional é:

$$\frac{\text{Valor Final} - \text{Valor Inicial}}{\text{Valor Inicial}} \times 100$$

No caso os resultados dizem respeito a comparação do último dado obtido em relação ao dado anterior. Disponível em <<<https://pt.wikihow.com/Calcular-uma-Taxa-Percentual-de-Crescimento-Anual>>> Acesso em: 26 de outubro de 2019.

representou uma quebra de tal ritmo, com um acréscimo de exatos 11.989 (onze mil, novecentos e oitenta e nove) novos habitantes no município se comparado à estimativa do ano anterior (2009). Se fizermos uma relação entre os dois dados oficiais de população aqui assinalados (2007 e 2010), temos um aumento ainda mais significativo num período de apenas três anos entre as duas pesquisas, o aumento foi de 14.804 (quatorze mil, oitocentos e quatro) habitantes para sermos mais exatos. Tal crescimento pode ser melhor visualizado no **gráfico 01**, a seguir, extraído do IBGE:

Gráfico 01: Crescimento Populacional em Lucas do Rio Verde entre 2001 e 2019

Organizado pelo autor. Fonte: IBGE – Estimativas de População, 2001 a 2019.

É importante que esse momento de trazer dados, de visualizarmos através de uma expressão numérica os processos internos de um determinado lugar (como é o caso de Lucas do Rio Verde mais especificamente), não seja compreendido de forma descolada da realidade de que se refere. Aqui podemos destacar uma interrupção de um ritmo que se expressava no acréscimo lento de habitantes, quebrado após um fato que estimulou a alteração deste fenômeno urbano.

Analisando a questão do atrelamento da lógica e estratégias do poder público articulado com a esfera privada, questão que favoreceu a

desconcentração da indústria, e o direcionamento desta para outras regiões, Damiani (2006) nos trás uma consideração que revela a expressão deste fenômeno diminuído em seu sentido através da quantidade de população, sobre isto escreve:

Os processos de capitalização intensificados de modo desconcentrado, as formas de política insistindo nesta desconcentração corroboram para a constituição de espaços de catástrofe das metrópoles, das cidades médias e das pequenas, com os desmembramentos municipais, a constituição de pequenas cidades e o aumento do tamanho das cidades. altera-se a medida dos fenômenos urbanos, com a mobilização qualitativa da variável indiferente que é a quantidade de população. (p.142)

Concordamos com a autora, quando esta recupera as considerações de Hegel acerca da relação simultânea entre o conteúdo (fenômeno ou processo) e a forma assumida pela quantificação deste. Sobre isto escreve:

A Medida é um quantum (quantidade determinada) específico, enquanto que não é externo, mas determinado pela natureza do objeto, pela qualidade. Na transformação de um quantum, no seu crescimento ou decréscimo, que acontece no interior da medida, encontramos igualmente um processo de especificação, no qual o movimento indiferente, externo da grandeza para o alto ou para baixo da escala é determinado e modificado pela natureza da própria coisa. Quando a “medida” de uma coisa é transformada, a própria coisa muda e cessa de ser aquela coisa particular que era, pelo fato de transpor além da medida – de crescer ou decrescer para fora dela (Hegel apud Damiani, 2006 p.163).

Assumindo tal postura quanto ao significado desse recurso, temos outros dados que nos ajudam a compreender este movimento de atração de novos habitantes, questão que para nós tem íntima relação com a instalação do complexo agroindustrial da Brasil Foods S.A em Lucas do Rio Verde e de

outros do tipo recentemente incorporados ao município. A contagem da população residente por local de origem, juntamente com as considerações da representante do poder público de Lucas pode nos ajudar a entender um pouco mais sobre tais ritmos de chegada, e de onde os mesmos provém. Vejamos na **tabela 04** e no **gráfico 02**, os mesmos podem ser visualizados a seguir:

Tabela 04: População residente em Lucas do Rio Verde, Por Sexo e Lugar de Nascimento

Lugar de Nascimento	Ano x Sexo								
	1991			2000			2010		
	Total	H	M	Total	H	M	Total	H	M
Região Centro-Oeste	...	..	...	7.136	3.475	3.661	19.671	9.974	9.698
Região Norte	...	..	...	375	159	216	744	407	337
Região Nordeste	...	..	...	845	488	357	6.982	4.132	2.850
Região Sudeste	...	..	...	1.189	671	518	2.224	1.192	1.032
Região Sul	...	..	...	9.705	5.348	4.357	15.438	8.114	7.324
Total	...	..	...	19.316	10.176	9.140	45.556	24.016	21.540

Fonte: IBGE – Censo Demográfico, 1991, 2000 e 2010.

Gráfico 02: Gráfico de Barras Empilhadas Sobre População Residente

Organizado pelo autor. Fonte: IBGE, Censo Demográfico, 2000 e 2010.

O início da ocupação da região hoje entendida como Lucas do Rio Verde tem forte ligação com o pioneirismo ligado às famílias de sem terra vindas do Sul do país, como é informado no site do município:

No entanto, foi somente a partir de 1981, quando o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) começou a implantação do projeto de assentamento de 203 famílias de agricultores sem-terra¹⁴ oriundas de Encruzilhada Natalino, interior do município de Ronda Alta (RS), que se formou a comunidade que deu origem a Lucas do Rio Verde. (PREFEITURA DE LUCAS DO RIO VERDE. Disponível em: <http://lucasdoriorverde.mt.gov.br/portal/caracteristicas/caracteristicas.php>)

Hoje, é possível ver que o mesmo passa por um novo momento em função de outros movimentos, desta vez com uma representatividade expressiva de pessoas vindas do Nordeste do país. Se levarmos em conta o fator região de nascimento, os próprios Luverdenses e demais vindos de outros

¹⁴ Importante questão a ser observada, de dois momentos distintos desse espaço, num primeiro sendo formado a partir da luta pela terra no sul do país, e num segundo recebendo outro tipo de movimento ligado ao trabalho, atendendo neste último as demandas da agricultura capitalista.

locais do Centro-Oeste correspondem à maior parcela de habitantes, seguidos de nascidos no Sul do País e de Nordestinos. Importante ressaltar que os Nordestinos no início da década compreendida nos dados correspondiam a apenas 845 habitantes no município, o que saltou para 6.982 dez anos depois. Uma fala que sem dúvidas é central no sentido de compreender esse movimento que vem sendo expresso nos números do município, ou seja, que ajuda a compreender que povo é este que compõe a realidade de Lucas nos dias atuais, vem da Coordenadora de Comunicação do município Ney Magalhães, na época de nossa primeira visita a Lucas do Rio Verde em 2015:

Os pioneiros a maioria absoluta é sulistas, Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina. Aí a outra leva, são as pessoas mais técnicas, aí deu uma misturada, São Paulo, Goiás, Cuiabá, a gente fala Cuiabá porque a gente separa porque agora tem bastante mato-grossense e aí uma terceira fase são os nordestinos, e os nordestinos estão vindos com as grandes indústrias que não é só a BRF. Tipo assim, tá sendo construída a usina e quase 100% dos trabalhadores é nordestino, então acaba inserindo isso na região por um todo, com reflexo na nossa cidade. (Entrevista realizada em 11/01/2015)

É possível enxergar que os dados aqui evidenciados e os números compreendidos dentro dos mesmos homogeneizam processos, e nos distanciam da prática efetiva e do real entendimento acerca dos conteúdos presentes, onde o trabalho e os fluxos advindos da procura por oportunidades de emprego condicionam o deslocamento dos corpos através do espaço geográfico, incorporando até mesmo em localidades extremamente distantes um movimento significativo de novos habitantes oriundos de uma dada região. FERNANDES e ADAS (2004) sobre tal processo de acréscimo populacional e de aceleração da urbanização, causados por uma reestruturação produtiva¹⁵, que se dá na realidade das novas cidades médias brasileiras, dissertam que:

¹⁵ Conceito que designa as mudanças ocorridas na organização produtiva com base nas políticas neoliberais adotadas a partir da década de 1970, segundo ALMEIDA e ALENCAR apud ABREO e RESENDE “Esta tem implicado, portanto no

Sem dúvida, o impacto de todas essas transformações técnicas, econômicas e sociais na dinâmica populacional e na estrutura demográfica é intenso. Concomitantemente a uma verdadeira revolução tecnológica da produção agropecuária e agroindustrial e às transformações nas relações de trabalho, ocorreu uma revolução demográfica e urbana, marcada por grande crescimento populacional, particularmente nas cidades. Dessa forma, o Brasil tem apresentado acelerado processo de urbanização e notável crescimento urbano. (p. 117)

As mudanças ocorridas recentemente em Lucas fazem parte de processos onde as decisões por parte do poder público, no sentido da atração de empreendimentos como é o caso da chegada da BRF no município, objetivaram o incremento nesta realidade de uma série de novas relações e desafios, impostos a partir da chegada desses novos habitantes (entre eles os trabalhadores da empresa) que trouxeram consigo uma forma de se relacionar, não apenas entre si, mas também com esta cidade. O mesmo pode ser considerado com relação à própria cidade, desafiada não apenas pela chegada desses novos moradores, como também pela instalação da empresa. Traremos a seguir outras problemáticas que cremos serem importantes para aprofundar nossas considerações sobre estes diferentes planos se relacionando.

2.2 - A Brasil Foods SA – BRF:

Entramos a seguir mais diretamente na compreensão de como opera, e através de que “valores” o plano privado, compreendido através da BRF atua, e pode ser entendido.

São necessárias algumas considerações sobre esta parte da dissertação, para que se compreenda melhor o movimento que utilizaremos. Na época de qualificação¹⁶ apresentamos uma série de dados, índices e números relativos à BRF que se mostraram insuficientes dentro de nossa

reordenamento da produção e acumulação com repercussões no mundo do trabalho, alterando processos e relações de trabalho, mediante inovações no sistema produtivo e nas modalidades de gestão, consumo e controle da força de trabalho”. Disponível em <http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c_v4n1_reestrut.htm> Acesso em 30 de dezembro de 2017.

¹⁶ Apresentado em Fevereiro de 2018.

proposta, que é de justamente fazer uma crítica ao enredo criado não só pela empresa estudada, mais do que isso, atravessar essa realidade e sua especificidade, fazendo emergir o que está por detrás dessa lógica. Sendo assim nos foi proposto o desafio de pensarmos a BRF, assim como suas narrativas frente a um processo global que tem implicações diretas na produção, no trabalho, e na organização de companhias como a estudada, a financeirização.

Mantemos parte do conteúdo apresentado á época de qualificação por dois motivos, o primeiro é de nos abastecer do que é apregoadado nos relatórios, tendo em mente que os dados apresentados fazem parte de uma retórica que se repete constantemente (em todos os relatórios que tivemos acesso), composta de números seguidos de números, indicadores, reafirmação de importância e relevância da empresa baseado no “valor de mercado”, do lucro gerado (até mesmo em situações de crise financeira), uma infinidade de artifícios dos mais genéricos possíveis, com jargões que tentam definir o compromisso e cumprimento das normas presentes no mercado, para atrelar a imagem da BRF a de uma companhia forte e segura para se investir.

Outro motivo para mantermos tais informações consiste no fato de que na rapidez e volatilidade do mundo da finança, muitas questões envolvendo à BRF aconteceram num curto espaço de tempo (menos de dois anos desde a qualificação), e iremos explicar os porquês e quais mudanças foram estas. No mais, aproveitamos desse momento para trazer questões que abrem caminho para outras discussões a serem feitas mais adiante, e ajudam a enriquecer o que até aqui está sendo exposto.

A gigante do setor de alimentos Brasil Foods S.A - BRF, é o resultado da fusão de duas empresas, ambas do ramo de alimentos industrializados com abrangência nacional e internacional, a Sadia e a Perdigão, no ano de 2009, segundo informações extraídas do próprio site da empresa e que podem ser visualizadas na **imagem 06** a seguir:

Imagem 06: Fusão da Sadia e Perdigão em 2009

Fonte: <https://www.brf-global.com/sobre-brf/quem-somos-nossa-historia>. Acesso em 02/12/2017).

O complexo Agroindustrial da empresa em Lucas, teve suas atividades iniciadas no ano de 2008, tal informação foi vinculada pela mídia ainda na fase de construção da indústria no ano de 2007, onde ainda é informado a capacidade de produção do complexo produtivo, a partir da fala do então diretor-presidente da BRF Gilberto Tomazoni, a notícia descreve que:

Em Lucas, o abatedouro de aves terá capacidade total de 500 mil cabeças diárias e o de suínos, de 5 mil animais. As fábricas começarão a operar em meados do ano que vem. "Industrializados vai demorar um pouco mais, mas será em 2008" (Disponível em: <<https://www.suinoindustria.com.br/imprensa/sadia-amplia-complexo-em-construcao-no-mato-grosso/20070705-064907-2889>> Acesso em 27 de dezembro de 2017)

Como pode ser visto a partir de tais informações, no complexo de Lucas é realizado o abate de suínos e aves, assim como já fazia parte dos planos da mesma "[...] erguer também uma fábrica para processamento de carne suína e de frango". Ainda são informadas questões concernentes aos investimentos aplicados pela BRF em Lucas do Rio Verde, onde também nos é mostrado uma relação com a cadeia produtiva incorporada no norte do estado de Mato Grosso, onde planejava também a instalação de outro polo produtivo

(específico para o abate de aves) no município de Campo Verde na mesma região do estado, sobre isso está descrito:

[...] a empresa deve investir R\$ 800 milhões apenas no complexo de Lucas. Inicialmente, quando os planos para o Mato Grosso foram anunciados, em meados de 2005, a previsão da companhia era aplicar esse montante em Lucas do Rio Verde e também em Campo Verde, no norte do Estado, onde a empresa já tem granja de aves e fábrica de ração. Os recursos a serem investidos em Campo Verde ainda não estão definidos, segundo Tomazoni. Na cidade, a Sadia planeja implantar abatedouro de aves.

Aproveitaremos do Relatório Anual e de Sustentabilidade de 2016 (o mais recente à época de qualificação), para trazer outras informações sobre a empresa. Os números da mesma são sempre expressivos (no sentido dos montantes apresentados), o que não é diferente com relação a seus trabalhadores e prestadores de serviço, como informado no relatório que “Em 2016, mais de 111 mil colaboradores integraram o quadro da BRF, entre empregados diretos, terceirizados, estagiários e aprendizes” (BRF, p.111, 2016). A abrangência de atuação da mesma no mercado mundial se dá a partir da operação desta em 150 (cento e cinquenta) países, tal relação com o mercado mundial é expresso no relatório anual da empresa, que ainda nos traz considerações sobre sua posição dentro do mercado mundial, “Com mais de 80 anos de história e atuação em mais de 150 países, a BRF S.A. é uma empresa de alimentos global, com sede no Brasil, que ocupa a terceira posição mundial no abate de aves (Watt Global Media)” (BRF, p.12, 2016). Fato curioso é que apesar da fusão, e do pouco tempo efetivo de existência no mercado, as histórias dessas duas companhias se funde numa só, moldando outra noção de tempo sobre a existência da própria BRF em si, trazemos aqui elementos dessa projeção por parte da empresa, justamente os assinalando como pontos relevantes, onde as proporções até mesmo de existência da mesma condicionam a pensá-la valorizando a sua grandeza e referência dentro de um padrão capitalista de mercado.

A representatividade da Brasil Foods S.A no mercado de ações tanto no Brasil como no exterior, também nos ajuda a compreender as proporções que a BRF assume na relação com investidores e empresários não só no setor no qual atua, sobretudo tendo esta uma atividade já consolidada, sendo orçada em 38,5 bilhões de reais (trinta e oito bilhões e meio de reais), como bem é ressaltado pela mesma:

Somos uma companhia de capital aberto, com ações negociadas no mercado de capitais há mais de 30 anos. Participamos do segmento mais exigente da BM&FBovespa, o Novo Mercado, com valor de mercado estimado em R\$ 38,5 bilhões, e integramos o Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE), atestando nossas práticas de gestão socioambiental. No exterior, nossos papéis são negociados na Bolsa de Nova York (NYSE – ADR nível III) e estamos listados no Dow Jones Sustainability Index Emerging Markets. (BRF, p.12, 2016)

Outros números da empresa presentes em seu discurso, mais diretamente sobre sua atuação no exterior, seus investimentos, força de trabalho empregada, assim como produtores integrados e fornecedores são destacados da seguinte forma:

Nos últimos anos, consolidamos nosso posicionamento global, com estrutura de produção e logística próprias e capacidade de atendimento em seis diferentes regiões: Europa / Eurásia, América Latina, Brasil, África, Ásia e Oriente Médio / Norte da África. Em 2016, mais de R\$ 2,5 bilhões foram investidos na construção e aquisição de unidades e marcas. Com isso, hoje operamos mais de 50 fábricas, 47 centros de distribuição e 30 marcas em todo o mundo, apoiados por uma força de trabalho multicultural que soma mais de 110 mil empregos. Contamos, ainda, com mais de 34 mil fornecedores, incluindo 13 mil produtores agropecuários integrados, como parceiros para garantir a satisfação de clientes e consumidores e a qualidade de nossos alimentos. (BRF, p.12, 2016)

Os números correspondentes aos lucros e receitas detalhados podem ser visualizados na **tabela 5** a seguir:

Tabela 5: Lucros e Receitas BRF S.A

Resultado – milhões	2015	2016	VAR.2016/2017
Receita Bruta	37.235	39.069	4,9%
Receita Líquida	32.197	33.733	4,8%
Lucro Bruto	10.089	7.526	(25,4%)
Margem Bruta (%)	31,3	22,3	(9,0 p.p)
Lucro Líquido	2.928	(372)	(112,7%)
Margem Líquida (%)	9,1	(1,1)	(10,2 p.p)
Resultado por ação (R\$)	3,62	(0,47)	(112,9%)

Organizado pelo autor. BRF, 2016.

Na comparação com os lucros do ano anterior (2015), houve uma queda nos resultados obtidos pela BRF em 2016, o mesmo ocorreu devido ao “impacto dos elevados custos, dado o cenário setorial atípico, e da estratégia de defesa de volumes com preços praticados menores, o lucro líquido da BRF foi significativamente afetado de 2015 para 2016” (BRF, p.68, 2016). Mesmo tendo prejuízo líquido no ano em questão, ao qual a própria empresa considera como tendo sido atípico, é inegável a potência de geração de valores pela mesma, seríamos ingênuos em julgar este evento como sendo regra, quando até mesmo seu valor atual de mercado mostra positivamente o contrário (valor de mercado orçado em mais de 38 bilhões como já fora relatado anteriormente).

Como neste capítulo propomos uma análise que considera as questões referentes aos números e valores, que revelam como esta empresa se projeta no mercado e vinha mantendo seu papel expressivo no mesmo voltamo-nos agora a partir dos dados disponibilizados pela mesma para o que diz respeito aos seus trabalhadores, questão importante para esta pesquisa, que nos ajuda a mensurar a massa de trabalhadores relacionados com a BRF. Na **tabela 06** é possível visualizar que num curto espaço de tempo, de apenas três anos, o número de funcionários não se mantém o mesmo, e nem distribuído da mesma forma, conforme a seguir:

Tabela 06: Número de Funcionários por Tipo e Gênero da BRF

EMPREGADOS, POR TIPO DE EMPREGO E GÊNERO G4-10						
	2014		2015		2016	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Tempo indeterminado	59.623	40.718	53.630	36.904	51.058	34.924
Tempo determinado	218	159	346	154	211	156
Estagiários e aprendizes	813	863	791	725	770	802
Funcionários fora do Brasil	3.310	749	4.458	787	9.547	6.567
Total	63.964	42.489	59.225	38.570	61.586	42.449
Terceirizados ¹	8.502		7.938		7.833	
Total de empregados (próprios e terceiros)	114.955		105.733		111.868	

¹Para terceirizados, não há controle segregado por gênero.

Fonte: BRF, 2016.

É expressiva a diminuição do número de funcionários com tempo indeterminado de ambos os gêneros, caindo de 59.623 (cinquenta e nove mil, seiscentos e vinte e três) para 51.058 no caso dos homens no período compreendido, uma diminuição de 8.565 (oito mil, quinhentos e sessenta e cinco) empregados, e no caso das mulheres houve diminuição de 5.794 empregos diretos. Mesmo no caso dos terceirizados (apesar de não termos a precisão de dados segregados por gênero) houve queda nos números apresentados, 669 (seiscentos e sessenta e nove) empregos a menos para sermos mais exatos. Na comparação com os outros grupos compreendidos nos dados, o dos trabalhadores fora do Brasil é o único que possui crescimento exponencial, tendo aumento significativo no número de funcionários em todos os anos do período, saltando de 3.310 (três mil, trezentos e dez) para 9.547 (nove mil, quinhentos e quarenta e sete), exatos 6.237 (seis mil, duzentos e trinta e sete) novos empregos em apenas três anos no caso dos homens, e do aumento de 749 (setecentos e quarenta e nove) para 6.567 (seis mil, quinhentos e sessenta e sete) no caso das mulheres, 5.818 (cinco mil, oitocentos e dezoito) novas trabalhadoras fora do país.

Apesar de os números mostrarem uma realidade de diminuição no número de trabalhadores por parte da BRF no país, a mesma se pronuncia no

sentido contrário, onde de acordo com informações disponibilizadas a rotatividade de trabalhadores diminuiu, o tema é tratado da seguinte forma pela empresa:

Em função de conjunturas macroeconômicas e da natureza de nosso negócio, altamente competitivo, o *turnover* é um dos focos da gestão. Em 2016, conseguimos reduzir a taxa de rotatividade em relação ao ano anterior: a taxa caiu de 16,18% para 12,94%, para homens, e de 11,59% para 8,07% para mulheres [...] Na prática, durante o ano houve um aumento de aproximadamente 22% nas contratações e redução em aproximadamente 20% no índice de rotatividade, em comparação a 2015.

Como dissemos, os próprios números apresentados pela BRF revelam um cenário de contratações, diferente do que é dito por parte da mesma, se analisarmos de forma mais cuidadosa o que nos é informado, podemos ver que não houve aumento nas contratações no caso brasileiro, e a partir dos próprios dados divulgados por ela, temos uma noção do movimento de desligamento de funcionários inclusive por região, onde no caso do centro-oeste (região que compreende Lucas do Rio Verde no país) houve aumento apenas no número de terceirizados, mesmo assim com um pequeno recuo no ano de 2016, como pode ser visto na **tabela 07** a seguir, extraída dos anexos do relatório anual da BRF:

Tabela 07: Dados Sobre Emprego por Região

EMPREGADOS, POR TIPO DE EMPREGO E REGIAO BRASILEIRA (2014)					
	Norte	Nordeste	Centro-Oeste	Sudeste	Sul
Tempo indeterminado	316	4.087	23.581	16.850	55.507
Tempo determinado	4	45	12	247	69
Estagiários e aprendizes	4	248	2.148	1.105	4.997
Terceirizados	58	39	484	141	954
Total	382	4.419	26.225	18.343	61.527
Total no Brasil	110.896				
EMPREGADOS, POR TIPO DE EMPREGO E REGIÃO BRASILEIRA (2015)					
Tempo indeterminado	285	3.312	23.307	14.578	49.052
Tempo determinado	0	57	15	370	58
Estagiários e aprendizes	18	135	407	399	557
Terceirizados	4	184	2.241	1.043	4.466
Total	307	3.688	25.970	16.390	54.133
Total no Brasil	100.488				
EMPREGADOS, POR TIPO DE EMPREGO E REGIÃO BRASILEIRA (2016)					
Tempo indeterminado	294	3.155	20.460	13.878	48.195
Tempo determinado		6	20	270	71
Estagiários e aprendizes	17	129	352	462	612
Terceirizados	2	177	2.203	966	4.485
Total	313	3.467	23.035	15.576	53.363
Total no Brasil	95.754				

Fonte: BRF, 2017.

Como é possível visualizar, o número de trabalhadores totais no país assistiu um recuo expressivo no período informado, para sermos mais precisos 15.142 (quinze mil, cento e quarenta e duas) vagas de emprego a menos, o que contrasta e muito com a realidade apresentada pela BRF. De acordo com os dados também é possível observar que a segunda maior região com número de trabalhadores é a Centro-Oeste, que mesmo com recuo de 3.190 (três mil, cento e noventa) vagas de emprego, continua correspondendo pela segunda maior porção de trabalhadores entre as regiões do país, tendo a mesma assistido um aumento apenas no número de terceirizados como já havíamos dito anteriormente.

Vejamos agora outros dados, concernentes aos desligamentos e contratações feitas no período compreendido de 2013 a 2016, assim como os

correspondentes as taxas anuais de rotatividade de funcionários no período supracitado, tais informações estão presentes nas **tabelas 08 e 09** a seguir:

Tabela 08 Números de Desligamento e Rotatividade na BRF

Desligamentos por Região				
	2013	2014	2015	2016
Região Sul	15.065	16.488	13.855	9.219
Região Sudeste	7.095	6.194	4.700	4.138
Região Centro-Oeste	13.689	12.220	6.742	6.816
Região Nordeste	840	966	1.070	733
Região Norte	85	77	121	71
Exterior	N/A	1.106	673	878
Taxa de Rotatividade por Gênero (%)				
Masculino	19,75%	20,70%	16,18%	12,94%
Feminino	12,70%	14,10%	11,59%	8,07%
Taxa de Rotatividade por Faixa Etária (%)				
Abaixo de 30 anos	19,75%	21,70%	15,65%	11,33%
Entre 30 e 50 anos	12,70%	12,65%	11,28%	8,85%
Acima de 50 anos	0,94%	1,00%	0,82%	0,83%
Taxa de Rotatividade por Região (%)				
Região Sul	13,69%	15,74%	14,17%	9,43%
Região Sudeste	6,44%	5,91%	4,81%	4,23%
Região Centro-Oeste	12,43%	11,66%	6,89%	6,97%
Região Nordeste	0,76%	0,92%	1,09%	0,75%
Região Norte	0,08%	0,07%	0,12%	0,07%

Organizado pelo Autor. BRF, 2017.

Tabela 09: Número de Contratações e Taxas Correspondentes por Região

Números de Contratação por Região				
	2013	2014	2015	2016
Região Sul	12.471	15.563	10.925	8.404
Região Sudeste	5.506	5.269	3.922	3.390
Região Centro-Oeste	13.390	11.365	6.273	3.902
Região Nordeste	1.140	1.042	754	513
Região Norte	74	96	74	78
Exterior	N/A	828	1.017	11.808
Taxa de Novas Contratações por Gênero (%)				
Masculino	18,20%	18,90%	14,49%	15,25%
Feminino	12,50%	13,70%	8,99%	11,76%
Taxa de Novas Contratações por Faixa Etária (%)				
Abaixo de 30 anos	21,40%	24,03%	16,14%	15,78%
Entre 30 e 50 anos	9,00%	8,33%	7,20%	10,27%
Acima de 50 anos	0,30%	0,25%	0,15%	0,95%
Taxa de Novas Contratações por Região Brasileira (%)				
Região Sul	11,32%	14,85%	11,17%	8,08%
Região Sudeste	5,00%	5,03%	4,01%	3,26%
Região Centro-Oeste	12,16%	10,85%	6,41%	3,75%
Região Nordeste	1,04%	0,99%	0,77%	0,49%
Região Norte	0,07%	0,09%	0,08%	0,07%

Organizado pelo Autor. BRF. 2017.

A rotatividade de funcionários, é questão importante, vista enquanto problema pela lógica empresarial, onde a mesma:

[...] também conhecida como turnover, é a frequência com que colaboradores entram e saem de uma empresa. O que mais

preocupa as corporações é quando essa rotatividade se torna alta, pois além de gerar custos de demissões e contratações, o trabalho acaba não evoluindo, uma vez que diversos profissionais passam pelo mesmo cargo sem que haja progresso significativo para a organização. (Disponível em: <<http://www.ibccoaching.com.br/portal/rh-gestao-pessoas/causas-rotatividade-de-funcionarios/>> Acesso em 29 de dezembro de 2017)

Insistimos em trazer essas informações com relação a rotatividade, por que isto foi sentido nas ocasiões em que tivemos contato com os trabalhadores da empresa. Sabemos que é um universo restrito, de um número reduzido de entrevistas frente à população do Tessele Júnior, ou mesmo dos funcionários da BRF como um todo, mas expressa um movimento, reafirmado em outros momentos de entrevista, mesmo fora do bairro dos trabalhadores, é sabido sobre a dificuldade do trabalho em neste tipo de agroindústria, e da rotatividade das pessoas que chegam para trabalhar ali. Analisando os dados, é perceptível um movimento superior de demissões, ao de contratações. No caso do Centro-Oeste foram mais de seis mil desligamentos, frente a pouco menos de quatro mil contratações em 2016. Infelizmente não obtivemos informações do caso específico de Lucas do Rio Verde. Mas em alguns momentos de entrevista, como no caso do trabalhador da Bahia relatado no primeiro capítulo, o aumento de tarefas por conta da diminuição de funcionários parece ter uma relação muito direta.

Outra informação que pode diretamente nos ajudar a traçar uma noção mais direta com a realidade de investimentos da BRF é o da proporção de gastos da empresa com fornecedores locais, vejamos tais dados na **tabela 10**:

Tabela 10: Proporção de Gastos com Fornecedores por Estado

PORPORÇÃO DE GASTOS COM FORNECEDORES LOCAIS – BRASIL G4-EC9			
	2014	2015	2016
AL	0,00%	0,00%	0,00%
AM	0,00%	0,00%	0,00%
BA	0,00%	0,00%	0,00%
CE	0,00%	0,00%	0,00%
DF	0,00%	0,00%	0,00%
ES	0,00%	0,00%	0,00%
GO	22,00%	19,42%	15,62%
MA	0,00%	0,00%	0,00%
MG	8,00%	11,87%	9,60%
MS	3,00%	3,21%	2,24%
MT	26,00%	18,23%	18,56%
PA	0,00%	0,00%	0,00%
PE	0,00%	0,00%	0,00%
PI	0,00%	0,00%	0,00%
PR	29,00%	28,48%	33,71%
RJ	0,00%	0,00%	0,00%
RN	0,00%	0,00%	0,00%
RS	8,00%	14,31%	13,83%
SC	4,00%	4,48%	6,44%
SP	0,00%	0,00%	0,00%

Fonte: BRF, 2017.

É expressiva a representatividade do estado de Mato Grosso dentro do cenário nacional de investimentos da BRF com fornecedores locais, ficando atrás apenas do Paraná em 2014 na proporção dos investimentos assim como no ano de 2016. Tal relação revela uma intencionalidade na lógica produtiva da empresa, que procura instalar seus complexos produtivos em locais que possuem produção de matéria-prima, a qual barateia os custos produtivos da mesma, tal questão faz parte das estratégias e está presente no discurso BRF, a mesma pontua que o “Acesso a commodities essenciais à produção agrícola é um requisito para a continuidade das operações da BRF, no Brasil e no mundo” (BRF, p.56), tal relação ainda é expressa da seguinte forma em seu relatório:

Volatilidade de preços e sazonalidade de determinados insumos e matérias-primas essenciais aos negócios, como

milho, farelo de soja, soja em grãos e suínos, seja por conta de condições de mercado internas e externas, seja por doenças, sanções ou embargos.

O tratamento deste risco, um dos mais críticos para o setor de alimentos/proteína animal, nos permite reduzir custos de produção e potencializar a geração de valor. (BRF, p.56,2016)

Infelizmente não foi possível coletar mais informações sobre tal sazonalidade atípica, com relação específica a produção ligada à carne de frango que não é citada no relatório como pode ser visto, entretanto segundo a Confederação da Agricultura e Pecuária – CNA Brasil:

O suinocultor amargou prejuízos em 2016. Devido à valorização de 55% do milho, principal componente da alimentação animal, os custos médios para a produção de suínos foram 30% superiores aos observados em 2015 (gráfico 1) nos polos produtivos da região Sul. A alimentação representa 80% dos custos de produção. (Disponível em: <http://www.cnabrasil.org.br/sites/default/files/sites/default/files/uploads/16_suinocultura.pdf> acesso em 29 de dezembro de 2017)

Em dado momento pontuamos a questão dos lucros líquidos da empresa que sofreram queda nos resultados no ano de 2016 na comparação com o ano anterior. Conforme mencionado, a questão dos altos custos em decorrência de um período setorial atípico foi a causa disto, tal evento tem relação direta com a questão das commodities, sobre isto afirmam que: “Em 2016, a BRF foi fortemente impactada por esse risco, com altas de milho e soja, por exemplo, que reduziram sua competitividade em diversos mercados” (BRF, p.56).

Sigamos para atualização das questões apresentadas e aprofundemos um pouco mais nossa discussão.

Passado e Presente da BRF: A Lógica Financeira e Seus Desdobramentos:

O que apresentamos é um momento da própria análise que tende a dualidade, induzida por uma lógica que se decifra assim. A linguagem financeira presente nestes relatórios, construída a partir do lucro sobre lucro, do “fazer dinheiro’ sem sair da esfera financeira” (CHESNAIS, 2005, p. 35), é decifrada a partir do universo dos números, do louvor à mercadoria e ao consumo, do espetáculo do capital, lembrando-nos das teses de Guy Debord onde “O espetáculo é o *capital* a um tal grau de acumulação que se torna imagem” (, p. 20). Ou seja, o que está posto é a necessidade de se aprofundar a questão, de ir além da imagem, não apenas nos índices por eles mesmos, mas de todo um processo que põe novos limites de análise para compreensão do modo de produção e da realidade produzida por este.

Foi pensado á partir do que já expomos no início do item anterior a este, aproveitar da oportunidade de nosso trabalho, e da reflexão da forma como estava entendida, para entrarmos na discussão que faremos agora. A necessidade de aprofundar a realidade em que esta companhia está inserida, nos leva a questionar uma série de movimentos aos quais tivemos contato nas considerações do relatório estudado; por exemplo, o período de existência dessa empresa, o que havia antes disso? Quais os processos envolvidos nesse tipo de fusão, na organização e controle de grupos como a BRF? Qual a interferência desse tipo de mudança para o trabalho e o trabalhador em si?

Como já foi adiantado, traremos a discussão da financeirização como horizonte a ser estudado, sendo este estudo um momento do esforço atual, que nos revelou questões importantes e aprofundou a compreensão dos processos em que está inserida a BRF, seu discurso, e o trabalhador que nela trabalha. No mais atualizaremos a situação apresentada (do ano de 2016), com informações extraídas do relatório mais recente da empresa (do ano de 2018) e de notícias que se referem à situação atual da BRF.

Pesquisar sobre a vida dos trabalhadores, suas minucias, particularidades, e questões que objetivamente nos revelaram a exploração destes sendo composta por uma série de agravantes (doenças, trajetória de vida relacionada ao trabalho, violência, falta de acesso a moradia), permitiu que fossemos provocados a questionar a produção de riquezas, assim como a

modernidade e o avanço que são falas recorrentemente presentes tanto por parte do Estado, como da empresa em si. Ocorre que o universo em que está a BRF nunca pôde ser plenamente acessado, e dentro do que foi possível ter acesso (relatórios, entrevista com representante da PROHAB e do setor de recursos humanos) foi notável um descolamento que existe entre esses diferentes momentos, mas com algo que paira essa realidade de forma objetiva, seja na burocracia rígida que impede que informações (que são muitas vezes públicas e presentes em relatórios e notícias) sejam repassadas, ou mesmo o registro da entrevista não pudesse ser feito, tudo conforme a *Compliance*¹⁷ da empresa. Uma lógica que propõe certa lisura, mas que não corresponde a realidade de exploração e perversidade com a qual tivemos contato.

Pois bem, certo descolamento não está descolado (pelo menos não totalmente), está presente em todos esses momentos (nos relatórios oficiais, com os representantes e trabalhadores como um todo) de formas distintas e compreendendo práticas distintas. Sobre isso, é preciso que retomemos conceitualmente tais questões.

A questão da finança põe em evidência a necessidade de se decifrar o momento característico do capital na atualidade, sendo o esforço de se compreender tal questão importante no sentido de não apenas atualizarmos

¹⁷ Segundo a Editora Forum, especializada em conhecimento jurídico “O termo compliance significa “estar em conformidade com”, obedecer, satisfazer o que foi imposto, comprometer-se com a integridade. No âmbito corporativo, uma Organização “em compliance” é aquela que, por cumprir e observar rigorosamente a legislação à qual se submete e aplicar princípios éticos nas suas tomadas de decisões, preserva ileso sua integridade e resiliência, assim como de seus colaboradores e da Alta Administração”. O que resulta na imposição de práticas em que “O compliance tem a função de monitorar e assegurar que todos os envolvidos com uma empresa estejam de acordo com as práticas de conduta da mesma. Essas práticas devem ser orientadas pelo Código de Conduta e pelas Políticas da Companhia, cujas ações estão especialmente voltadas para o combate à corrupção”. Disponível em <<https://www.editoraforum.com.br/noticias/entenda-o-que-e-compliance-e-descubra-os-principais-beneficios-para-as-empresas/>> Acesso em 10 de Outubro de 2019.

conceitos e definições, mas apontarmos para os limites existentes na complexificação do sistema e de suas formas de produção e reprodução. Chesnais (2005) propõe que:

O mundo contemporâneo apresenta uma configuração específica do capitalismo, na qual o capital portador de juros está localizado no centro das relações econômicas e sociais. As formas de organização capitalistas mais facilmente identificáveis permanecem sendo os grupos industriais transnacionais (sociedades transnacionais, STN), os quais têm por encargo organizar a produção de bens e serviços, captar o valor e organizar de maneira direta a dominação política e social do capital em face dos assalariados. Mas a seu lado, menos visíveis e menos atentamente analisadas, estão as instituições financeiras bancárias, mas sobretudo as não bancárias que são constitutivas de um capital com traços particulares. (p. 35)

Portanto, estamos trazendo para discussão outros elementos que complexificam as relações capitalistas de produção e dominação, não anulando a importância de outras instâncias presentes neste como, por exemplo a produção de mercadorias e o consumo. Não é nossa intenção tratar do processo de difusão da lógica financeira como está posta nos dias atuais, com toda sua força e alcance mundial, mas é imperativo que se diga sobre uma mudança com relação à propriedade de companhias com atuação internacional como é o caso da BRF, onde:

[...] instituições especializadas (antes pouco visíveis) tornaram-se, pela intervenção dos mercados bursáteis, as proprietárias dos grupos: proprietários-acionistas de um tipo particular que têm estratégias inteiramente submetidas à maximização de uma nova grandeza, o 'valor acionário'. (CHESNAIS, 2005, p.36)

Em outro momento o autor reforça tal consideração, defendendo a hipótese que nos serve de prerrogativa, sobre a condição complexa de a quem

pertence a propriedade dentro dos moldes financeiros, onde escreve que “A tese aqui defendida sustenta que os detentores das ações e de volumes importantes de títulos da dívida pública devem ser definidos como proprietários situados em posição de exterioridade à produção, e não como ‘credores’”. Esta afirmação faz parte de uma análise mais direcionada a relação do Estado com a finança, mas abre caminho para pensarmos sobre a relação da figura dos acionistas e sua força de participação nas decisões, ou melhor dizendo a interferência da lógica financeira que interfere no funcionamento dos grupos industriais.

Ao realizar uma análise sobre o processo de reestruturação da finança no pós-crise de 1920 e final da Segunda Guerra, Chesnais trás importantes considerações sobre a questão da “exterioridade da produção”, como dissemos não é nossa intenção resgatar a historicidade da questão financeira, mas são relevantes as considerações do autor, sobre isto escreve:

A restauração do poder da finança teve dois resultados cujas consequências para a reprodução do capital no longo prazo não podem ainda ser apreciadas, mas devem ser postas em evidência. A primeira é a força formidável da centralização do capital, compreendida como processo nacional e internacional (especialmente transatlântico) que resulta das fusões e aquisições (F&A) orquestradas pelos investidores financeiros e seus conselhos. A segunda diz respeito à maneira pela qual a finança conseguiu alojar a ‘exterioridade da produção’ no próprio cerne dos grupos industriais. É possível que isso seja um dos traços mais originais da contra-revolução social contemporânea. A partir dos anos 80, os proprietários-acionistas despenderam energia e meios jurídicos, ou quase jurídicos, consideráveis para subordinar os administradores industriais e os transformar em gente que interiorizasse as prioridades e os códigos de conduta nascidos do poder do mercado bursátil. (2005, p. 53-4)

Frente a tal exterioridade com relação à produção quais as mudanças provocadas na relação com o trabalhador? Vejamos:

Os assalariados foram as verdadeiras vítimas da chegada dos proprietários-acionistas. É contra eles que se exerce o novo poder administrativo. Foram eles que sofreram e vão continuar a sofrer, desconsiderando acontecimentos políticos e sociais maiores, os efeitos das normas de rentabilidade impostas pelos financistas [...] O rigor salarial e a flexibilização do emprego, assim como o recurso sistemático ao trabalho barato e pouco protegido, por meio da deslocalização e da subcontratação internacional, permitiram esse movimento. (CHESNAIS, 2005, p. 55)

A economista Catherine Sauviat corrobora em suas considerações com as trazidas até aqui, e nos dá mais elementos para pensarmos essa dominação, e a forma com a qual é exercida através do poder concentrado pela finança, na figura dos acionistas. Esta considera que:

A concentração das ações das empresas nas mãos dessas poderosas instituições financeiras – especialmente as cotas de maior valor, pois oferecem maior liquidez -, que se opõe ao modelo da diluição dos acionistas individuais, dominante durante muito tempo, conferiu-lhe o poder de reivindicar coletivamente suas prerrogativas de acionistas e de exigir das empresas e de seus dirigentes níveis mais elevados de retorno sobre a aplicação. (SAUVIAT, 2005, p. 122)

Aproveitaremos de outras considerações desses autores para compor esse esforço crítico, que nos fez pensar sobre a questão da Brasil Foods S.A, mas que na verdade foi mais adiante, estamos pensando sobre as características que dão forma ao capitalismo dos dias atuais, nos processos em que está inserida essa empresa e sua lógica produtiva.

Apesar da história apresentada resumidamente no item anterior, que colabora com a fragmentação da forma como podemos entender um evento desse tipo (fusão entre duas empresas de mesmo seguimento), A Brasil Foods S.A “nasce” da fusão de duas empresas que já existiam há pelo menos 70 (setenta) anos no caso da Perdigão, e 60 (sessenta) anos no caso da Sadia,

ambas com a figura representativa de famílias como proprietárias. Vejamos as **Imagem 07** e **08** retiradas do site da empresa sobre sua história:

Imagem 07: Origem da Perdigão.

Fonte: BRF.

Imagem 08: Origem da Sadia.

Fonte: BRF.

Como também já fora relatado (e pode ser visto na Figura 00: Fusão da Sadia e Perdigão em 2009) a BRF é uma empresa de capital aberto na bolsa de valores, ou seja desde o momento dessa fusão, oficialmente já existia um caráter corporativo com relação a propriedade da mesma diferente do início das duas empresas que deram origem a essa “nova” estrutura. Sauviat (2005) fala desse processo de mudança onde considera que:

Eles destronaram progressivamente as famílias da posição de proprietários dos títulos representativos dos principais ativos

industriais assim como substituíram em parte os bancos como intermediários financeiros, por meio da “titulização” das dívidas, ou seja, a sua conversão em títulos. (p. 122)

Faz parte desse processo, e para que se compreenda melhor a força desses agentes financeiros, a questão dos fundos de pensão e dos administradores de *mutual funds*¹⁸ que são apresentados pela autora como figuras potentes dessas mudanças no arranjo das empresas, questão que nos dá outras nuances dessa atuação. Sobre isto acrescenta:

Os fundos de pensão e os administradores de *mutual funds* desempenharam aí papel ativo, colocando-se como compradores de títulos que serviram para financiar operações como as compras de empresas, que funcionaram como alavancas, ou operações de fusões-aquisições e de OPCs hostis. Na sequencia, os fundos de pensão e os administradores de *mutual funds* buscaram nas aplicações em ações uma força privilegiada de rendimento de sua carteira de ativos e, para isso, começaram a contestar efetivamente o poder dos administradores das empresas.

Isso abre caminho para a discussão que faremos agora, que tem a ver com a forma e os artifícios que esta utiliza para se blindar da turbulência financeira em que se encontra atualmente. É preciso pontuar algo que consideramos importante, e para que não se perca a oportunidade da discussão apresentada por Chesnais e Sauviat; a BRF opera nitidamente dentro das determinações da finança e responde a ela e aos investidores do mercado quando se pronuncia na forma dos relatórios anuais, ou mesmo por parte de seus funcionários, a sociedade como um todo depende quase que unicamente desses canais para ter acesso ao que acontece por dentro da empresa, informações como já ressaltamos, das mais genéricas possíveis, abarrotadas de termos econômicos e financeiros, números e índices que pouco decifram a totalidade dessa companhia.

¹⁸ O termo *mutual funds* se refere aos fundos coletivos norte-americanos, que juntamente com os fundos de pensão figuram como os principais atores do mercado financeiro. (SAUVIAT, p. 109)

Podemos afirmar que se o ano de 2016, anteriormente relatado apresentou dificuldades com relação ao lucro decorrentes da sazonalidade de matérias primas e na queda de exportações, 2018 foi ainda mais crítico para a empresa com a deflagração da terceira fase da “Operação Carne Fraca”, intitulada “Operação Trapaça”. Em decorrência das investigações uma série de denúncias foi feita, que vão desde fraude nas amostras de laboratório para liberação de frigoríficos, ao suborno de fiscais federais e tentativa de abafar denúncias internas feitas por funcionários. Ou seja a preocupação de manter o lucro não apenas se agravou, como o que se vê hoje se vê é a tentativa da BRF de reconstruir sua imagem no mercado frente a quebra da reputação e o aumento das dívidas decorrentes do cenário apresentado. Vejamos algumas notícias a este respeito:

As empresas investigadas burlavam a fiscalização preparando amostras, através dos laboratórios investigados, com o objetivo de esconder a condição sanitária dos lotes de animais e de produtos, evitando, assim, uma medida corretiva restritiva do Serviço Oficial.

O alvo principal desta operação é a fraude nos resultados de análises laboratoriais relacionados ao grupo de bactérias *Salmonella* spp. A presença da bactéria salmonela é comum, principalmente em carne de aves, pois faz parte da flora intestinal desses animais. No entanto, quando utilizados os procedimentos adequados de preparo minimizam os riscos no consumo da *Salmonella*, uma vez que a bactéria é destruída em altas temperaturas, como frituras e cozimento. (BEEFPOINT, 2018. Disponível em <<<https://www.beefpoint.com.br/operacao-trapaca-tudo-que-voce-precisa-saber/>>> Acesso em 15 de outubro de 2019)

Em outro trecho da matéria é relatada a fala do coordenador-geral de Inspeção do Departamento de Inspeção de Produtos de Origem Animal (Dipoa), Alexandre Campos da Silva, sobre o conteúdo das denúncias. Segundo ele a operação encontrou “omissões de ocorrência de salmonela e

até troca de resultados [sobre a presença do patógeno em amostras]" nos laudos entregues pela BRF.

Tal fato trouxe a tona uma série de outras irregularidades por parte dos executivos da empresa, onde até o ex-presidente Pedro de Andrade Faria foi preso, assim como se descobriu a tentativa da empresa de abafar a denúncia feita por uma funcionária da mesma. Outra matéria, agora do site "O Globo" relata o ocorrido:

O juiz federal Andre Wasilewski Duszczak, da 1.^a Vara Federal de Ponta Grossa, decretou a prisão temporária do ex-presidente da BRF Pedro de Andrade Faria e mais dez pessoas por envolvimento num esquema criminoso que levou carne contaminada para a mesa do brasileiro e até para o exterior. O grupo escondeu a existência da bactéria *Salmonella pullorum* em 46 mil aves numa fábrica da gigante do ramo de alimentação, fraudou resultados de laboratórios, adulterou um composto vitamínico dado aos frangos, tentou abafar a denúncia feita por uma funcionária da empresa e até tentou tirar fiscais federais do caso. Tudo está relatado na decisão dada pelo magistrado, a qual O GLOBO teve acesso. Os mandados foram cumpridos nesta segunda-feira, na terceira fase da Carne Fraca, que recebeu o nome de Operação Trapaça. (O GLOBO, 2018. Disponível em <<<https://oglobo.globo.com/economia/brf-tentou-abafar-denuncia-de-funcionaria-diz-juiz-22457900>>> Acesso em 02 de fevereiro de 2019)

É relevante considerarmos essa situação, pois ela nos apresenta outras práticas que não correspondem com a rigorosidade, confiabilidade e comprometimento com a legislação (as quais já são notáveis na relação com o trabalhador) apregoados. Mais do que isso, tais práticas realçam as contradições presentes na realidade como está efetivada, a situação da BRF é sintomática de práticas espúrias revestidas com os signos falaciosos da retórica financeira.

A proposito disso, a reação do mercado financeiro a todos esses acontecimentos que puseram a confiabilidade da empresa em dúvida, foi imediata, tão logo chegaram as notícias, tão logo caíram as ações, veja essa outra notícia vinculada no mesmo dia da deflagração da Operação:

A nova fase da operação Carne Fraca derrubaram as ações da BRF, que recuraram quase 20%, levando junto outras ações do setor. No entanto, o Ibovespa, principal índice do mercado local, conseguiu terminar o pregão em terreno positivo, com alta de 0,30%, aos 86.022 pontos. Já o dólar comercial fechou praticamente estável, com pequena variação negativa de 0,06%, cotado a R\$ 3,249.

Os papéis da BRF lideraram as quedas entre os papéis do Ibovespa, com tombo de 19,74%, cotados a R\$ 24,75. Fora do índice, as ações da Tarpon, um dos fundos com participação na BRF, despencaram 20,33%, a R\$ 2,35. (O GLOBO, 2018. Disponível em <<<https://oglobo.globo.com/economia/brf-cai-quase-20-apos-nova-fase-da-carne-fraca-ibovespa-sobe-030-22456816>>> Acesso em 02 de fevereiro de 2019)

A situação instaurou uma crise que resultou na reestruturação de sua organização interna desde o alto escalão, como a mudança no cargo de diretor-global da empresa (CEO) Abílio Diniz, para entrada do ex-ministro e também ex-presidente da Petrobrás Pedro Parente¹⁹. Essa não foi a única mudança na estrutura da empresa provocada pela crise, e é por conta disso que propusemos a comparação das informações do relatório de 2016 com as mais recentes extraídas do relatório anual de 2018.

¹⁹ Sobre Parente, além dos cargos políticos já exercidos, o mesmo acumula além do cargo na BRF, participação em uma série de outras atividades, quase todas de conselhos ou como sócio de gestora de investimentos, como informa o site “Seu Dinheiro”: “Além do comando do board da BRF, Parente é representante no Brasil da General Atlantic, empresa americana de private equity, e sócio da gestora de investimentos EB Capital. É membro do conselho da Prumo Logística e da americana Continental Grain Company. ‘Estarei em outro conselho, mas não posso anunciar, porque não fui eleito ainda’, diz.” (SEU DINHEIRO, 2019. Disponível em <<<https://www.seudinheiro.com/pedro-parente-conselheiro-brf/>>> Acesso em 15 de outubro de 2019)

Em decorrência dos acontecimentos citados e já sob a direção de Parente, a BRF passou por uma série de mudanças internas e com relação ao controle de plantas fabris pelo mundo, e inclusive no Brasil, que visaram devolver à empresa a reputação e diminuir os agravos com a deflagração das investigações. O que pôde ser visto é um verdadeiro conjunto de manobras da mesma, que resultou na adoção de normas presentes dentro da lógica financeira, que supostamente garantirão a retomada das condições de segurança desejadas pelos investidores. Nas palavras da BRF presentes no relatório anual de sustentabilidade de 2018, num texto de abertura intitulado “Mensagem da liderança”:

Um objetivo claro guiou a BRF em 2018 ao estabelecermos um plano de reestruturação e de reforço à saúde organizacional para a Companhia: fazer nosso negócio gerar resultados e valor compartilhado na medida exata de seu potencial (BRF, 2018, p. 3)

Vejamos como a empresa se pronuncia sobre as denúncias em que esteve envolvida, e os motivos do cenário pouco favorável para investimentos ao qual vem passando:

Medidas protecionistas que fecharam importantes mercados importadores, a pressão de custos em um mercado doméstico onde não foi possível repassar preços e a greve dos caminhoneiros estão entre os principais elementos externos desse período. Os problemas em nossa governança, a extensa desestruturação de equipes, sistemas e processos e uma segunda fase de operações de investigações policiais foram outros elementos a compor esse cenário de desafios. As consequências mais visíveis no nosso negócio e que tivemos que enfrentar ao longo de 2018 foram a queda em nossas margens, um elevado aumento de nosso endividamento e a constituição de estoques de matéria-prima muito superiores ao nível desejável. Se excluirmos esses fatores não recorrentes, nosso resultado negativo seria muito inferior. (BRF. 2018, p.3)

As operações policiais e o envolvimento da empresa nesse escândalo são descritas como “uma segunda fase de operações policiais”, são reforçados os eventos externos em primeiro plano, e ainda se propõe que se exclua esses “fatores não recorrentes”, isso tem um sentido, e lendo as afirmações é possível compreender que faz parte de um reforço aos acionistas e a opinião pública pondo em panos quentes os imbróglios em andamento. Mas tal questão é apenas um ponto, que revela parte das motivações que definiram as ações tomadas pela BRF no referido ano. Vejamos a sequência desse texto que ilustra bem sobre o que estamos falando:

Como resposta a esses acontecimentos e mudanças de cenário, adotamos medidas de curto prazo e impacto imediato nos resultados e na nossa operação: concedemos férias coletivas em sete plantas, adotamos o mecanismo de layoff em nossa unidade de Chapecó (SC) e promovemos ajustes operacionais que impactaram aproximadamente 5% da nossa força de trabalho – como o fechamento de linhas de abate de perus em Mineiros (GO), Francisco Beltrão (PR) e Chapecó (SC). Foram respostas abrangentes e oportunas, que atenuaram os impactos em nossos resultados, embora não tenham sido capazes de neutralizar completamente os efeitos negativos sobre o negócio. (p. 3-4)

Algumas das unidades que tiveram suas atividades alteradas ou até mesmo encerradas, como é o caso da unidade de Mineiros (GO) e Chapecó (SC) citadas, são destacadas como alvos das denúncias presentes na Operação Trapaça:

A terceira fase da Carne Fraca investiga irregularidades em três plantas da BRF que abatem aves, localizadas em Carambeí (PR), Mineiros e Rio Verde (ambas em Goiás). Em Rio Verde, também se investiga o laboratório interno da empresa. Em Chapecó (SC), uma indústria de rações é investigada. (BEEFPOINT, op. Cit.)

Além das informações referentes ao fechamento dessas unidades, uma das práticas as quais comentamos (de resposta ao mercado), foi praticada pela empresa como forma de reduzir os custos, a prática conhecida como Layoff:

[...] é a suspensão temporária do contrato de trabalho. Diferente da demissão, o lay off é um afastamento do funcionário por um prazo determinado, que vai de dois a cinco meses, em que ele continua à disposição da empresa. (DICIONÁRIO FINANCEIRO. Disponível em <<https://www.dicionariofinanceiro.com/lay-off/>> Acesso em 17 de outubro de 2019)

O conjunto de ações da empresa para amortizar os impactos da queda de lucro e aumento do endividamento, também incluem a venda dos ativos de plantas industriais controladas pela BRF no Brasil e no exterior, assim como de outros imóveis da mesma. Vejamos:

Reconhecendo a necessidade de medidas adicionais para enfrentar o cenário adverso e acelerar nosso processo de desalavancagem financeira, decidimos vender nossos ativos na Argentina, na Europa e na Tailândia, além de nossa planta localizada em Várzea Grande (MT) e alguns ativos imobiliários. Também securitizamos recebíveis por meio de um Fundo de Investimento em Direitos Creditórios (FIDC) e reduzimos em cerca de 60% os nossos estoques de matéria-prima congelada. No total, atingimos um montante de R\$ 4,1 bilhões de um total previsto de R\$ 5 bilhões com esse conjunto de medidas. (p.4)

Somente na Argentina a empresa detinha 9 (nove) fábricas, na Tailândia 5 (cinco) e 2 (duas) na Europa, ou seja houve nitidamente um grande impacto no que diz respeito ao patrimônio sob responsabilidade da empresa, sendo que os ativos vendidos desses complexos já figuram como expectativa de ganho futuro para a empresa:

De fato, houve uma expansão da nossa margem, medida via Ebitda²⁰ ajustado – que foi de 4,6% no segundo trimestre para 6,9% no terceiro e 8,8% no quarto trimestre do ano. Nossa posição de caixa, de aproximadamente R\$ 7 bilhões ao final de dezembro de 2018, é robusta e será fortalecida pelas entradas de recursos dos desinvestimentos, estimadas em mais de R\$ 2 bilhões e previstas até o meio de 2019. (p.4)

Um impacto que não corresponde apenas à prospecção de aumento da receita da BRF, também tem relação direta com a questão do trabalhador que é atravessado por essa lógica. Em nossa conversa com o representante da PROHAB Jailton Torres, como comentado no capítulo anterior, alguns funcionários da fábrica em Mineiros (GO), assim como de outro complexo fechado no município de Campo Verde (MT), tiveram que ser transferidos para Lucas do Rio Verde, ou seja, uma reestruturação que provocou movimentos relativos ao trabalho, e para que não nos esqueçamos está relacionado com a manutenção da propriedade das moradias do Tessele Junior, vista como fonte de geração de valor estratégico para a empresa, como nos informou o representante.

Os termos que pudemos ver como Compliance, layoff, e o índice Ebitda são exemplos de uma série de práticas que se traduzem de forma pouco compreensível, pelo menos para aqueles que não estão inseridos no universo da finança e de sua linguagem, ou seja, a maioria das pessoas, muitas delas atravessadas por lógicas desse tipo como, por exemplo, os trabalhadores da BRF. Tal questão ressalta a força detida pelos agentes do mercado financeiro, e seu poder sobre companhias desse tipo e seus reflexos na adoção de ações e práticas que se capilarizam por dentro da empresa. Importante retomar as considerações de Sauviat, quando esta relata que:

²⁰ Ebitda é “a sigla em inglês para Earnings before interest, taxes, depreciation and amortization. Em português, “Lucros antes de juros, impostos, depreciação e amortização” (também conhecida como Lajida). É um indicador muito utilizado para avaliar empresas de capital aberto”. O mesmo “representa a geração operacional de caixa da companhia, ou seja, o quanto a empresa gera de recursos apenas em suas atividades operacionais, sem levar em consideração os efeitos financeiros e de impostos”. (BTG PACTUAL DIGITAL. 2019. Disponível em <<<https://www.btgpactualdigital.com/blog/financas/ebitda-o-que-e-para-que-serve-e-como-calcular>>> Acesso em 17 de outubro de 2019)

Esse novo poder dos investidores institucionais manifesta-se pela ameaça permanente de retirada que eles fazem aos dirigentes da empresa e pela possibilidade que têm de livrar de todo compromisso financeiro da noite para o dia. Isso decorre da liquidez dos títulos, mas não se funda somente na ameaça ou na utilização de seu poder financeiro. Desdobra-se em um poder mais amplo e mais difuso, o de avaliar publicamente as empresas com a ajuda de métodos e de instrumentos padronizados. Decorre, portanto, implicitamente de seu modelo de representação da empresa, que se baseia na criação de valor para o acionista e na reivindicação de seus direitos de propriedade, por meio dos quais chegaram a impor sua visão de empresa como uma 'co-propriedade de acionistas' cuja finalidade é de sua competência exclusiva. Trata-se, pois, de um poder social mais amplo, que se exerce de certo modo do exterior e se encarna na afirmação da primazia dos interesses dos acionistas sobre qualquer outro interesse. (2005, p. 123)

Tal condição é fruto da adaptação imposta às empresas, de obedecerem ao discurso financeiro e incorporarem essa linguagem objetivamente, mesmo que de fachada, a autora pondera que:

Essa nova relação de forças obrigou os dirigentes das empresas a adaptar-se, a falar a língua da finança, a se conformar a suas exigências se não de conteúdo, ao menos de forma; em uma palavra: a obedecer. No interior das empresas, isso se traduz pela sofisticação da comunicação financeira. (op. Cit., p. 124)

Aproveitando a discussão que construímos até aqui, e ligando mais uma vez a problemática da finança e seus desdobramentos na relação com o trabalho. A análise da autora aponta para o abismo existente entre o impacto causado por essa lógica na comparação com a realidade de administradores e assalariados:

Se na realidade o novo poder acionário pouco desestabilizou o poder de controle dos administradores de empresa, o mesmo

não ocorreu com os assalariados. Estes suportaram o vigoroso poder coercitivo daquele. Em face do objetivo fixado de maximização do valor acionário para responder às exigências dos mercados e à intensificação da concorrência, não são os interesses dos assalariados criadores de riquezas e da valorização do capital humano como fator possível de competitividade que guiam a política dos dirigentes da empresa. Ao contrário, estes privilegiaram os esquemas que vão ao encontro das “preferências” dos investidores, tais como a redução de custos, a reestruturação dos grupos em torno dos segmentos de atividade mais rentáveis, os programas recorrentes de recompra de ações etc.

A partir das questões aqui apresentadas, esperamos que esse esforço tenha servido para aprofundarmos a crítica que estamos construindo, tanto com relação à BRF, como também dos processos contraditórios em que esta está inserida, desde as questões dos trabalhadores ao qual tivemos contato até este momento, assim como a situação atual da empresa que nos revela outras nuances da própria existência desta e sob quais valores tem operado. Temos consciência do longo caminho a ser trilhado, mas este é o início de nosso contato mais direto com a leitura da questão financeira e seus desdobramentos.

Encerrando esta parte da discussão acrescentamos outros dados que servem de comparativo para situação apresentada com a do ano de 2016. Vejamos nas **tabelas 11 e 12**:

Tabela 11: Indicadores Financeiros da BRF.

PRINCIPAIS INDICADORES FINANCEIROS (R\$ MILHÕES)						
	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Receita líquida	27.786	29.007	32.197	33.733	33.469	34.529
Lucro bruto	6.910	8.509	10.089	7.526	6.421	5.186
Margem bruta (%)	24,9%	29,3%	31,3%	22,3%	19,2%	15,0%
Ebitda ajustado	N/A	N/A	N/A	2.938	2.857	2.616
Margem Ebitda ajustada (%)	N/A	N/A	N/A	8,7%	8,5%	7,6%
Lucro líquido	1.062	2.225	3.111	-372	-1.099	-4.466
Margem líquida (%)	3,8%	7,0%	9,3%	-1,1%	-3,3%	-12,9%
Valor de mercado	42.969	55.350	48.335	38.552	29.688	17.550
Ativo total	32.375	36.104	40.388	42.945	45.228	42.382
Patrimônio líquido	14.696	15.690	13.836	12.219	11.713	7.532
Dívida líquida*	6.785	5.032	7.337	11.141	-13.310	-15.610
Dívida líquida/Ebitda ajustado*	2,17	1,24	1,28	3,77	4,46	5,12
Resultado por ação (R\$)	1,17	2,46	3,62	-0,47	-1,35	-5,50
Nº de ações	872.473.246	872.473.246	872.473.246	812.473.246	812.473.246	812.473.246
Nº de ações em tesouraria	1.785.507	1.785.507	62.501.001	13.468.001	1.333.701	1.057.224
*Inclui ajustes pro forma referentes a entrada do caixa das vendas dos ativos da Argentina, Europa e Tailândia, parcela não cedida para o FIDC e FX=R\$3,80/US\$. Considerando os números contábeis, a alavancagem é de 5,97x.						

Fonte: BRF. 2018.

Tabela 12: Informações sobre Patrimônio, Lucro/ Prejuízo e Número de Funcionários²¹ da BRF.

PATRIMÔNIO LÍQUIDO (R\$ MILHÕES)		LUCRO/PREJUÍZO LÍQUIDO (R\$ MILHÕES)		NÚMERO DE FUNCIONÁRIOS ¹	
2013	14.696	2013	1.062	ANO	FUNCIONÁRIOS
2014	15.690	2014	2.225	2013	109.426
2015	13.836	2015	3.111	2014	104.400
2016	12.219	2016	-372	2015	105.733
2017	11.713	2017	-1.099	2016	104.035
2018	7.532	2018	-4.466	2017	105.408
				2018	107.784

1 Contempla funcionários de tempo indeterminado e funcionários fora do Brasil.

Fonte: BRF. 2018.

2.3 - Relação entre Empresa e Município

Entender a realidade da Brasil Foods S.A e do Estado, representado pelo município de Lucas do Rio Verde, é sem dúvida abriremos caminho para o diálogo correspondente aos momentos destes, na efetivação de estratégias que atribuem ao espaço uma vasta gama de processos que por sua vez condicionam os mesmos, num movimento de contradições inerentes, frutos das mesmas lógicas que abrigam estes níveis (político e econômico). Trazer para discussão esse momento de análise faz parte de uma composição de movimento onde aqui propomos entender melhor (ou ao menos caminhar) no sentido de entender a vasta gama de complexidades presentes nessa discussão), como esta relação profícua condicionou a produção do espaço de Lucas do Rio Verde, e proporcionou uma série de processos a existirem ou se reafirmarem neste espaço.

²¹ As informações trazidas pela empresa diferem das do relatório de 2016, como pode ser visto na **Tabela 06: Número de Funcionários por Tipo e Gênero da BRF**, onde consta que a empresa possuía 11.868 (onze mil, oitocentos e sessenta e oito) funcionários no Brasil e no exterior, e não 104.035 (cento e quatro mil, e trinta e cinco) funcionários dentro e fora do Brasil como pode ser visto nessa tabela do relatório de 2018.

Faz parte deste momento, compreender o diálogo entre estes planos, trazendo considerações sobre como se deu este contato entre empresa e município, e a partir de que forma foi não só estruturada a chegada da BRF em Lucas do Rio Verde, mas, sobretudo, foi possível condicionar as relações que estão imbricadas neste processo, de forma mais ampla dentro de uma discussão que já se faz dentro da Geografia, e de forma específica nas estratégias adotadas na realidade estudada (a partir de leis, acordos e discursos).

Em certos momentos é possível ver que tal proximidade existente nestes dois planos, o político e econômico, não é somente próxima, eles se confundem de tal modo que ocupam a mesma figura, ou seja, o político é também o econômico dentro deste processo, dando outro tom ao discurso social e coletivo apregoado por esses indivíduos, ou seja, corresponde a interesses, que num sentido direto não estão necessariamente ligados a necessidades coletivas, isto também será aqui apresentado.

Como já fora falado dentro de nossa análise, a questão do profundo atrelamento da cidade de Lucas com a modernização da produção agropecuária, remonta a sua própria composição enquanto tal, sendo este um marco não só de início como presente até os dias atuais e reafirmado como sendo condição constitutiva de oportunidades, progresso, e crescimento do município. O atrelamento da lógica produtiva moderna, entendida pelo agronegócio no campo, com a produção do urbano, que então se configura a partir e em mútua relação com esta lógica, é tratado por ELIAS (2007), da seguinte forma:

É possível identificar várias áreas nas quais a urbanização se deve diretamente à consecução do agronegócio globalizado. Como é notório, a modernização e a expansão dessas atividades promovem o processo de urbanização e de crescimento das áreas urbanas, cujos vínculos principais se devem às inter-relações cada vez maiores entre o campo e a cidade. Estas se desenvolvem atreladas às atividades agrícolas e agroindustriais circundantes cuja produção e consumo se dão de forma globalizada. Além disso,

representam um papel fundamental para a expansão da urbanização e para o crescimento de cidades médias e locais, fortalecendo-as, seja em termos demográficos ou econômicos. (p. 115-16)

Os efeitos de tal relação, ou seja, os reflexos de tal processo de atrelamento entre este espaço urbano como sendo ponto de apoio à realização e ligação entre o agronegócio e outras realidades urbanas no país, pode ser entendido também como meio efetivo e de reafirmação das condições de reprodução do capital no campo, sobre isso ELIAS aponta que:

[...] é possível identificar no Brasil agrícola moderno vários municípios cuja urbanização se deve diretamente à consecução e a expansão do agronegócio, e cuja função principal claramente se associa às demandas produtivas dos setores relacionados à modernização da agricultura. Como observado, nessas cidades, que se caracterizam por serem cidades locais ou que desempenham papéis de intermediação na rede urbana, se realiza a materialização das condições gerais de reprodução do capital do agronegócio. (2017, p. 116)

Para melhor entendermos quais foram as condicionantes nesse processo de instalação da empresa no referido município, faz-se necessário acessar as lógicas que diretamente moldaram tal processo, sendo assim trataremos aqui algumas considerações a este respeito, tendo como base informações coletadas em campo, no momento de nossa visita a Lucas, e também informações disponibilizadas na mídia. Sendo assim em conversa com a secretária de Planejamento e Cidade Magna Stella, nos foi exposto como se deu este contato e assim iniciou-se uma relação mais direta entre a Brasil Foods e a prefeitura de Lucas do Rio Verde, fala que consideramos importante, e assim como todas que até o momento utilizamos na composição de nossa análise será apresentada em sua integridade. A mesma ao falar sobre a questão relata os desafios enfrentados pela gestão da época, onde a questão da produção de commodities e a alta concorrência internacional das safras de

Lucas foram um fator importante no sentido de se pensar outras estratégias para que esse produto agregasse valor, sobre isso disserta:

Mas você tem uma situação diferenciada em 2005, onde você tem uma superprodução, você tem produção primária em abundância, e você não tem pra quem vender, e de repente você tem que assumir como gestão, como gestor...uma solução, porque você tem um município que está se desvaindo e você tem uma superprodução, você tem produção nos EUA, você tem superprodução na comunidade europeia, e o que fazer pra dar destinação a essa grande produção? Que inclusive aqui naquela época houve até queima, queimou porque não tinha o que fazer!

Então você tem que procurar qual é a vocação desse município, você tem que procurar...o que você pode fazer pra verticalizar, pra tá agregando valor, e...pra ter mercado! (Entrevista realizada em 15/09/2017)

A mesma continua sua fala, reforçando a questão da verticalização da produção, e a efetivação de uma série de estratégias compreendidas na formação de uma cooperativa (destinada a cuidar da produção animal, até então pouco existente ou inexistente até aquele momento), assim como no convencimento dos que seriam posteriormente os produtores integrados, sobre isso trata:

Então você tinha que fazer o que?! Tinha que verticalizar em um outro produto, dar uma outra destinação, pra que acontecesse...agregar valor nesse produto!

Foi ai que veio a questão primeiro, de um principio de...de estruturação de uma cooperativa chamado COOAGRIL²², que

²² A Cooperativa Agropecuária e Industrial Luverdense - COOAGRIL, a que se refere a secretária, foi formada em 1990, responsável até a época de chegada da BRF em Lucas, pela criação e abate de suínos na região, sendo um entrave na época da instalação da BRF pois era exigência da mesma que não houvesse outra indústria integrada de abate do animal no município, por motivo desta planejar instalar o maior parque industrial de abate de aves, suínos e embutidos da América Latina em Lucas.

ai que começou os primeiros passos...né, pra se ter alguma...uma destinação, a criação de suíno...né, ali bem...rudimentar ainda, uma questão de gado, bem pouco, aviário...assim, não se tinha ainda estruturação. De repente! O pessoal da...da Sadia vem aqui, desce pelo aeroporto aqui...né, pra fazer uma visita a Mutum²³, por que eles estavam naqueles processos de negociação...né de...de...de junção entre a Perdigão e a Sadia.

A secretária então traz mais propriamente a questão do momento de contato entre empresa e município, de que forma isso ocorreu, e quais foram às estratégias utilizadas pelos gestores políticos na época, no convencimento desse grupo de empresários para garantir a instalação da empresa no município de Lucas do Rio Verde.

E desce, e o Sr. Marino²⁴, que era o atual prefeito na época, foi recebe-los, nisso falou do potencial de produção, porque o que que a indústria precisa?! De matéria prima! Ela precisa de algo que dê sustentabilidade pra ela, e tem que ter produção continuada, ela tenta analisar, se no seu entorno você pode também ter potencial, porque ela tem demanda muito grande continuada! Então, foi-se mostrado...né, foi mostrado para o dono da Sadia na época...né, o potencial que o nosso município tinha de produção, e como também os municípios ao redor tinha também de produção! Mas como fazer pra diversificar essa produção? Pra fazer com que esse produto passasse a ser um alimento para um tipo de produ...de produção, um tipo de estrutura, porque veio primeiro a

A Prefeitura foi a mediadora no ano de 2005 do processo de aquisição da integralização de suínos da cooperativa pela empresa. A COOAGRIL ainda ficou responsável pelo fornecimento de ração para os suínos da BRF nos anos de 2006 e 2007. Tais informações foram extraídas do site da cooperativa. Disponível em < <http://www.cooagril.com.br/historico.asp> > último acesso 27 de dezembro de 2017.

²³ O município de Nova Mutum, ao que a secretária se refere, está localizado na mesma região compreendida por Lucas do Rio Verde (Médio Norte Mato-grossense), fazendo limite ao sul de Lucas, como pode ser visualizado na imagem 00 presente na página 14 do relatório.

²⁴ Marino Franz foi prefeito de Lucas do Rio Verde no período compreendido entre os anos de 2005 a 2012, sendo o responsável pela negociação com a Sadia na época, já no primeiro ano de seu mandato.

produção primária, ai bom...vamos fazer ração, então temos que ter um aviário, temos que ter então, produzir então suíno.

Ah! O suíno consome o milho? Consome! A...a galinha consome o milho? Consome! Então essa cadeia a gente pode estimular aqui com os nossos produtores, e foi feito um trabalho muito forte, de um a um, né, pra o convencimento. Já pensou você fazer produtor, que produz grãos...né, de repente ser criador de...de animais, pra abate! E ainda não tinha onde iria abater! Aonde que iria abater?

A fala da secretária nos abre a possibilidade de compreensão a partir do plano político e dos movimentos que condicionaram a instalação da BRF (na época da negociação entendida enquanto Sadia), é inegável a reafirmação do papel crucial do agronegócio por meio da produção de commodities como sendo não somente o viabilizador de tal inserção de Lucas dentro da lógica produtiva agroindustrial, como também se une a isto uma ideia de vocação do município para este tipo de produção, formando uma cadeia produtiva com o que o mesmo já produzia (produção de grãos e ração que são matéria-prima para este outro tipo de produto, entendido na proteína animal). Sobre estas considerações, e fomentando mais este momento de análise, outra parte deste discurso apoiado, sobretudo numa ideia de crescimento, geração de oportunidades e empregos, onde a participação política foi decisiva no condicionamento de uma série de mudanças, a secretária então descreve que:

Então eu tinha muito produto, eu tinha que fazer...é....intensificar esse...essa questão, por outro lado também tinha grande demanda de geração de emprego, precisava gerar emprego, o município precisava crescer! E como fazer isso? Bom, então foi pensado nessa cadeia toda né, então quer dizer assim, ah! Então teve que ter o convencimento dos produtores né, de grãos a produzir o suíno, a produzir o aviário, a ter os aviários, conseguir os processos de linhas de financiamento pra eles, a fazer toda uma gestão, que não foi fácil! Entendeu, isso não foi fácil!

Construiu essa estruturação de cadeia, e se isso se fortaleceu, depois com a vinda do pessoal da Sadia pra cá! Porque opa, eu teria uma indústria pra industrializar a produção, então dos aviários e da suinocultura! Beleza, então eu consigo...se a gente conseguir fechar essa cadeia até o processo da verticalização, a gente consegue agregar valor, e se a gente traz uma indústria pra cá, vocacionada com o município! Não adiantava trazer mais indústria de automobilismo, ia ser como... ia funcionar aqui? Né então, o que é que a gente tinha na época? Lavoureiros! Entendeu, então tudo isso foi construído, se você analisar o tempo que isso foi feito, é....é algo impressionante porque... (Entrevista realizada em 15/09/2017)

Como é possível ver a fala está diretamente ligada com a reafirmação do papel do agronegócio e do que está compreendido em suas relações, como sendo fonte primordial de um dito crescimento com base econômica desejado pelo plano político para este espaço, tal questão nos traz a possibilidade de entender este caso simultaneamente a outros presentes no campo brasileiro, é inegável que faz parte de uma rede que abriga similaridades entre diferentes realidades. ELIAS (2007) compreende que:

Comumente, algumas cidades que poderiam ser classificadas como cidades locais ou mesmo médias têm forte ligação com alguma produção agrícola e/ou agroindustrial, compondo exemplos de desenvolvimento urbano associado ao consumo produtivo agrícola. As características do crescimento dessas cidades são visivelmente associadas à demanda da produção agrícola e agroindustrial modernas. Nestas, é nítida a dependência da economia de alguma importante produção agrícola e/ou de sua transformação industrial. (p. 121)

Compondo estas considerações e reforçando os argumentos de que nos valem aqui, a questão das atividades industriais no campo, assim como informado pela secretária e em outros momentos de nossa análise, estão diretamente e estrategicamente ligadas a proximidade das indústrias com a matéria prima de que necessitam para garantir a produção, sobre isso Denise

Elias também nos ajuda no sentido de entender como esta realidade está estruturada, a mesma disserta que:

Hoje, muitas das atividades realizadas no campo são não necessariamente agrícolas, mas industriais, visto que uma parte considerável das agroindústrias localiza-se no campo, junto à produção de suas matérias-primas [...] Consequentemente, criam uma gama de novas relações campo-cidade e fazem com que esses dois espaços passem a emitir e a receber larga quantidade de fluxos de matéria e informação.

Neste sentido é importante salientar que não só houve uma reestruturação produtiva em Lucas para atender a instalação da Sadia na época, uma série de facilidades foram ofertadas a empresa através de uma política intensa de isenção fiscal por meio da prefeitura municipal, culminando efetivamente na instalação da mesma, processo concluído no ano de 2009. Segundo informações coletadas junto à Prefeitura do município, o incentivo dado a BRF está compreendido na isenção de impostos para a administração pública municipal por vinte anos, portanto, até 2029. Uma fala que consideramos importante dentro desta discussão de isenções e contrapartidas nos foi dita pelo Arquiteto Rômulo na época de nossa primeira visita ao município no ano de 2015, onde o mesmo relatou que:

Na época da implantação disso daqui, o que via assim, da vinda dessa grande indústria pra cá, seria um crescimento da cidade, depois de um tempo viu-se que essa grande indústria não trouxe tanto crescimento, trouxe muitos problemas pra cidade, e assim...porque assim no início eu não tava aqui, mas eles ganharam isenção de vinte anos em tudo, então assim todos os processos que eles vieram, pelo menos o que cabia a mim de projeto de indústria, de casa eles não pagaram nada aqui da prefeitura, é....aí na época eles teriam que contratar a população daqui pra poder trabalhar, só que a população daqui, já desde o início já verificou o baixo salário, e não

aceitou por saber o custo de vida na cidade. (Entrevista realizada em 11/01/2015)

Mais diretamente ligado à discussão dos trabalhadores da BRF e do contexto em que estes estão inseridos, a produção do espaço compreendido pelo bairro onde os mesmos vivem (o Tessele Júnior, ao qual discutimos no capítulo 1) também foi fruto de uma parceria, onde recentemente no ano de 2016, foi sancionada uma lei de restituição de valores referentes aos lotes onde estão as mais de 1.500 (mil e quinhentas) residências dos trabalhadores da empresa. No texto da lei está descrito:

O Prefeito do Município de Lucas do Rio Verde, Estado de Mato Grosso. Faço saber que a Câmara Municipal aprovou e eu sanciono e promulgo a seguinte Lei:

Art. 1º Fica autorizado o Poder Executivo a receber, a título de restituição o valor de R\$ 12.000,00 (doze mil reais), por lote, dos 1.526 lotes do loteamento bairro Tessele Junior, na cidade de Lucas do Rio Verde-MT, mapa anexo, da empresa BRF S.A., com sede na rua Jorge Tzachel, nº 475, bairro Fazenda, na cidade de Itajai, Estado de Santa Catarina, inscrita no CNPJ nº01.838.723/0001-27.

Parágrafo único. A restituição ocorrerá conforme forem sendo realizados os contratos de financiamentos habitacionais aos funcionários da empresa BRF S.A. (Disponível em: <<http://leismunicipa.is/jpvnf>> ultimo acesso em 21/12/2017)

Fato curioso é que a relação entre BRF e Lucas do Rio Verde, não somente faz parte de uma tentativa de garantia de crescimento coletivo, como está entendido nas falas aqui expostas, é possível também notar que o diálogo do plano político com o econômico se deu de maneira profícua de tal modo que o Estado compreendido pelos gestores na época, simultaneamente também fazia parte do Econômico, é através dessa constatação que é possível entender o encontro extremamente favorável e propício do estabelecimento do complexo agroindustrial, não somente para a empresa em si, e in tese para os

habitantes de Lucas, tal chegada proporcionou por sua vez o favorecimento de demandas individuais dos gestores que até então ocupavam o poder da representação popular e social do município e do estado de Mato Grosso. Isso pode ser visto através de notícias da época da instalação, onde:

Outro efeito da chegada da Sadia a Lucas é a atração de outras empresas, reiterou o governador. A própria Amaggi, propriedade da família do governador, constrói uma esmagadora de 3 mil toneladas de soja por dia ao lado da Sadia, atraída pelo investimento. Há planos para colocação de uma esteira entre as duas empresas pela qual será possível transportar farelo de soja da Amaggi diretamente para fábrica de ração da Sadia. Também próximo à Sadia está a Fiagril, usina de biodiesel de propriedade do prefeito de Lucas, Marino Franz. A usina poderá, no futuro, receber óleo da Amaggi e gorduras animais da Sadia como matéria-prima para a produção de biodiesel. (Disponível em: <<https://www.suinoindustrial.com.br/imprensa/sadia-amplia-complexo-em-construcao-no-mato-grosso/20070705-064907-2889>> acesso em 4 de dezembro de 2017)

Importante compreender, que quando aqui falamos dos planos político e econômico, estamos identificando nesse momento as estratégias que conduzem a um objetivo central. Se aqui trouxemos este fato que em muitos momentos se limita unicamente a um discurso de produção de riquezas, da quantidade acima da qualidade, não é por acaso, essa questão vai de encontro com as determinações do modo de produção, em que o dinheiro alcança o status primordial, e se personifica enquanto garantia de melhorias. Ressaltamos que consideramos este processo e as estratégias onde estão compreendidas as instituições das quais fazem parte a Prefeitura de Lucas do Rio Verde e a Brasil Foods S.A, em suas contradições inerentes, nos apoiamos em Marx, o que escreve acerca dessa relação quase que promíscua em busca do enriquecimento da seguinte forma:

Com a massa dos objetos cresce, pois, o reino dos seres alheios aos quais o homem está submetido e cada novo produto é uma potência do engano recíproco e da pilhagem recíproca. O homem torna-se cada vez mais pobre enquanto homem, precisa cada vez mais do *dinheiro* para apossar-se do ser inimigo, e o poder do seu *dinheiro* diminui em relação inversa à massa da produção; isto é, seu crescimento (*bedürftigkeit*) cresce quando o *poder* do dinheiro aumenta. – A necessidade (*bedürfnis*) do dinheiro é assim a verdadeira necessidade produzida pela economia e a única necessidade que ela produz. – A *quantidade* de dinheiro torna-se cada vez mais a única propriedade *dotada de poder*. Assim como ele reduz todo ser à sua abstração, assim se reduz em seu próprio movimento, a ser *quantitativo*. (1978, p. 22)

Ao falarmos sobre o Estado e as estratégias que estão compreendidas no plano político, cabe construir um entendimento sobre de que forma o mesmo opera, e no que estão baseadas suas ações, condicionadas por meio do poder instituído no sentido da realização de uma “lógica de classe”, ou seja, o favorecimento efetivo de uma classe dominante. Corrobora com nosso entendimento a partir desse plano e da forma como o analisamos, as ideias de Lefebvre em sua obra intitulada “A Revolução Urbana” onde o mesmo trata de distinguir “os níveis alcançados pela formação econômica e social” (p.77), onde o que nomeia “nível global”, corresponde ao nível das ações do Estado, sobre isso escreve:

No nível global, se exerce o poder, o Estado, como vontade e representação. Como vontade: o poder de Estado e os homens que detêm esse poder têm uma estratégia ou estratégias políticas. Como representação: os homens de Estado têm uma concepção política ideologicamente justificada do espaço (ou uma ausência de concepção que deixa o campo livre aos que propõem suas imagens particulares do tempo e do espaço). Nesse nível entram em ação, com estratégias, lógicas, das quais pode-se dizer, com algumas reservas, que são “lógicas de classe”, pois em geral consistem numa estratégia levada às

últimas consequências. Nesse sentido, com algumas reservas pode-se falar de uma “sócio-lógica” e de uma “ideo-lógica”. O poder político dispõe de instrumentos (ideológicos e científicos). Ele tem capacidades de ação, podendo modificar a distribuição dos recursos, dos rendimentos, do “valor” criado pelo trabalho produtivo (ou seja, da mais-valia).

Tomamos esse momento de deciframento sobre esse plano (e na forma como pode efetivamente condicionar uma série de relações e processos no plano da vida imediata) como sendo importante na construção de uma análise crítica da realidade como vimos fazendo nesta pesquisa. Entender este nível global (compreendido na forma do Estado) é possível através da constatação de que este por mais geral e abstrato que seja em nossas considerações “não deixa de reagir mais e melhor no prático-sensível e no imediato” (LEFEBVRE, 1999, p. 78). Contudo o papel deste plano é essencial (e por meio dos fatos que aqui trouxemos para análise, sobre o universo que envolve a vida dos trabalhadores da BRF, é possível visualizar tal questão) na regulação objetiva da divisão social do trabalho, o autor ao considerar esta questão aponta que:

A divisão social do trabalho, a que passa pelo mercado (de produtos, de capitais e do próprio trabalho), não parece mais funcionar espontaneamente. Ela invoca o controle de uma potência superior de organização: o Estado. Inversamente essa potência, instituição suprema, tende a perpetuar suas próprias condições, a manter a separação do trabalho manual e do trabalho intelectual, como a dos governados e dos governantes e, talvez, a separação entre cidade e o campo. Pode-se então perguntar se aqui não se insinuam contradições novas no Estado. Enquanto vontade, o Estado não vai transcender a separação cidade-campo? (LEFEBVRE, 1999, p. 78)

CAPÍTULO 3:
Conflitos e Tensões: A Realidade da Produção do Espaço em Lucas do
Rio Verde e Suas Contradições.

3.1 Desafios e Conflitos da Relação Empresa/Trabalhador

O presente capítulo compõe nossa análise no sentido de articular os diferentes planos que até esse momento foram expostos, trazendo à tona outros elementos que pensamos ser importantes no esforço de desvendamento da realidade como está posta em Lucas do Rio Verde assim como na vida dos trabalhadores da BRF. Dando atenção especial aos momentos de embate entre tais planos, onde serão relevantes as falas do sindicato, dos representantes do poder público do município, assim como dos próprios trabalhadores e de outros dados e elementos da contradição presentes na produção deste espaço, revelando uma relação que se constitui concretamente entre níveis distintos imbricados no do cotidiano.

Tal esforço revela uma prática cotidiana que supera uma tendência reducionista de compreensão dessa realidade, os trabalhadores não só são atravessados passivamente pelo rolo compressor do capital, existe resistência, fatos que trazem à tona a força desses indivíduos. Ter como recurso as falas dos trabalhadores nessa parte da pesquisa tem o sentido de não apenas reforçar, mas de considerar outros elementos que revelam a tensão presente na forma típica capitalista do trabalho (compreendido como trabalho assalariado).

Nessa relação complexa entre trabalhador e empresa, emergem variadas questões, algumas delas já pudemos analisar nos capítulos anteriores, e que têm ligação direta com a reprodução de relações de exploração mantidas através da contratualidade existente entre essas figuras. É importante nos atermos também a isto, o salário enquanto o momento que subordina todas as tensões envolvidas nessa relação (trabalhador x empresa), ou pelo menos tenta subordinar. Dessa questão em específico surgiram reivindicações por parte dos trabalhadores, que deram lugar a greves e paralisações por melhores condições de trabalho e pagamento. Além disso, cabe trazermos ao leitor outro ponto delicado dessa relação, os cortes no salário impostos pela BRF a esses sujeitos recorrentemente, e em outro momento ainda mais sensível, quando estes adquirem doenças e precisam ser

afastados das funções que ocupam. Veja nas **imagens 09 e 10** partes do complexo agroindustrial da empresa:

Imagem 09: BRF Unidade Lucas do Rio Verde – MT.

Acervo: Santana, E.M. 2018.

Imagem 10: Vista do complexo industrial da BRF em Lucas do Rio Verde – MT.

Acervo: Santana, E. M. 2018.

O salário e a promessa de melhores condições decorrentes do pagamento deste sem dúvidas foi um atrativo que motivou muitos a saírem de suas terras de origem, isto é claro unido a outros fatores individuais condicionaram esses sujeitos a se movimentar em busca da segurança do trabalho com carteira assinada, com a garantia de que mensalmente vão ter o dinheiro necessário para sobreviver. Ocorre que em muitos momentos nos foi relatado sobre os cortes que a empresa realiza nos pagamentos, onde desconta o valor do aluguel da casa (como já foi falado no primeiro capítulo), assim como as contas de água e luz referentes às moradias dos trabalhadores. Vejamos a fala da entrevistada Carla²⁵, que vê positivamente os cortes no salário, já que os custos de manutenção de uma casa em Lucas do Rio Verde são altos, sobre isso nos disse que:

E de lá pra cá só melhorou!

²⁵ Já relatamos sobre esta entrevistada no primeiro capítulo da pesquisa.

Por exemplo, nosso ticket (alimentação) quando nós chegou, era cento e pouquinho, aí aumentou agora foi pra duzentos e trinta!

Ta vendo que tá tendo uma melhora!

A pessoa fala que o salário é pouco, porque vem muito desconto.

Ah Tá! Mas paga o aluguel é duzentos reais gente! Não paga aluguel de seiscentos reais!

Paga energia no mínimo...no máximo cem né amor?! No máximo cem!

A água 30 reais, então, vai lá fora, na rua, é seiscentos, oitocentos reais o aluguel!

Dois trabalhando, mesmo assim não dá! (Entrevista realizada em 14/09/2017)

Quando perguntada sobre o quanto recebem, seu esposo e ela, respondeu que:

Nunca veio o salário que é pra vir né!

Sempre veio um pouco abaixo, mas já vem tudo descontado.

Então já vem até cartão de crédito descontado, cartão de débito...tal

O que fica já é lucro pra gente! Porque já vem tudo pago nossas contas!

Então é bom! Por uma parte é bom!

Esse caso em específico nos traz algo que é relevante. Conversando com os trabalhadores do Tessele não ouvimos apenas relatos ruins, com falas negativas a respeito da empresa, mas mesmo os que enxergam a situação de maneira positiva carregam o “porém” do alto custo de vida em Lucas. Mesmo diante de uma realidade que não condiz o pagamento prometido, e ainda com a incerteza que paira a situação das moradias desses trabalhadores, que como já dissemos não são os proprietários dessas casas apesar da promessa feita pela empresa quando foram trazidos, ainda assim, essa é vista como a grande oportunidade que mudou os rumos da vida de muitos que ali estão.

A trabalhadora Helena nos relatou que no seu caso os cortes foram tão grandes que a mesma já chegou a receber 300 (trezentos) reais de pagamento no mês, nas palavras da mesma:

Olha tinha vez...sem mentira nenhuma!

Eu cheguei a tirar 300 (trezentos) reais! Mas o meu salário mesmo era mil e pouco!

Só que é tanto desconto, que você não sabe nem, da onde tá saindo tanto desconto do seu bolso! E a gente fica calado, aceita, tem que aceitar né?!

É tanto desconto....teve mês que eu tirei...quem segurava as pontas era o meu marido!

Segurava as ponta que...sempre segurou!

Ele faz...trabalha aqui, trabalha acolá, fazendo bico né!
(Entrevista realizada em 16/09/2017)

Além da questão dos cortes mensais nos salários, encontramos durante as entrevistas outra situação relacionada aos cortes ainda mais preocupante e delicada. Em todas as conversas que tivemos com trabalhadores afastados por motivo de doença (doenças estas adquiridas no trabalho que realizavam na BRF), nos foi relatado que a empresa assim que o funcionário se afasta, suspende todos os pagamentos, desde ticket refeição, ao plano de saúde e cartão farmácia, deixando essas pessoas completamente desamparadas. Vale lembrar dos casos de LER relatados durante o capítulo um, de pessoas que chegaram a ficar completamente imobilizadas por conta do trauma sofrido. Vejamos outro trecho da fala do entrevistado Pedro (o mesmo relatado no primeiro capítulo), sobre a questão dos cortes quando são obrigados a se afastar:

Eles cortam tudo!

Eu acho isso uma sacanagem, entendeu?!

Porque sabendo que a pessoa tá hospitalizada (inaudível)

Por exemplo, Como é que eu vou fazer uma consulta no médico?

Como é que eu vou comprar remédio sem o cartão farmácia?

Como é que eu vou viver sem uma cesta básica?

Aqui é tudo caro pô!

É extremamente delicado o que nos foi dito a este respeito, e por isso é necessário frisar mais uma vez como em determinados momentos certas falas provocaram momentos sensíveis, impregnadas com toda a revolta e descontentamento, decorrentes do desamparo ao qual essas pessoas foram lançadas. A trabalhadora Helena (a mesma que chegou a receber trezentos reais de salário num mês, e cujos problemas de saúde relatamos no primeiro capítulo) também relatou esse tipo de situação:

E outra coisa!

Quando a gente se afasta, eles não vêm dar assistência pra gente não!

O funcionário se afasta, eles tá nem aí!

Corta ticket! Corta é...plano de saúde! Corta cartão farmácia!

Tem um remédio aí, que eu tenho que começar a tomar, por isso que eu tô inchando de novo! Porque eu não tenho como comprar! Não tenho como comprar!

Meu marido tá desempregado, como eu tô falando pra você, ele faz bico!

Às vezes ele vai pra alí...aí ele vai pra alí, faz um bico pra alí de pedreiro né!

Aí é pra comprar o almoço!

Se comprar o remédio a gente não almoça nem janta! Ainda mais com criança, você sabe que é um custo de vida muito alto! (Entrevista realizada em 16/09/2017)

Aproveitemos a discussão feita até aqui no presente capítulo, para pensar criticamente o que foi apontado. A questão do salário aparece como a definição mais direta de uma relação precária, onde os trabalhadores se veem reféns de uma condição de exploração, onde minimamente só lhe são garantidas as condições básicas de sobrevivência, como já dissemos. A análise marxista é sem dúvida profunda quando esta enxerga a questão do salário como:

A taxa mais baixa e unicamente necessária para o salário é a subsistência do trabalhador durante o trabalho, e ainda [o bastante] para que ele possa sustentar uma família e [para que] a raça dos trabalhadores não se extinga. O salário habitual é, segundo Smith, o mais baixo que é compatível com a simples humanidade (*simple humanité*), isto é, com uma existência animal. (MARX, 2004, p. 24)

O salário então se constitui como uma forma de garantir apenas o que há de mais básico ao trabalhador, não dando a este outras possibilidades além da de sua subsistência. A oferta da mão de obra também é um fator que interfere na questão do salário, onde a mesma é tratada como uma mercadoria qualquer, Karl Marx aponta que:

A procura por homens regula necessariamente a produção de homens assim como de qualquer outra mercadoria. Se a oferta é muito maior que a procura, então uma parte dos trabalhadores cai na situação de miséria ou na morte pela fome. A existência do trabalhador é, portanto, reduzida à condição de existência de qualquer outra mercadoria. (MARX. 2004, p. 24)

Os trabalhadores estudados estão longe de ocupar uma postura de passividade e inércia com relação à empresa onde estes trabalham. Nas visitas que fizemos a Lucas do Rio Verde fomos informados sobre as greves realizadas por estes, que tiveram como resultado conquistas relevantes, e que representam para nós, a possibilidade que surge em meio à imposição fatídica do capital e de seus representantes.

Tais eventos foram veiculados pela mídia, nos sites de notícia, e é possível até mesmo encontrar em plataformas de vídeo na internet gravações feitas pelos próprios trabalhadores durante a paralisação das atividades e fechamento do acesso a fábrica da BRF. Vejamos as reivindicações feitas por eles em dezembro de 2015:

Diante da falta de avanço nas negociações salariais, trabalhadores da BRF decidiram entrar em estado de greve após assembleia geral realizada no domingo (13/12), no Auditório da Câmara Municipal de Lucas do Rio Verde (MT). Aproximadamente 4,5 mil trabalhadores poderão cruzar os braços, caso a empresa não reabra negociação nos próximos 15 dias, a partir de ontem (dia 15). A categoria reivindica, entre outros pontos, a reposição imediata da inflação e o aumento real do salário (cerca de 13% o total). O movimento contou com a participação e coordenação da Confederação Nacional dos Trabalhadores nas Indústrias de Alimentação e Afins (CNTA Afins). (MUNDO SINDICAL. Disponível em <<http://www.mundosindical.com.br/Noticias/23124,Trabalhadores-da-BRF-entram-em-estado-de-greve-em-Lucas-do-Rio-Verde-MT>> Acesso em 02 de outubro de 2019)

Na notícia vinculada, já aparece a participação de um componente que será melhor inserido ainda neste capítulo, e que possui grande relevância no caso estudado, como pode-se ver na questão das greves, o sindicato. A fala do então presidente Valdeci Scherer é inserida no seguinte contexto:

De acordo com Valdeci Scherer, presidente do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias e Cooperativas de Carnes e Derivados da Alimentação e Afins de Lucas do Rio Verde (Sintralve), desde outubro (data-base) a categoria enfrenta dificuldades no avanço do reajuste salarial. O salário base atual da categoria no município é de R\$ 923,00, chegando a R\$ 973,00 após o período de experiência para auxiliares de produção.

‘Os trabalhadores estavam insatisfeitos com as negociações até o momento, então ontem fizemos uma nova assembleia para tentarmos renegociar com a empresa a decisão da maioria. Entendemos que o trabalho em frigorífico é sacrificante e, por isso, estamos pedindo o que a lei garante e o que entendemos ser o justo para o trabalhador’, comenta. (op. Cit.)

As reivindicações foram atendidas, uma delas foi até mesmo comentada em uma das falas aqui trazidas, por uma das trabalhadoras, que disse “nosso ticket (alimentação) quando nós chegou, era cento e pouquinho, aí aumentou agora foi pra duzentos e trinta!”, tal mudança foi resultado da interferência direta não da boa vontade da empresa onde trabalha, como esta fala levou a crer, mas foi sim fruto da luta dos trabalhadores e das greves encabeçadas por eles. Veja que na mesma matéria a questão do reajuste do ticket, por exemplo, aparece entre outras reivindicações:

A categoria também reivindica:

- auxílio creche: que ao invés de se cobrar 15% do piso da categoria, o valor seja cobrado sobre o salário base de cada funcionária, com vigência de 18 meses.
- vale-alimentação: aumento de R\$ 200,00 para R\$ 250,00
- hora extra: pagamento da hora trabalhada mais 50% (de segunda a sábado) e de 70% acima dessa hora. Já para domingos e feriados, os trabalhadores reivindicam o aumento de 100% para 120%. (op. Cit.)

Como dissemos no início desse capítulo da pesquisa (e a pouco sobre a participação do sindicato mediando à greve), tivemos a oportunidade de entrevistar o presidente do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias e Cooperativas de Carnes e Derivados da Alimentação e Afins de Lucas do Rio Verde (Sintralve), Roberto Denis Padilha, o mesmo nos relatou questões que são importantes para enriquecermos ainda mais o que já foi falado até este momento, e quem tem a ver com o processo de instalação da empresa, a questão das terceirizações, os processos movidos contra a empresa e a própria representação sindical.

Logo no início de nossa conversa o presidente do Sintralve nos fez uma curta contextualização sobre o que havia na cidade antes, com relação às atividades produtivas e ao trabalho realizado, o que pode nos ajudar a traçar as diferenças da inserção não só da agroindústria nessa cidade como de uma

nova gama de relações ligadas ao trabalho, sobretudo deste novo trabalhador inserido nesse contexto com altos custos de vida, sobre isso relatou que:

Era um ambiente, praticamente que vivia só de agricultura, soja e milho.

E...tinha uma renda per capita...tinha uma renda per capita é...assim, razoável pela situação que era a economia, porque vivia só de agricultura, fazendas e estruturas em geral.

A BRF veio pra cá, ela abriu um leque de...de...de empresas no sentido que, não só frigorífico, mas você traz várias empresas que a BRF precisava.

Os frigoríficos precisam de empresa terceirizada pra montar uma máquina, é...aperfeiçoar as pessoas.

Então tudo isso veio em prol disso aí! Teve alguns problemas? Teve, porque você vem de uma renda aqui que era acostumado só com agricultura, você ganhava dois salários, frigorífico você não consegue ganhar tudo isso entendeu?!

Então o município aqui tem um custo de vida meio alto, não sei se você já reparou, mas tem um custo de vida meio alto, não só o município, mas a região em si aqui!

Porque ela tem o leque como se fosse o top de linha, que todo mundo fica rico aqui, mas na verdade a renda não é aquelas grandes coisa! Só que o foco é o custo alto!

Então você tem aluguel, alimentação, saúde, tudo é um custo alto! (Entrevista realizada em 14/09/2017)

Ou seja, para além de ser um evento isolado, a instalação da empresa tem ligação direta com o desencadeamento de uma série de novas relações que complexificaram a realidade de Lucas do Rio Verde e incorporaram uma massa de trabalhadores distinta da que havia até então nesse espaço. A questão dos salários versus o custo alto de vida em Lucas reforça as limitações presentes nas falas dos trabalhadores, como pudemos ver. Somado a isso, a adaptação dessas pessoas em Lucas do Rio Verde também foi lembrado pelo presidente, onde:

Então as pessoas vinham pra cá, principalmente as pessoas do Nordeste, de São Paulo, Rio de Janeiro, do Sul também.

Então, elas vinham com um pensamento que aqui seria o...prosperidade!

Tem muitos hoje que tão bem graças a Deus! Mas teve muitos que não se acostumaram com o clima, com o local...

Ah! Porque na minha região chovia! Aqui fica sete meses sem chover, seis meses sem chover!

Então, você tá vendo hoje, que hoje o clima aqui é seco! Então vai meses aí e pouco sem chover!

Então é um lugar muito complicado, de quem viveu em regiões onde a umidade era melhor.

Então teve muita gente que não se adaptou e foi embora!

A representação do sindicato é outro ponto que nos abre caminho dentro das considerações do senhor Roberto para questões que devem ser consideradas e complementam informações que foram trazidas dentro da pesquisa, assim como é relevante entendermos sobre como este analisa a questão da representação sindical e o trabalho que realiza.

Essa representação aponta para um ponto importante de nossa análise, e que nos ajuda a obter uma noção mais ampla com relação aos problemas existentes na realidade dos trabalhadores da BRF em Lucas. Sobre isso foram trazidas informações ligadas ao número de ações movidas contra a empresa, e quais as motivações de tais ações, onde o presidente nos relatou que:

Nós temos hoje, aproximadamente, fechado em torno de umas 4.500 (quatro mil e quinhentas) ações contra a BRF!

Tanto de insalubridade, quanto a 253 que são as pausas térmicas.

E talvez agora, pra semana que vêm, ou mês que vêm, a gente já vai entrar com as ações do repouso térmico...troca de uniforme na verdade.

Então...é, todas essas ações, nenhum funcionário teve custo nenhum, com essas ações! O sindicato bancou, tanto a parte do advogado, quanto custos.

Então teve trabalhador aí que tirou, oito, dez, doze, quinze mil nessas duas ações.

Então ele teve uma renda muito grande sem se ter custo nenhum pra ele!

Então isso foi já...uma das...das buscas, conquistas do sindicato de um ano e meio pra cá!

E têm, todo mês aqui nós temos vinte, trinta ações contra a BRF!

Em outro trecho da fala do mesmo, foi relatado o principal motivo de ações levantadas contra a BRF, onde quando perguntado respondeu “Insalubridade! Vai dar aí umas 3.600 (três mil e seiscentas) ações!”. O grande número de ações movidas contra a empresa segundo o presidente do sindicato pode ser comparado ao de grandes capitais, o que de acordo com os vários casos que tivemos acesso, revela ainda mais essa demanda na cidade, com relação à parte jurídica, de acordo com o entrevistado:

Pra você ter uma idéia, os juízes daqui...daqui da...da nossa comarca

Eles né, no começo que quando o sindicato começou com as ações, eles até achavam que nós não ia conseguir fazer todo esse número grande de ação contra a BRF!

E hoje se você conversar com eles lá, você vai que que o sindicato...que o sindicato fez de ação pra eles foi...é a mesma coisa que uma capital! Entendeu?!

O número de ação que uma só instituição conseguiu fazer, em relação a uma cidade pequena como é Lucas do Rio Verde!

Outro ponto que complementa nossa discussão e está ligada com o contexto de trabalhadores presentes na BRF, é o dos terceirizados. Quando perguntado sobre essa questão (é importante considerarmos essa forma cada vez mais crescente de trabalhadores no país), o presidente do Sindicato nos disse que:

Existe né!

Por que...as empresas, hoje o custo pra elas é menor, a gente sabe disso!

Então, você pega uma empresa ali que...um setor, um lugar que você quer fazer limpeza, por exemplo, ou alimentação

É todos! Não só aqui, mas é terceirizado tanto alimentação e limpeza de pátio, e parte até de...de manutenção de máquinas, são todos terceirizados!

E pra nós, não é bom por um lado, porque é um trabalhador que vem e fica 6 meses, as vezes nem isso! 3 meses!

Não recebe salário! Porque a maioria das empresas terceirizadas as vezes não paga certinho.

Tem empresa que 'catam' frango e tal, que eles ficam 2 meses sem pagar funcionário! Entendeu!?

E não têm ninguém que brigue por eles!

Como pôde ser visto com relação à representação sindical, e a questão dos terceirizados, este ponto é visto pelo entrevistado como sendo algo importante, que compreende um espaço onde o trabalhador pode ter acesso aos seus direitos com a intervenção de uma entidade que toma a frente do caso. É necessária que se diga que percebemos pouco a presença do sindicato nas falas dos trabalhadores, entretanto pelo pouco tempo em que está ativo (há cerca de nove anos) é significativo o trabalho que têm feito. Trouxemos mais um trecho de nossa conversa, que compreende algo relevante para compreendermos sobre como o senhor Roberto entende o cargo que ocupa, a importância do sindicato e a luta por melhores condições ao trabalhador, o mesmo disse que:

Eu acho que nós temos que buscar, com essa nova reforma trabalhista, nós temos que buscar meios de nos ajudar e ajudar a nossa classe! que é o trabalhador!

Hoje quem mantém o país é o trabalhador!

Não é o empresário, não é o servidor público, não é nada, é o trabalhador!

Se o trabalhador não pagar imposto e não manter, o país quebra!

Entendeu!? Então eu tô tentando fazer com que essa...essa grande classe cresça ainda mais né.

3.2 Componentes da Contradição na Produção do Espaço de Lucas do Rio Verde

Trataremos agora de outros elementos que podem nos ajudar a desvendar onde se situam as contradições da produção de Lucas do Rio Verde, para onde a cidade está se expandindo, como o plano arquitetônico e de ordenamento urbano deste município denotam uma distinção clara na concepção dos diferentes lugares que o compõe, entraves e problemas causados pela chegada da BRF a partir da fala do poder público de Lucas, entre outras questões aqui serão levadas em conta.

Se na parte anterior a esta, quisemos mergulhar em outras contradições, na relação do trabalhador com a empresa, tendo como foco uma tendência homogeneizante do capital que transfigura este em assalariado. Nesta parte da pesquisa temos como norte a tendência de urbanização total da sociedade almejada pelo modo de produção, proferida através dos signos da modernidade presente nesse contexto.

Lucas do Rio Verde está longe de ser em sua totalidade a cidade vendida pela propaganda e discursos que a envolvem, onde no contato direto com esta realidade foi possível observar as contradições e distâncias entre as diferentes realidades que coexistem neste espaço. Fato que tem sido aprofundado nos últimos anos com a chegada de novos tipos de trabalhadores, vindos à partir de um novo tipo de atividade produtiva anexada a este local, o que abriu a possibilidade de que na paisagem desta cidade, realidades distintas fossem produzidas.

Temos como exemplo até este momento o bairro Tessele Junior, ao qual já caracterizamos, e o qual já pôde ser visualizado nas imagens que trouxemos dentro da pesquisa. Em nossa deriva pela cidade estivemos atentos às mudanças na paisagem da mesma, na diferença no padrão de construção entre os bairros, do comércio presente, das estruturas públicas, das pessoas

que circulavam (ou não) essas áreas, enfim das continuidades e descontinuidades observadas nesse espaço.

Não é difícil encontrar notícias em sites, ou mesmo matérias vinculadas pela televisão que trazem a ideia da quase perfeita cidade de Lucas do Rio Verde. Intitulada “cidade modelo” ou “capital da agroindústria”, é difícil perceber nesse tipo de discurso algo que esteja fora do modelo ideal pelo qual Lucas é projetada. Vejamos um exemplo disso, extraído de uma matéria intitulada “Lucas do Rio Verde é a 5ª melhor cidade do país para negócios”:

Em uma pesquisa divulgada pela revista Exame, Lucas do Rio Verde (350 km de Cuiabá) foi eleita a quinta melhor cidade do Brasil para se fazer negócios.

A avaliação foi feita com municípios que possuem de 50 mil a 100 mil habitantes - e considerou a combinação de bons indicadores econômicos, com elevadas taxas de qualidade de vida.

A pesquisa foi encomendada pela revista Exame à consultoria Urban System, que pontuou os municípios em uma escala que ia até 30. Lucas do Rio Verde obteve 14,01 pontos.

A primeira colocada no ranking foi a cidade de Vinhedo (SP), com 15,81 pontos. Paulínia (SP) ficou em segundo lugar, sendo seguida pelo município de Nova Lima (MG), em terceiro, e Jaguariúna (SP), que ficou em quarto lugar.

Conforme relata a pesquisa, as cidades que integram a lista apresentam indicadores econômicos superiores aos da média brasileira. (MT AGORA. Disponível em <<http://www.mtagora.com.br/cidades/lucas-do-rio-verde-e-a-5-melhor-cidade-do-pais-para-negocios/106237496>> Acesso em 02 de outubro de 2019)

Assim como discutimos no segundo capítulo sobre a questão dos indicadores e índices em que se apoia a BRF para reforçar sua imagem de confiança e lucro garantidos para os investidores, não é diferente com relação a Lucas do Rio Verde, tais práticas são idênticas, e servem como referência para atrair investimentos para a cidade. Com relação a estes índices, segue

outro trecho da mesma reportagem que traz trechos do levantamento feito pela revista Exame, em que os indicadores de Lucas estão presentes:

‘Há cidades que nasceram com vocação para atrair investimentos. Um exemplo é a mato-grossense Lucas do Rio Verde, fundada há 33 anos numa fronteira agrícola, a 350 quilômetros de Cuiabá. Com 60 mil habitantes, Lucas do Rio Verde é a quinta colocada no ranking da consultoria Urban Systems’, diz trecho da reportagem.

O Produto Interno Bruto (PIB) per capita da cidade, conforme destaca a revista, é de R\$ 50 mil. O valor representa o dobro da média nacional.

‘Seu crescimento populacional veio na esteira do agronegócio: as fazendas locais são responsáveis por 1% da produção nacional dos grãos’, diz outro trecho.

A distância entre o município mato-grossense e os grandes centros também foi abordada na publicação nacional especializada em economia.

‘Lucas do Rio Verde é uma ilha de prosperidade isolada, mas o mais comum é que as pequenas notáveis estejam perto de centros maiores. É o caso de Vinhedo e Paulínia, a segunda colocada no ranking’, relata a reportagem. (op. Cit.)

Como havíamos dito este tipo de conteúdo ideológico, que serve como venda dessa cidade e das condições existentes nesse espaço para grupos determinados (empresários e investidores nesse caso), não dá conta de entender a complexidade de relações que ali existem.

É significativo o exemplo da BRF, que não só trouxe benefícios para esta cidade, e como pudemos identificar até aqui, foram incorporados neste espaço uma série de contradições e conflitos que desafiaram a gestão da prefeitura e seus representantes, a adaptar-se a essa nova realidade. Parte de nossa conversa com a secretária Magna Stella Rosa da Silva Quaresma, responsável pela pasta de planejamento do município, pode nos ajudar a compreender tais problemáticas, onde a mesma foi contundente ao afirmar que:

Toda empresa, ela tem que ter também, senso de responsabilidade social!

É uma das grandes cobranças que hoje a gente faz pra BRF!

Que ela passe a ajudar o município na responsabilidade social!

O município praticamente...construiu a estruturação das casas junto com eles...

Estruturou os equipamentos sociais, foram mil e poucas casas, né!

É...alí em parceria com a própria BRF.

Mas fez...o...a escola, Cecília Meireles, a...a creche, né!?

Tudo! Tudo alí!

Então precisa...o que que ela precisa? Ela precisa criar mecanismos sociais, ter assistentes sócias pra se trabalhar no bairro! (Entrevista realizada em 15/09/2017).

A continuação dessa fala nos parece extremamente importante no sentido das contradições que um mesmo evento provocou nessa realidade, incrementando nesse espaço novos desafios (com relação à violência, por exemplo), assim como impulsionou uma demanda maior por parte do comércio local (visto como algo positivo), ou seja, questões contrastantes, mas comuns dentro da realidade urbana capitalista, sobre isso relatou que:

Porque trouxe as pessoas pra cá sem saber a procedência inicialmente!

Então...mas ao mesmo tempo, é...é...essas pessoas vieram também crescer muito no município!

Porque...claro, cresceu também os índices de violência

Mas...mas...o que aconteceu? As pessoas que vieram, abasteceram quem? O nosso comércio que estava praticamente num estado de estagnação! Que funcionava assim de forma muito reduzida.

Impulsionou pra que novas lojas viessem pra cá!

Novas agências de banco viessem pra cá!

Então elas deram um 'up' para o comércio!

Mas esqueceu de trabalhar responsabilidade social!

Que não é só passar essa responsabilidade para o poder público!

Ela também ter o senso da responsabilidade social!

Esses novos desafios lançados a estas cidades fazem parte de um processo que aponta para a interiorização da indústria, rearranjando relações, moldando novos significados entre centros e periferias, produzindo novos sentidos de centralidade, incrementando este espaço com as contradições que fazem parte da realidade urbana. Damiani (2006, p. 145), corrobora com esse entendimento, ao que relaciona com a questão observada em São Paulo:

O processo geral de urbanização é um fenômeno múltiplo, diferenciado e multidimensional, de caráter mundial. E essa mundialidade atravessa inclusive as pequenas cidades. Os centros se multiplicam e os antigos centros se defendem reproduzindo de modos diferentes sua centralidade: diz-se de São Paulo se tornando uma centralidade financeira e de serviços, no momento em que a indústria se desconcentra. Há deterioração do produtivo nas grandes cidades, que se financiarizam primordialmente. Mas o produtivo não desaparece (eis em São Paulo, com o projeto do rodoanel – anel viário projetado para circundar a metrópole –, a afirmação produtiva de São Paulo, sendo que o projeto inclui centros integrados de logística; na verdade, uma alteração da plataforma logística da metrópole). a produção vai em direção ao campo, às periferias, mas não completamente. e inversamente, a urbanização atinge o campo.

Não só este caso, como de outros espaços como esse, estão cada vez mais subordinados as lógicas de mercado, com sua configuração repleta de outras formas de venda da cidade. Eventos recentes como a agroindústria, aprofundaram a desigualdade na forma como essa cidade era produzida. Há poucos anos até mesmo a prefeitura da cidade foi deslocada para outra região (mais distante do centro), sendo esta uma área de expansão, direcionada para casas de alto padrão. Para que fique mais claro sobre o que estamos nos referindo vejam as **imagens 11 e 12** a seguir:

Imagem 11: Vista da Área da Nova Sede da Prefeitura de Lucas do Rio Verde – MT.

Fonte: Santana, E. M. 2017.

Imagem 12: Prédio da Prefeitura de Lucas do Rio Verde – MT.

Fonte: Santana, E. M. 2017.

Durante nossas visitas a Lucas do Rio Verde, o que foi percebido a este respeito é uma diferença nítida no padrão das construções em diferentes regiões. No Tessele Junior como já pôde ser visto, as casas no geral são simples, pequenas, obedecem ao padrão de casas populares presentes em outras regiões do país. A região do bairro fica próxima da saída para o setor industrial onde está a fábrica da BRF, a poucos minutos de distância da mesma, afastada do centro da cidade e rodeada por silos, serralherias e outros tipos de atividades barulhentas. O bairro em si é calmo, apesar da musica alta em algumas casas, que identifica facilmente a origem das pessoas que estão ali, nortistas e nordestinos.

Essa realidade é imensamente contrastante com a nova área de expansão da cidade. Pensemos simbolicamente o contexto dessa nova área chamada “Parque dos Buritis”, está afastada do restante da cidade, assim como a prefeitura, rodeada de avenidas largas e acessíveis, fora do circuito de carretas e caminhões, destinada a apenas construções de alto padrão. A prefeitura está por assim dizer “de costas para a cidade” e de frente para este empreendimento, uma área pouco construída, com muitos lotes disponíveis, e pouco mudou a esse respeito nas três ocasiões em que visitamos esse local. As **imagens 13 e 14** dizem respeito a essa parte da cidade, que repetimos, está de frente literalmente para a nova prefeitura.

Imagem 13: Vista do bairro Parque dos Buritis em Frente a Prefeitura de Lucas do Rio Verde – MT.

Fonte: Santana, E. M. 2017.

Imagem 14: Placa do loteamento do Parque dos Buritis com casa ao fundo.

Fonte: Santana, E. M. 2017.

Nossa rápida consideração a este respeito tem como intenção mostrar que as diferenças e distâncias sociais existentes nesse espaço, são reforçadas pelo poder público e pela forma como condiciona a produção dessa cidade. A fala da secretária nos faz entender que a chegada dos trabalhadores e da BRF impulsionou o crescimento econômico desse lugar, assim como trouxe consigo os desafios da vida urbana, mas é latente nessa realidade uma distinção entre as diferentes realidades.

Um fato nos chamou atenção em nossa conversa com o representante da PROHAB no Tessele Junior, o bairro possui até uma unidade prisional, mas nem a poda das árvores é feita pela prefeitura. O Sr. Jailton nos relatou este fato como sendo uma questão simbólica da relação distante entre o Tessele Junior e o resto da cidade, da negação da existência desse bairro, chegou até mesmo a dizer que “acham que não faz parte da cidade”. E como pudemos observar em outros momentos andando pela cidade, o cuidado com esse tipo de zeladoria da cidade é muito diferente dos que pudemos observar no Tessele.

Para reforçar essa questão, perguntamos a uma trabalhadora sobre a relação dos antigos moradores da cidade com os trabalhadores que chegaram para trabalhar na BRF, a mesma de origem paraense nos disse “Ah! Não é boa não! Eu acho que eles têm uma imagem muito...sei lá, muito ruim de nós! O fato do pessoal ser paraense...” (entrevista realizada em 16/09/2017). Outro entrevistado presente nesse momento nos relatou sobre uma situação específica que ilustra a relação do bairro e das pessoas que vivem no Tessele com outras regiões da cidade, onde relatou que:

Eles têm um pouco de preconceito com a gente daqui do bairro!

Porque assim (inaudível)

Porque tipo assim... às vezes no final de semana, a gente às vezes não sai, pede uma pizza e o pessoal não vem entregar aqui!

Entendeu?!

Qual é o bairro? Aí eu peço! Aí ele ‘não faço entrega pra banda aí!’ (Entrevista realizada em 16/09/2017)

É uma negação sutil da presença dessas pessoas, mas é notável o desconforto que isso causa, o quanto tais eventos ferem esses sujeitos e segregam o bairro onde eles vivem.

Essas informações servem, juntamente com as outras que trouxemos, para pensar a contradição como esse espaço é produzido, e como as relações nesse lugar também são produzidas cotidianamente. As considerações trazidas pela Prof^a Dra. Marta Inez Medeiros Marques sobre algo que relatamos desde o início desse capítulo, da tendência homogeneizante de urbanização completa da sociedade no desenvolvimento do capitalismo, é questão relevante a ser considerada dentro de nossa discussão, pois revela justamente o que há de contraditório produzido no seio desse modo de produção, proliferado através dos signos da modernidade. A autora também nos ajuda a pensar as questões relativas à realidade de Lucas e ao que pudemos ver até aqui:

O avanço da modernidade capitalista debilitou um conjunto de instituições, gerando uma mistura contraditória entre elementos do tradicionalismo e da modernidade na qual, ora prevalecem arranjos pessoais ou corporativos, ora predominam as impessoais leis de mercado, desvinculadas de certos valores morais e éticos partilhados pela sociedade. (MARQUES. 2006, p. 179)

Conclusão

A teoria crítica nos oferece uma importante análise da realidade como está constituída sob o condicionamento do momento histórico em que vivemos. A questão do trabalho enquanto instância componente da vida (intrínseca as capacidades do homem de transformar a natureza e dar sentido ao que produz socialmente) pode ser concebido como ponto chave para se entender o real sentido de como este é reproduzido sob a imposição do capital, e o que isto significa. A produção de mercadorias põe em evidência o real sentido do trabalho para o modo de produção vigente, sendo entendido de uma forma tão empobrecida e vazia de sentido quanto à própria noção do que se produz. É relativo a este universo compreendido em sua complexidade, que temos nos esforçado, na tentativa de vislumbrar os processos através dos fatos estudados. Cabe acrescentarmos a tudo o que foi dito, a centralidade do trabalho, sobre isto o autor Geraldo Augusto Pinto (2013, p. 09), apoiando-se na crítica Marxista analisa que:

Com o desenrolar desse longo processo, o trabalho não apenas se manteve, como se mantém até hoje, como base da sobrevivência humana, o ato primário e pressuposto de toda a nossa história. Assumindo novos papéis, não apenas na apropriação da natureza e no desenvolvimento de uma concepção racional sobre ela, o trabalho consolidou a cultura dos povos e a diferenciação política interna de suas comunidades, assumindo, por fim²⁶, no âmbito da sociedade atual, o papel central na constituição das classes sociais que a compõe, sendo que, no interior destas, está a base da formação da identidade de seus indivíduos

Mesmo o trabalho enquanto conceito possui diversas formas de ser entendido, todavia é inegável o papel central que este ocupa na reprodução do modo de produção capitalista, influenciando na composição de contradições

²⁶ Apesar de tal afirmação indicar certo evolucionismo, como se o modo de produção capitalista fosse “o fim”. Parece-nos importante retomarmos a questão da possibilidade e importância do trabalho como instância produtora e reprodutora de relações nesta conclusão.

que são inerentes ao seu significado e prática dentro desse modo de produção. Nosso esforço foi o de relacionar o trabalho exercido pelos trabalhadores da BRF como sendo fruto de uma vasta gama de conflitos que revelam o limite da prática produtiva, assim como do que se produz.

Não é por acaso que no corpo da presente dissertação foram trazidas para a discussão diferentes questões e processos, níveis que se articulam e pressionam cada qual com o alcance de atuação que possui, intervindo no que se produz e no sentido dessa produção, de forma dinâmica e contraditória. A realidade é composta por relações múltiplas e complexas, ou seja, nada do que foi relatado ou que nos esforçamos em compreender aqui pode ser entendido por si só.

Apoiamo-nos em Lefebvre e em sua obra no esforço de compreensão da multiplicidade de questões e influências, dos diversos processos e níveis que compõem a realidade, como caminho estratégico para que nada seja determinado em uma lógica fechada e que advoga por uma verdade absoluta. A vida concreta oferece um algo mais que não pode ser esquecido ou menosprezado pela ciência, reivindicamos nessa pesquisa a potência da simplicidade da vida comum como momento da mais alta relevância de estudo. A realidade em Lucas pode ser compreendida através dessa lógica de pensamento, como fruto da relação complexa de processos que denotaram riqueza e desenvolvimento a um lugar que não compreende esta afirmação em sua totalidade. Vejamos o que o autor argumenta, a partir de seu entendimento sobre a complexidade da realidade, a partir da análise da cidade:

A cidade depende também e não menos essencialmente das relações de imediatez, das relações diretas entre as pessoas e grupos que compõem a sociedade (famílias, corpos organizados, profissões e corporações); ela não se reduz mais à organização dessas relações imediatas e diretas, nem suas metamorfoses se reduzem às mudanças nessas relações. Ela se situa num meio termo, a meio caminho entre aquilo que se chama *ordem próxima* (relações dos indivíduos em grupos mais ou menos amplos, mais ou menos organizados e estruturados, relações desses grupos entre eles) e a *ordem*

distante, a ordem da sociedade, regida por grandes e poderosas instituições (Igreja, Estado), por um código jurídico formalizado ou não, por uma “cultura” e por conjuntos significantes. A ordem distante se institui neste nível “superior”, isto é, neste nível dotado de poderes. Ela se impõe. Abstrata, formal, supra-sensível e transcendente na aparência, não é concebida fora das ideologias (religiosas, políticas). Comporta princípios morais e jurídicos. Esta ordem distante se projeta na realidade prático-sensível. Torna-se visível ao se inscrever nela. Na ordem próxima, e através dessa ordem, ela persuade, o que completa seu poder coator. Ela se torna evidente através e na imediatez. A cidade é uma *mediação* entre as mediações. (LEFEBVRE. 2008, p. 51-2)

O movimento que tentamos construir, tem o sentido de trazer à tona a complexidade dos processos os quais pudemos identificar no local estudado nesta pesquisa, e que trazem consigo uma rede de relações em que diferentes níveis da realidade estão presentes e imbricados.

Por certo nossa intenção não é a de cessar nenhuma das questões estudadas, a pesquisa como um todo representa um esforço, não só de análise, mas, sobretudo de aprofundamento de uma crítica baseada na realidade concreta, que nos revelou questões tão delicadas e sensíveis de serem percebidas, a nosso ver urgentes em serem expostas e entendidas. Nessa complexa realidade estão os limites e possibilidades existentes dentro do modo de produção vigente. Nela está contida a negação e afirmação das formas de reprodução do sistema.

Trazer o cotidiano em diversos momentos, e os sujeitos que vivem essa realidade cotidiana, tem para nós um sentido estratégico, sendo este um meio encontrado de superar é ir além do discurso e afirmação da riqueza e prosperidade como potências únicas e indiscutíveis. O cotidiano revela outro poder, um poder que surge dos indivíduos e é exercido por eles, mesmo estes não tendo consciência que o detém. Reproduzem o que são condicionados a reproduzir, sem com isto deixar de produzir um algo mais que foge a esta determinação.

Os trabalhadores estudados nos propiciam a abertura para diversas discussões, que se situam no momento atual da vida destes, mas que antes mesmo disso revela o condicionamento do sentido de suas vidas por meio do que aparenta ser alheio a estes. Sua força de trabalho é empurrada para outro lugar pela falta de condições que supostamente garantirão a continuidade de sua existência. Estes já inseridos em uma realidade onde a contratualidade garantiria a continuidade de suas existências, são acometidos por outras formas de exploração que os impede de viver por completo, na plenitude de suas capacidades físicas.

É de costume corrente e banalizado a afirmação de que “o trabalho dignifica o homem”, se pensarmos através de tudo o que aqui foi exposto, cabe aqui questionarmos, que dignidade é essa dada a esses sujeitos? O que há de digno na exploração despudorada que está destruindo incontáveis vidas para produzir a riqueza de alguns poucos?

REFERÊNCIAS

ABREO, Ana Carolina Santini de; RESENDE, Luci Mara. **REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE SEUS REBATIMENTOS NO SERVIÇO SOCIAL.** Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c_v4n1_reestrut.htm> Acesso em 30 de dezembro de 2017.

ALVES, Vicente Eudes Lemos. **Modernização e Regionalização nos Cerrados do Centro-Norte do Brasil: Oeste da Bahia, Sul do Maranhão e do Piauí e Leste de Tocantins.** São Paulo: Consequência, 2015.

ARRUDA, Zuleika Alves. **Onde está o agro deste negócio?** Tese (doutorado), UNICAMP, Campinas 2007.

BATELLA, Wagner Barbosa. **OS LIMIARES DAS CIDADES MÉDIAS: reflexões a partir da cidade de Teófilo Otoni-MG.** Presidente Prudente: [s.n], 2013. Disponível em: <http://www2.fct.unesp.br/pos/geo/dis_teses/13/dr/wagner.pdf> Acesso em 30 de dezembro de 2017.

BEEFPOINT. **Operação Trapaga: tudo que você precisa saber.** 2018. Disponível em <<<https://www.beefpoint.com.br/operacao-trapaca-tudo-que-voce-precisa-saber/>>> Acesso em 15 de outubro de 2019.

BRF. **Quem Somos.** Disponível em: <<https://www.brf-global.com/sobre-brf/quem-somos-nossa-historia>> Acesso em 02 de dezembro de 2017.

_____. **Relatório Anual e de Sustentabilidade 2016.** Disponível em <<brf-global.com/wp-content/uploads/2018/03/Relatório-anual-2016-PT-BR.pdf>> Acesso em 05 de janeiro de 2017.

_____. **Relatório Anual e de Sustentabilidade 2018.** Disponível em <<https://www.brf-global.com/wp-content/uploads/2019/05/Relat%C3%B3rio-Anual-e-de-Sustentabilidade-BRF-2018.pdf>> Acesso em 11 de agosto de 2019.

BTG PACTUAL DIGITAL. **Ebitda: O que é, para que serve e como calcular.** Disponível em <<<https://www.btgpactualdigital.com/blog/financas/ebitda-o-que-e-para-que-serve-e-como-calculard>>> Acesso em 17 de outubro de 2019.

CHAGAS, Eduardo F. **A DETERMINAÇÃO DÚPLA DO TRABALHO EM MARX: TRABALHO CONCRETO E TRABALHO ABSTRATO**. Disponível em: <<https://marxismo21.org/wp-content/uploads/2012/08/A-determina%C3%A7%C3%A3o-dupla...-Ed.-Chagas.pdf>> Acesso em 29 de dezembro de 2017.

CHESNAIS, François. **O Capital Portador de Juros: Acumulação, Internacionalização, Efeitos Econômicos e Políticos**. In CHESNAIS, François (org). **A Finança Mundializada**. 1ªed. - São Paulo, Boitempo. 2005.

CNA-BRASIL. Suínos. Disponível em: <http://www.cnabrazil.org.br/sites/default/files/sites/default/files/uploads/16_suinocultura.pdf> Acesso em 29 de dezembro de 2017.

COOAGRIL. Institucional. Disponível em: <<http://www.cooagril.com.br/historico.asp>> Acesso em 24 de dezembro de 2017.

DAMIANI, Amélia Luisa. **Cidades médias e pequenas no processo de globalização**. Apontamentos bibliográficos. En publicación: América Latina: cidade, campo e turismo. Amalia Inés Geraiges de Lemos, Mónica Arroyo, María Laura Silveira. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, São Paulo. 2006.

DICIONÁRIO FINANCEIRO. **O que significa lay off?** Disponível em <<https://www.dicionariofinanceiro.com/lay-off/>> Acesso em 17 de outubro de 2019.

ELIAS, Denise. Agricultura e Produção de Espaços Urbanos não Metropolitanos: Notas Teórico-Metodológicas. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Cidades Médias: Espaços em Transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

FERNANDES, Maria Esther (coord). **A Cidade e Seus Limites: As Contradições do Urbano na “Califórnia Brasileira”**. São Paulo: Annablume; Fapesp; Ribeirão Preto: Unaerp, 2004.

FORUM. **Entenda o Que é Compliance e descubra os principais benefícios para as empresas.** Disponível em <<<https://www.editoraforum.com.br/noticias/entenda-o-que-e-compliance-e-descubra-os-principais-beneficios-para-as-empresas/>>> Acesso em 10 de Outubro de 2019.

LEFEBVRE, Henri. **A Vida Quotidiana no Mundo Moderno.** Lisboa, Editora Ulisseia. 1969 [1968].

_____. **A Revolução Urbana.** Tradução de Sérgio Martins – Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

_____. **O Direito à Cidade.** Tradução Rubens Eduardo Frias. 5ªed - São Paulo: Centauro. 2008.

IBGE. **Cidades e Estados.** Disponível em: <<<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mt/lucas-do-rio-verde.html>>> Acesso em 01 de outubro de 2019.

LEIS MUNICIPAIS. **LEI Nº 2.612, de 30 de Dezembro de 2016.** Disponível em: <<http://leismunicipa.is/jpvnf>> Acesso em 21 de dezembro de 2017.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira. A degradação do outro nos confins do humano.** 2ª ed. - São Paulo: Contexto, 2012.

MARQUES, Marta Inez Medeiros. **ENTRE O CAMPO E A CIDADE: FORMAÇÃO E REPRODUÇÃO SOCIAL DA CLASSE TRABALHADORA BRASILEIRA.** AGRÁRIA, São Paulo, Nº 5, pp. 170 - 185, 2006.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos.** São Paulo: Boitempo, 2004.

MT AGORA. **Lucas do Rio Verde é a 5ª melhor cidade do país para negócios.** Disponível em <<http://www.mtagora.com.br/cidades/lucas-do-rio-verde-e-a-5-melhor-cidade-do-pais-para-negocios/106237496>> Acesso em 02 de outubro de 2019.

MUNDO SINDICAL. **Notícia - Trabalhadores da BRF entram em estado de greve em Lucas do Rio Verde- MT.** Disponível em <<http://www.mundosindical.com.br/Noticias/23124,Trabalhadores-da-BRF->

entram-em-estado-de-greve-em-Lucas-do-Rio-Verde-MT> Acesso em 02 de outubro de 2019.

O GLOBO. **BRF tentou abafar denúncia de funcionária, diz juiz.** Disponível em <<<https://oglobo.globo.com/economia/brf-tentou-abafar-denuncia-de-funcionaria-diz-juiz-22457900>>> Acesso em 02 de fevereiro de 2019.

_____. **BRF cai quase 20% após nova fase da Carne Fraca; Ibovespa sobe 0,30%.** Disponível em <<https://oglobo.globo.com/economia/brf-cai-quase-20-apos-nova-fase-da-carne-fraca-ibovespa-sobe-030-22456816>> Acesso em 02 de fevereiro de 2019.

_____. **Ex-presidente da BRF, indicado por Abilio Diniz, é preso em nova fase da operação Carne Fraca.** Disponível em <<https://oglobo.globo.com/economia/ex-presidente-da-brf-indicado-por-abilio-diniz-presno-em-nova-fase-da-operacao-carne-fraca-22456693>> Acesso em 02 de fevereiro de 2019.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **Amazônia: monopólio, expropriação e conflitos.** Campinas: Papirus, 1987.

_____. **A FRONTEIRA AMAZÔNICA MATO-GROSSENSE: Grilagem, Corrupção e Violência.** São Paulo: Iandé Editorial, 2016.

_____. **Integrar para não entregar: políticas públicas na Amazônia.** Campinas: Papirus, 1988.

PINTO, Geraldo Augusto. **A organização do trabalho no século 20: taylorismo, fordismo e toyotismo.** 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

PORTAL IBC. **Rotatividade de Funcionários – Entenda as Causas.** Disponível em <<http://www.ibccoaching.com.br/portal/rh-gestao-pessoas/causas-rotatividade-de-funcionarios/>> Acesso em 29 de dezembro de 2017.

PREFEITURA DE LUCAS DO RIO VERDE. **Economia**. Disponível em: <<http://www.lucasdorioverde.mt.gov.br/portal/economia/economia.php>> Acesso em 12 de novembro de 2017.

_____. **Características**. Disponível em: <<http://www.lucasdorioverde.mt.gov.br/portal/caracteristicas/caracteristicas.php>> Acesso em 12 de Novembro de 2017.

PREFEITURA DE NOVA MUTUM. **Dados Geográficos**. Disponível em: <<http://www.novamutum.mt.gov.br/nova-mutum/dados-geograficos>> Acesso em 24 de dezembro de 2017.

SEU DINHEIRO. **Os conselhos de Pedro Parente para reerguer a BRF e a economia do Brasil**. Disponível em <<https://www.seudinheiro.com/pedro-parente-conselheiro-brf>> Acesso em 15 de outubro de 2019.

SAUVIAT, Catherine. **Os Fundos de Pensão e os Fundos Mútuos: Principais Atores da Finança Mundializada e do Novo Poder Acionário**. In CHESNAIS, François (org). **A Finança Mundializada**. 1ªed. - São Paulo, Boitempo. 2005.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Cidades Médias: Espaços em Transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SUINOCULTURA INDUSTRIAL. **Sadia Amplia Complexo em Construção no Mato Grosso**. Disponível em: <<https://www.suinoculturaindustrial.com.br/imprensa/sadia-amplia-complexo-em-construcao-no-mato-grosso/20070705-064907-2889>> Acesso em 27 de dezembro de 2017.

WIKIHOW. **Como Calcular uma Taxa Percentual de Crescimento Anual**. Disponível em <<<https://pt.wikihow.com/Calcular-uma-Taxa-Percentual-de-Crescimento-Anual>>> Acesso em 26 de outubro de 2019.

WIKIPÉDIA. **Lista de Prefeitos de Lucas do Rio Verde**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_prefeitos_de_Lucas_do_Rio_Verde> Acesso em 21 de dezembro de 2017.

ANEXOS:

ROTEIRO DE ENTREVISTA (Trabalhadores da BRF)

Breve apresentação do aluno e da pesquisa: **Precarização do Trabalho e Produção do Espaço.**

1. **Apresentação da entrevistada:** (naturalidade; há quanto tempo mora Lucas do Rio Verde; em Mato Grosso morou em outras cidades; É solteiro; Como é a composição da sua família; estão todos no seu lugar de origem; algum ente ficou para trás; formação; trajetória e outras atividades profissionais).
2. **Sobre o Trabalho:** Há quanto tempo trabalha na BRF; já trabalhou em outras atividades além da que exerce hoje; Qual sua atividade na empresa atualmente, É contratado ou terceirizado (como é seu contrato de trabalho); Como está organizado o seu trabalho (gestão coletiva); o que consiste; Quantas horas trabalha por dia; Quanto recebe por mês; Se sente satisfeito trabalhando na empresa. Quanto ao futuro, pretende continuar trabalhando na empresa ou mesmo na função que exerce atualmente.
3. **Cotidiano:** Qual é o seu tempo livre (como está organizado); Quais lugares costuma frequentar na cidade no seu tempo livre; É Próximo ao Tessele Junior; costuma frequentar a casa de outros moradores.
4. **Sobre a cidade:** O que acha de morar em Lucas; pontos positivos e negativos de morar na cidade; como se sente com relação a cidade; e quanto aos moradores de Lucas, como pensa que é visto por eles; qual sua relação com eles; pretende continuar vivendo em Lucas futuramente.
5. **Sobre o Conjunto habitacional:** (como está a situação da moradia; os trabalhadores tem direito a casa onde moram; se sente bem morando no Tessele Junior; como é a convivência entre os moradores; existe algum evento que possa contar sobre o cotidiano no conjunto habitacional; pretende continuar morando nesta casa, ou mesmo no bairro.
6. **Contribuições a Pesquisa:** (existe algo mais que queira contribuir para a pesquisa?

ROTEIRO DE ENTREVISTA (Secretário)

Breve apresentação do aluno e da pesquisa: **Precarização do Trabalho e Produção do Espaço.**

1. **Apresentação do entrevistado:** (naturalidade; há quanto tempo mora em Lucas do Rio Verde; em Mato Grosso morou em outras cidades; formação; trajetória e outras atividades profissionais; há quanto tempo está no Departamento de Habitação;
2. **Sobre a estrutura/funcionamento do Departamento:** como está organizada a Secretaria da qual faz parte; que estrutura física/material e de recursos humanos a Secretaria conta; qual é o orçamento da pasta da qual é membro (quantos % isso significa do orçamento da Secretaria e da Prefeitura); quais são as atribuições/competências principais do Depto. Da qual faz parte; há um trabalho coordenado da Secretaria com outros departamentos municipais, Quais os programas estão sendo desenvolvidos em Lucas, infraestruturas etc.;
3. **Panorama das Competências da Secretaria/Problemáticas atuais de Lucas:** quais são os principais problemas ligados à competência desta secretaria na cidade; há famílias em situação de vulnerabilidade (caso seja uma conversa ligada a habitação por exemplo, fazer uma relação com a vulnerabilidade das habitações); quantas famílias encontram-se nesta situação; quem são essas pessoas (perfil das famílias: origem, onde trabalham, rendimentos); motivos prováveis pelos quais não têm acesso a isto (desemprego, valorização imobiliária); existem moradias subnormais (favelas, barracos, cortiços) em Lucas do Rio Verde; quais são os bairros mais carentes da cidade do ponto de vista urbanístico (infraestruturas básicas como pavimentação, iluminação, esgotamento sanitário, acesso a equipamentos urbanos como creches, escolas, transporte etc.);
4. **Regularização fundiária:** do ponto de vista da legalidade dos títulos de propriedade, existem áreas/bairros na cidade que ainda não são regularizados; quais são; por que essa situação ocorreu; há ocupações de famílias sem teto ou sem terra; há algum movimento social organizado de luta pela moradia ou acesso a terra em Lucas; há loteamentos clandestinos/irregulares na cidade;

5. **Projetos desenvolvidos pela Prefeitura através da Secretaria:** que políticas e programas a Prefeitura desenvolve em termos de habitação; quantas famílias vêm sendo atendidas nesses programas; qual o perfil dessas famílias; como são desenvolvidos esses programas (compra de terreno, projeto, licitação, financiamento); dos programas vigentes, se tratam de programas municipais, estaduais ou federais; onde estão localizados estes empreendimentos;
6. **Parcerias com o setor privado:** existem programas de construção de moradias realizados em parceria com empresas de grande porte instaladas no município, grandes empregadoras de mão de obra e que atraem trabalhadores de outras regiões do Brasil (a exemplo da BRF); quais são esses empreendimentos; como funcionam estas parcerias; quantas famílias estão incluídas nesses programas; quantas unidades habitacionais foram construídas; como e quando os imóveis são transferidos para os trabalhadores;
7. **Expectativas do Plano Diretor quanto à política da secretaria em questão:** a questão da qual trata a secretaria vem sendo considerada na elaboração do Plano Diretor; de que modo; existiu ou existe algum processo de desapropriação em Lucas do Rio Verde; há desapropriações previstas em função de novas obras ou intervenções;
8. **Dinâmica imobiliária e valorização do solo urbano (caso a pesquisa ocorra com representantes ligados a habitação por exemplo):** como está organizado o setor imobiliário na cidade; existem muitas empresas; são empresas locais ou regionais; existem muitos loteamentos sendo construídos; qual é a principal empresa imobiliária da cidade; essas empresas atendem às demandas dos moradores mais pobres;
9. **Dados, materiais e informações:** existe a possibilidade de consulta ou disponibilização de dados e mapas referentes aos projetos da Prefeitura ligados à pasta da secretaria; áreas de vulnerabilidade, projeção de crescimento etc. para nossa pesquisa;

Roteiro de Entrevista (Sindicato)

Breve apresentação do aluno e da pesquisa: **Precarização do Trabalho e Produção do Espaço.**

1. **Apresentação do entrevistado:** (naturalidade; há quanto tempo mora em Lucas do Rio Verde; em Mato Grosso morou em outras cidades; formação; trajetória e outras atividades profissionais; há quanto tempo está a frente do Sindicato;
2. **Sobre o Sindicato:** A quanto tempo o Sindicato existe em Lucas do Rio Verde, representa quantos trabalhadores atualmente; Histórico (existe um antes e depois da chegada da BRF em Lucas), possuem militância conjunta com outros sindicatos ou organizações.
3. **BRF:** quais os principais casos tratados pelo Sindicato hoje em dia; houveram atos contrários as políticas da empresa, quais os resultados desses atos; existem processos contra a BRF hoje em dia, de qual tipo; qual a relação do sindicato com a empresa hoje em dia, e com os trabalhadores da BRF; na empresa existem funcionários terceirizados, eles são representados pelo sindicato (se não, quem os representa). Como vê a questão da chegada dos trabalhadores, existe algum tipo de acolhimento dessas pessoas por parte do sindicato.
4. **Contribuições a Pesquisa:** existe algo mais que queira contribuir para a pesquisa? (dados, documentos ou algo do tipo)